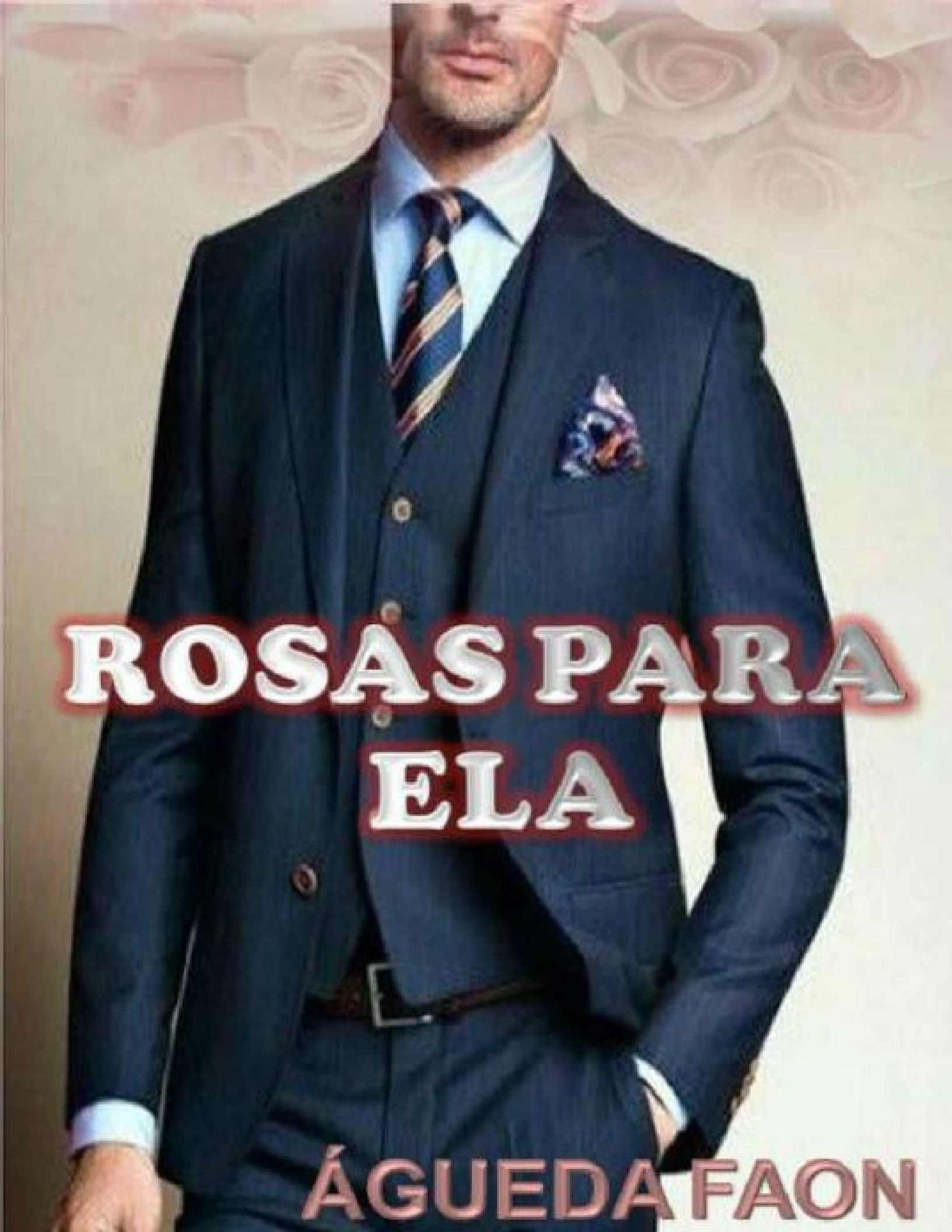




ROSAS PARA ELA

ÁGUEDA FAON



ROSAS PARA ELA

Águeda Faon

MINHA AGRADÁVEL DAMA...

Copyright © 2018 by Águeda Faon

Silva, Fabiana Ester, 1984 – Rosas para Você / Agueda Faon;

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito da escritora.

Os infratores serão processados na forma da lei.

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)
[CAPÍTULO 4](#)
[CAPÍTULO 5](#)
[CAPÍTULO 6](#)
[CAPÍTULO 7](#)
[CAPÍTULO 8](#)
[CAPÍTULO 9](#)
[CAPÍTULO 10](#)
[CAPÍTULO 11](#)
[CAPÍTULO 12](#)
[CAPÍTULO 13](#)
[CAPÍTULO 14](#)
[CAPÍTULO 15](#)
[CAPÍTULO 17](#)
[CAPÍTULO 18](#)
[CAPÍTULO 19](#)
[CAPÍTULO 20](#)
[CAPÍTULO 21](#)
[CAPÍTULO 22](#)
[CAPÍTULO 23](#)
[CAPÍTULO 24](#)
[CAPÍTULO 25](#)
[CAPÍTULO 26](#)
[CAPÍTULO 27](#)
[CAPÍTULO 28](#)
[CAPÍTULO 29](#)
[CAPÍTULO 30](#)

CAPÍTULO 31

CAPÍTULO 32

CAPÍTULO 33

CAPÍTULO 34

FINAL

CAPÍTULO 1

Está bem. Eu admito. Devo ter deixado o romantismo em algum dia solitário, talvez num fora inesperado, numa discussão ofensiva, num beijo vazio, ou quem sabe até mesmo numa despedida forçada. Desculpa, mas eu não sei mais. Sério.

O fato é que me deparar com estas rosas em cima da minha mesa, onde minhas colegas de trabalho estão reunidas comentando animadas sem parar agora, não faz nenhum sentido para mim. Ok! As flores são lindas e têm esse tom rosa tão delicado. Apesar de todas as fases multicores que vivi essa ainda é minha cor preferida.

Lançando um olhar indignado para as rosas, pego o cartão que as acompanha e após lê-lo digo para as mulheres alvoroçadas ao meu redor:

- Quem em sã consciência nos dias de hoje se dá ao trabalho de enviar flores para alguém e tem a cafonice de escrever “De seu admirador secreto”?

Stella, com seus cabelos lisos e compridos, boca de sorriso largo, trinta e dois

anos de idade, a gordinha mais animada que já conheci nos meus vinte e oito anos de vida, cuja mesa de trabalho ficava de frente para a minha, encontrava-se ao meu lado. Mais feliz do que eu pelo presente, ela disse:

- Por que isso importa Malu? Pode ser o mais louco dos psicopatas. – com um olhar morteiro para o buquê de rosas, acrescentou suspirando: - Pelo menos ele é romântico!

No caso de Stella, o romantismo dorme, acorda e escova os dentes com ela, ainda faz todas as refeições junto, e toma conta de todos os seus pensamentos. Mas não se enganem. Não estou falando do marido carrancudo e louco por futebol dela. Antes fosse. É que ela é romântica por natureza mesmo.

Em seus oito anos de casamento, foi ela quem sempre comprou os presentes para comemorar os aniversários da relação. Faz as reservas no restaurante. Enche a cama com pétalas vermelhas. Coloca uma música romântica para acompanhar o rápido sexo feito no escuro. Todo ano a mesma coisa. E pasmem: Ela conta tudo isso sorrindo e empolgada! Quanto ao Marcos, o gordinho sortudo, gerente de banco, apenas se beneficia e em nada acrescenta, o que justifica os suspiros dela ao meu lado agora.

Nívia, a mais novinha da nossa sala, com vinte anos de idade, cabelos bem curtos e lisos, cada semana de uma cor, que incluem todas as cores mesmo: roxo, verde, vermelho, azul, cuja mesa ficava a esquerda da minha, falou:

- Pode ser de um escritor tentando te bajular...

Ah sim! Verdade! Quase ia me esquecendo de contar. Trabalhamos numa editora, chamada “Editora Foltrany”. Fica na avenida paulista, no estado de São Paulo, próxima da Estação Consolação, um dos metrô aqui. Todos os dias nós recebemos incontáveis originais por e-mail e pelo correio, especialmente quando o senhor Aquiles, dono da editora, anunciou que no mês de fevereiro serão anunciados três livros para serem publicados em abril, em comemoração aos três anos desta nova empresa dele. Isso fez deste lugar uma loucura! O ano de dois mil e dezessete começou a todo vapor.

Para interagir com o público, tanto leitores como escritores, eu mantenho um blog na internet, chamado “Malu Literária”. Lá eu atualizo informações sobre as novidades da nossa editora, posto dicas para os escritores melhorarem a qualidade de suas obras, eu faço resenha dos livros que leio, sempre mostro os livros que ando comprando, enfim... Esta interação toda dura o dia inteiro, e às vezes até boa parte da noite. Meu celular e meu computador vivem badalados. Converso com mais pessoas online do que com seres humanos ao vivo e a cores.

Sobre o comentário da Nívia, a última coisa com que ela poderia associar o presente inusitado desta manhã seria a algo verdadeiramente romântico. Da mesma forma que ela troca a cor de seu cabelo, troca também de parceiros de

cama. É só isso o que procura desde que flagrou seu namorado a traindo com outro homem no apartamento dele. Passou a dispensar por completo qualquer tipo de envolvimento emocional.

Em contrapartida à dedução de Nívia, Loren, a mais velha do departamento, trinta e cinco anos de idade, loira de cabelos curtos e crespos, casada há dez anos com um machista inconformado de ganhar menos do que a esposa nos últimos dois anos, mãe de três filhos recém chegados à adolescência, disse:

- É difícil saber com certeza quem possa ter enviado, mas admito sentir um friozinho na barriga pensar em ganhar flores tão bonitas assim, e que em algum lugar há um homem que me admira.

Dá para imaginar a nossa cara de pena depois deste comentário, não é?!

Maravilhosa como sempre, Stella entrou em ação caminhando até Loren e enquanto a abraçava, falou:

- Pode deixar loirinha! Estou longe de parecer um homem. – olhando de relance na minha direção e na de Nívia, ressaltou: - Que bom, não é? – em seguida colocou as mãos nos ombros de Loren, e disse: - Mas eu te admiro e a partir de hoje vou te comprar flores sempre que eu comprar para mim mesma também!

Talvez pela conversa ficar tensa demais para ela, Nívia desistiu de babar no meu presente, e disse:

- Vou voltar ao trabalho. Tenho muitas histórias de vampiro para analisar.

Colocando finalmente minha jaqueta jeans na cadeira, joguei o cartão no lixo, peguei as rosas, e falei:

- Aqui está Loren. Fica com elas. Também te admiro e acho que você vai curtir mais do que eu esse mimo.

Antes que Loren esboçasse qualquer tipo de reação, Stella adiantou-se tomando as flores da minha mão, dizendo:

- Ai que ótimo! Vou colocá-las numa jarra com água.

Rindo, Loren disse ao retornar para trás do seu computador, localizado na frente da mesa de Nívia:

- Quem precisa de um admirador secreto quando se têm vocês na vida?

Depois de enviar um beijo voador para Loren, dei início à rotina que eu mais amo na minha existência: Sentei, liguei o computador, e enquanto o sistema operacional era carregado, peguei meu celular e comecei a responder as infinitas mensagens aguardando minha atenção.

Na sua grande maioria eram de autores ansiosos para saberem se seriam ou não publicados. Confesso que é culpa minha. Dei esta liberdade e, portanto, arco com as consequências. Mas eu entendo a aflição deles. Jamais ousei escrever um livro. Definitivamente não tenho dom ou paciência para isso, no entanto, sei

muito bem o que é aguardar por uma oportunidade de algo que ansiamos.

Só que eu não pego leve. Ah! Não mesmo! Minha análise é criteriosa. Leio muito, estudei muito. Tornei-me um cão farejador de talentos com tino aguçado. Também não economizo na hora de “mandar a real” para os aspirantes da literatura. Tenho certeza que dói ouvir minha análise desfavorável, porém, quando a ferida cicatriza, os coitadinhos não ficam patinando num terreno escorregadio demais para eles. Lógico que nunca deixo de incentivar que busquem evoluir. Muitos só precisam de um esforço maior para lapidar a pedra bruta. Daí o meu blog, que dentre outros conteúdos diversificados, contém dicas mega eficazes para autores.

E falando outra vez do meu blog, foi graças a ele que com menos de um ano na editora, ganhei um aumento considerável no meu salário. Não há problemas em contar: Minhas colegas de trabalho ganham cinco mil por mês. Com o meu aumento de dois mil reais, fui direto para a casa dos sete mil mensais. Ou seja, atualmente não tenho o que reclamar da vida, a não ser o fato de morar longe da minha família, que reside no Rio de Janeiro.

Tudo começou quando eu buscava um emprego. Já procurava há um ano, e nada de alguém me dar uma chance. Anteriormente estava no último ano da faculdade, cursando administração, e achava que seria efetivada na empresa onde fazia estágio. Contudo, o período de estágio acabou e aos poucos fui descobrindo a realidade degradante do Brasil: Se você não estuda, tem zero ou pouquíssimas chances de conquistar uma boa vaga de trabalho. Se você estuda, precisa competir com os milhares que fizeram o mesmo, e que não raras às vezes, possuem mais atalhos do que você para chegarem a ocupar um espaço dentro de uma empresa. Inclua esse fato à condição de estarmos num país dilacerado pela corrupção, que dentre outras más consequências, inibe a sobrevivência das pequenas empresas devido aos inúmeros e altos impostos, e o resultado é nada mais e nada menos do que o apavorante desemprego. Claro que eu sei que isso não é novidade para ninguém, mas como fez parte da minha história, preciso expressar meu desagrado.

Porém a sorte bateu na minha porta quando recebi um e-mail com o título “CONTRATA-SE SEM EXPERIÊNCIA”. Lá dizia para eu comparecer ao Píer de Cabo Frio, no Rio de Janeiro, sem a necessidade de levar currículo. Não contei para ninguém. Disse que ia passar um final de semana na casa de uma amiga. Estava desesperada. Mesmo achando tudo aquilo muito estranho, eu me joguei de cabeça. Lá conheci o bilionário Aquiles Foltrany e sua esposa na palestra que eles ministraram antes da competição dentro de um navio luxuoso, onde quem encontrasse o contrato, seria o mais novo funcionário do anãozinho para lá de hiper ultra desenvolvido no mundo dos negócios. Então, encontrei o

contrato. Foram dois dias de muita agonia, competindo com quinhentos candidatos! Por isso cá estou eu.

E este prédio é surpreendentemente maravilhoso. Aqui não funciona apenas uma editora. O senhor Aquiles concentra muitas operações de seus múltiplos negócios neste edifício. Minha sala fica no décimo quarto andar. É ampla e decorada com miniaturas e estátuas grandes de personagens de todo tipo de história. A parede de vidro no lado da rua nos permite apreciar uma vista singular da cidade de São Paulo. Como todos aqui foram contratados pelo mesmo método que o meu, posso dizer que vivo num mundo paralelo. Quem sabe chegaria a ser meloso dizer o quanto as pessoas trabalham felizes neste lugar. Todos são bem treinados, remunerados, e as novas ideias são reconhecidas da melhor forma possível.

Óbvio que nem tudo é perfeito. Há sempre os que nunca se satisfazem com nada. Por exemplo, recebi uma onda de energia negativa quando fui promovida, porque isso foi divulgado para a empresa toda, a fim de me colocar como exemplo. Sofri muitas situações desagradáveis com meus colegas, excetuando as mulheres com quem trabalho. Temos uma genuína relação de cumplicidade isenta de olho gordo.

Como eu sempre lembro: O mar de rosas é uma ilusão. Afinal de contas, estamos num mundo capitalista, o que quer dizer: Traga dinheiro para editora, ou... Vamos colocar alguém no seu lugar que o faça! Esta é a mensagem subliminar em cada canto deste luxuoso prédio. Não dá para reclamar desta mensagem, não é mesmo? Justiça acima de tudo. Como manter a grande máquina sem dinheiro?

Estas três mulheres aqui comigo na sala conseguem manter o resultado considerável de vendas com os manuscritos aprovados por elas. Dose que eu também repito desde que entrei, há quase três anos. Por isso fomos colocadas todas juntas, e isso tem sido sinônimo de sucesso.

Bem, chega de responder mensagens no celular. Já são quase nove horas da manhã. Meu sistema está mais do que carregado. Para divulgar o blog, eu me utilizo do Instagram. Excelente ferramenta por sinal! Depois de responder meus seguidores, “alguns acabam ficando para trás”, não tem jeito, abro meu blog e meu e-mail.

Minha foto sorrindo e segurando um livro de Jane Austen é a capa do blog. Lá estou eu: cabelos lisos, pintados de preto, olhos castanho-claros, pele morena. A propósito, não sou bonita. Arrumada fico “um pouco interessante”. Juro que nunca liguei de verdade para isso. Todos os homens que se interessaram por mim admitiram serem apaixonados pela minha simpatia. Pena que eles também se apaixonaram pela simpatia de outras garotas. Isso explica meu status de solteira

desde... Ah! Não quero falar sobre isso.

Na área de trabalho do meu computador existe uma pasta chamada “Autores”, onde dentro dela agrupei outras pastas contendo os originais que eu recebo, configuradas com o nome de quem me enviou. Do lado existem outras duas pastas, com a mesma estrutura. Uma para os originais que reprovoo, com o devido parecer no final da última página, e outra para os que eu aprovo. Cada original vem acompanhado da ficha bibliográfica do pretendo autor ou autora. Estas pastas estão compartilhadas na rede. Quando o setor de informática recebe meu ok e os nomes, enviam os pareceres para os autores dos originais reprovados.

Quanto aos aprovados, marco uma reunião com o senhor Aquiles e aí preciso provar para ele por “a mais b” as razões de eu julgar a obra publicável. Isso implica muitas vezes numa pesquisa de campo, como um trabalho porta a porta mesmo. Visito faculdades, faço enquetes no meu blog, entro em contato com youtubers e por aí vai... Ninguém quer arriscar lançar um livro bomba! Assim também é feito pelos outros dez responsáveis por esta tarefa aqui dentro, o que inclui minhas companheiras de sala.

Hoje é quatro de janeiro. Temos pouquíssimo tempo para achar os livros que serão anunciados em fevereiro. É aí que mora a grande diversão. Nosso querido bilionário Aquiles irá selecionar os três livros dentre os que nós oferecermos. Os responsáveis pelos livros que ele escolheu, ganharão um prêmio que somente o senhor Foltrany sabe dar!

Enquanto baixo alguns originais do meu e-mail e os coloco em suas respectivas pastas, lanço a pergunta para as minhas colegas:

- Algum palpite para o prêmio que vamos ganhar este ano?

Stella ficou animada:

- Aí sim! Gostei. Espírito de campeã na área!

Minha pergunta deu margem para que elas começassem a conversar, mas alguma coisa está acontecendo comigo, o que me fez fingir um alto nível de concentração na tela do meu computador para justificar minha ausência no diálogo.

Mantendo o disfarce, olhei bem rápido para as rosas em cima da mesa de Loren. Não acredito! Ai que raiva de mim! Estou curiosa para saber quem as enviou.

Volto com rapidez para a minha leitura imaginária. Elas continuam conversando. Começo a repassar os caras com quem saí aqui em São Paulo, ou os que às vezes me lançavam olhares de lobo mau dentro da editora.

Tinha o Jack, bombeiro. Ai, céus! Pegada forte, mãos de anjo. Mas nas últimas duas vezes que saímos, eu mal conseguia ficar perto dele por causa do mau hálito, sem falar nas conversas detalhando os casos de óbito do seu dia a

dia. Decepcionante e medonho! Teve também o contador, Murilo, gracinha de rapaz. Pena que para ele parecia mais interessante discursar sobre números do que tentar se aproximar de mim, ou até mesmo me deixar falar. Quase me senti como a analista particular dele. Só rolou um beijo porque eu dei a largada. Sem chance! Com o pizzaiolo foi bom, mas o coitadinho era carente demais. Saímos três vezes e ele já me mandou um “eu te amo”. Nossa! Mudei até o número do meu celular depois disso.

Se bem que eu não deixo rastros. Nunca digo meu nome verdadeiro, nem nada real sobre mim. Tenho um número só para os casos da balada. Então não acredito que haja possibilidade de ser um deles que me enviou estas rosas.

Já na editora ninguém parecia estar tão interessado assim a ponto de me mandar flores e pagar de admirador secreto. Ninguém que fizesse sentido para falar a verdade. Sei lá... Quem sabe Nívia tivesse razão: Escritores costumam ser muito criativos. Isso bem poderia ser um plano para me envolver e assim conseguir minha aprovação.

De repente fui obrigada a fazer parte da conversa. Stella parecia estar brava comigo quando disse:

- Hei mocinha! Está em Júpiter ou em Marte?

Infelizmente ficou claro que meu corpo naquele momento era quase um avatar sem espírito algum. Tratei de assumir o controle dele outra vez me ajeitando na cadeira. Pensei numa ou duas respostas. Quando vi já estava em pé, e falei:

- Desculpe meninas. Prometo que daqui a pouquinho eu volto...

Então eu as deixei lá, com suas bocas preparadas para aterrissagem de moscas e afins, já que na parte da manhã nunca levanto antes das onze da mesa, a não ser para ir ao banheiro, que fica dentro da nossa sala, e fui dar uma de Sherlock Holmes...

Vou falar uma coisa: Ser humano por si só é curioso. Mas mulher! Nunca vi igual. Preciso descobrir quem me enviou estas flores o quanto antes!

CAPÍTULO 2

Estou indo atrás da única pessoa nesta empresa que é responsável por fazer as entregas tanto do correio quanto dos originais que deixam na portaria para os funcionários: Rupert. Um senhor magrelo, divertido e cheio de disposição. As rosas sem sombra de dúvidas passaram pelas mãos dele.

Mas espera... Como descrever a cena que vejo agora? Estou quase me aproximando do elevador. Ele está em frente à sala da editora-chefe, Elisa. Estão conversando. Não, não é o senhor Rupert. Aliás, como comparar o porte físico de Rupert com o dele? Ele está de braços cruzados, atento ao que Elisa fala. Alto e atrativo, de um jeito perturbador.

O mundo ficou em câmera lenta. Estranho. Percebo que sou notada por ele, pois sua cabeça se vira para o lado esquerdo, e talvez ele esteja olhando mesmo para mim. Sim, talvez. Não tenho como ter certeza. Ele usa... Usa uma máscara que encobre todo o seu rosto. Difícil entender. Mas a conversa foi interrompida. Isso fica bem nítido.

Céus! Sem resistir diminuo meus passos ao me aproximar. Então posso ver com clareza os traços dourados presentes na máscara preta. Eles se moldam aos contornos da face oculta. Num instante eterno nos encaramos de fato, como se fôssemos os personagens principais num romance. Consigo ver seus olhos cravados nos meus. Que olhos são esses? Uma cor comum, um tipo de castanho... Escuro, mas grandes e cheios de presença.

A intensidade deste olhar me faz achar que estou presa num lugar fechado demais para conseguir continuar respirando.

Luto contra os instintos do momento explosivo que acabo de viver e prossigo andando até o elevador. Acho que uma lente especial poderia exibir o magnetismo eletrizante que me faz ter vontade de parar e caminhar outra vez na direção dele. Porém meu bom senso permanece lúcido.

Como que num ambiente de ar rarefeito alcanço o elevador. Enquanto aperto o botão para abri-lo, viro com cuidado a cabeça para a direita, quase que sem ar nos pulmões. Puxa! Ele acabou de entrar na sala de Elisa.

A porta do elevador se abre. Nunca foi tão difícil entrar nele. Que ótimo estar vazio! Se alguém me visse agora acharia que estou passando mal. Demoro a apertar o botão do térreo e quando o faço me arrependo.

Tenho que voltar! Posso conseguir uma desculpa para falar com Elisa e assim descobrir quem ele é. Talvez seja muito louco pensar que seja ele o autor das flores. Contudo, tão inusitado quanto elas nesta manhã, é a presença desse estranho. Sem falar na excentricidade do que estou sentindo.

Por um instante o bom senso me repreende e penso “Pare de se comportar como uma adolescente com os hormônios à flor da pele”. Só que eu não sou desse jeito. Não é apenas vontade de tocá-lo. É um desejo desesperado de saber quem é ele. Por que a máscara? Eles conversavam como se o fato do rosto dele se encontrar coberto fosse algo muito natural.

Inebriada pela vontade descomedida de vê-lo outra vez, aperto o botão do décimo quarto andar. O elevador aparenta processar a nova requisição. A porta se abre no quinto andar. Ninguém à espera. Novamente com a porta fechada, começo a subir.

Olha o que estou fazendo agora: Penteando meu cabelo com a mão e desejando ter ao menos posto uma corzinha nos lábios. Quem eu sou neste momento? Desde quando eu me importo com minha aparência? Nossa... Estou olhando no espelho para checar meu visual! Que alucinógeno tinha naquele olhar?

Tudo bem que eu capricho nas minhas roupas. No entanto, é uma atitude exclusiva para facilitar minha aceitação na sociedade. Bem sabemos o quanto ela vive de imagem. Se a cara não ajuda muito, compense no estilo.

Ai! A porta se abriu. Respiro fundo e começo a imaginar o que vou dizer para Elisa. “Oi. Tenho uma reunião três horas com o senhor Aquiles. Estou em dúvida se apresento um romance de época ou um romance contemporâneo. Tenho dois originais ótimos! Pode me ajudar daqui a pouco?” Não... Nada a ver. Talvez “Você acha que é bom convidarmos mais pessoas da imprensa para o lançamento de sexta?” É, acho que isso meio que cola. Também não importa, ela é tão legal e cheia de assunto. Só de me ver entrando já vai dizer automaticamente algo.

Antes de sair do elevador verifico se meu macacão jeans está ok. Percebo que estou satisfeita por ele ser agarradinho. Junto com o salto alto dá a ideia de eu ter um corpão. Como isso é absurdo. Logo eu!

Ah! O fenômeno da boca seca. Está acontecendo agora. Que coisa! A última vez que fui premiada com isto foi na faculdade, minutos antes de apresentar o trabalho de conclusão de curso, ou quando por pouco um garoto não me rouba o contrato dentro do navio durante a competição.

Quando chego até a porta quase faço o sinal da cruz, como se Deus fosse abençoar meu assanhamento. Poxa, mas não é. Quer dizer, quando me olharam daquela maneira? Excetuando os caras bêbados da balada e os tarados das ruas, jamais fui visualizada com tamanha intensidade. Juro! Ele olhou dentro de mim. Ultrapassou minha iris e chegou bem perto do meu infinito, fazendo parecer que seria capaz de desvendar segredos sobre mim que nem eu sabia, num tempo ínfimo.

Admito, porém, que sua figura segura de si, o típico moço bem-apessoado,

naquele terno preto, chamaria a atenção de qualquer mulher, independente do seu estado civil. Mas eu já estaria no térreo conversando com o senhor Rupert se não fosse “aquele olhar”.

Como a porta está fechada, bato com delicadeza por três vezes. Ouço Elisa dizer:

- Pode entrar.

Antes do primeiro passo o coração já ameaça perfurar meu pulmão e quebrar minha caixa torácica. Ah não! Como assim? Ele não está aqui. Olho para todos os cantos da sala, de forma que fosse possível encontrá-lo debaixo do tapete felpudo ou atrás das estantes com bonecos de personagens de história.

Olho para Elisa e quase pergunto “Cadê ele?”. Tento moderar meu desapontamento e questiono o mais casual possível:

- O moço que estava com você é mágico? Estava aqui agora pouco. Não vi ninguém indo para o elevador.

Entretida na tela de seu notebook, Elisa pergunta:

- De que moço você está falando?

Pisco três vezes antes de responder:

- Aquele moço, o... De terno preto. Alto. Estava com você agorinha mesmo.

Vejo Elisa me lançando um olhar de incógnita por detrás da tela, de quando falo algo que a deixa sem entender nada. Isso me coloca numa zona desconfortável. Esqueço o autocontrole e pergunto:

- Qual é Elisa? Ele estava aqui com você há uns pouquíssimos minutos.

Convencida a me dar atenção, Elisa tira o foco do notebook, e diz:

- Estou a quase uma hora analisando originais aqui. Ninguém esteve comigo.

Rindo de nervosismo, indago:

- Tem certeza do que está me falando? Não se lembra do cara de máscara na frente da sua sala, conversando com você?

Indignada, Elisa diz:

- Cara de máscara?! Conversando comigo?!

Se Elisa fosse dada a brincadeiras, acharia que agora seria uma. No entanto, cada segundo me deixa mais nervosa, porque brincadeiras não fazem parte do repertório dela.

Coloco a mão direita na testa suada, e falo:

- Passei pelo corredor e vi um homem alto de máscara conversando com você na frente da sua sala. Nós até nos... Enfim. Daí eu desci, e antes o vi entrando aqui. Então decidi voltar para te perguntar uma coisa e agora você me diz que não estava conversando com homem nenhum. O que está acontecendo aqui?

Recostando-se na cadeira, Elisa fala:

- Diz uma coisa para mim: Quantos manuscritos você está analisando por dia?

Tentei continuar explicando a ela que de fato vi o que vi, mas me interrompendo, Elisa continuou com suas indagações:

- Quando chega ao seu apartamento, qual a primeira coisa que você faz? Aliás, do metrô até o apartamento, continua trabalhando?

Prossegui tentando me defender, porém Elisa insistiu:

- Admiro você. Em pouquíssimo tempo aprendeu muita coisa por conta do seu esforço. Só que está na hora de baixar a voltagem. Tanta energia no trabalho assim vai acabar te fazendo entrar em colapso. Sei lá, ensina uma das meninas a mexer no blog...

Desta vez fui eu quem a interrompeu, dizendo:

- Licença, por favor, Elisa. Primeiro que, com todo o respeito, no meu blog não tenho coragem de deixar ninguém por a mão. Penso que o sucesso dele se deve antes a minha personalidade. Segundo que não estou sobrecarregada a ponto de ver coisas. Vi sim um homem de terno “preto”, usando uma máscara “preta”, parado na frente da sua porta conversando com você. E não faço ideia das razões que te levam a omitir isso.

Elisa passou as duas mãos no rosto, num gesto de total inconformismo. Ainda recostada na cadeira, falou:

- Por que você não tira um pouco do seu banco de horas para ficar uns três dias sem fazer nada? Separa umas séries. Posso até te indicar uma muito boa...

Interrompendo-a outra vez, eu disse:

- Chega Elisa! Se você passou a fazer brincadeiras, comigo não colou. Estou lúcida demais para ao menos “achar” que vi coisas.

Agora eu sentia falta de ar pela situação desagradável. Veja o jeito que estou falando com minha editora-chefe! Encarando-a, digo:

- Você me dá licença?

Ela simplesmente diz: “Tem toda licença que precisar”.

Saio no corredor como se tivesse acabado de levar um tiro à queima-roupa. O que me resta agora é procurar a origem das flores que recebi. Determinada, volto para o elevador e aperto o botão do térreo. Não paro de pensar no que pode estar acontecendo.

Assim que chego, vejo Rupert no balcão da recepção. Ando depressa até ele. Ao me aproximar, digo:

- Bom dia, senhor Rupert. Foi o senhor quem deixou as flores em cima da minha mesa hoje?

Rindo, Rupert responde:

- Desculpe-me, Malu. Acho você uma fofura. Alguns anos atrás eu te convidaria para tomar um sorvete comigo, mas não sou seu admirador secreto.

Debruçando-me no balcão, enquanto ele separava alguns originais, no outro

lado, para colocar no carrinho de entrega, falei:

- Senhor Rupert, por favorzinho, ajuda a Malu. Seja direto e diga qual floricultura mandou aquelas flores para a minha pessoa!

Satisfeito por finalizar o preenchimento do carrinho, Rupert vira-se e por trás do balcão se aproxima de mim. Olhando-me nos olhos, diz:

- Se você tem um admirador secreto, devia apenas se deliciar com o fato. Por que quer dar uma de Miss Marple solucionando intrincados mistérios?

Inconformada, respondo:

- Acho que o senhor anda lendo muito Agatha Christie. Sério, Rupert! Não sei se vou resistir chegar ao final deste dia se eu não souber quem me enviou aquelas flores!

Pondo-se a empurrar o carrinho na direção do elevador, sendo obviamente seguido por mim, Rupert fala:

- Malu, Malu. Desde que viu as flores, você se permitiu ficar feliz por isso algum segundo que fosse?

Paramos em frente ao elevador. Enquanto enfrentava o olhar sábio e inquiridor de Rupert, pensei “Ele acertou em cheio. Não me dei o direito de ter esse luxo de sentir felicidade”. Mas como eu já disse: Os acontecimentos e não acontecimentos da minha vida é que me fizeram assim, tão “Não romântica”. Fiquei assustada quando ele acrescentou:

- Contos de fada só existem nos livros de fantasia que lemos. No entanto, por mais que tenha deixado de acreditar no amor, algumas vezes por constatar que a realidade é bem diferente da literatura, precisamos lembrar que existem pessoas que fazem bom uso de sua liberdade de escolha. Creia: Alguns ainda escolhem amar.

Eu me conservei paciente para ouvir cada palavra que ele disse. Ao final, indaguei:

- Por que o senhor acha que o fato de eu querer saber quem me deu as flores significa que deixei de acreditar no amor?

Entrando no elevador, Rupert falou:

- Pelo simples motivo de que você só quer saber para encontrar logo os defeitos desta situação e assim voltar para o seu mundo onde o romantismo deixou de ter espaço.

Antes que a porta se fechasse, ele acrescentou:

- Conheço-te bem, garota. Está doidinha para arruinar essa proposta romântica em sua vida.

Não é possível! Elisa mente para mim e agora o senhor Rupert me dá o maior drible e consegue não responder minha pergunta. Que absurdo! Estão armando para cima de mim. Só pode. Mas, por quê?

E quanto ao que ele disse, não quero arruinar nada. Só estou cansada de falsas esperanças. Sempre que acreditei numa proposta romântica, meu futuro a seguir era atrás de um pote de sorvete, assistindo desenho animado para esquecer por algumas horas os pedaços importantes que o “amor” havia arrancado de mim.

Mas vou tirar o título de secreto do meu admirador. Estou subindo até o oitavo andar para falar com Maicon, o chefe da informática neste prédio.

Assim que entro na sala dele, eu o questiono:

- Está interessado em ganhar uma grana extra, Maicon?

Enquanto fazia uma solda numa placa mãe, Maicon respondeu:

- De quanto estamos falando e que tipo de serviço você pretende me oferecer?

Maicon é uma espécie de gênio da informática. Especialista em redes, programação, conserto de hardware... Um faz tudo mesmo. Por isso tinha uma sala só dele. Sem falar que é um gatinho, mas é muito baixo. Como eu usaria meus saltos? Ele também nunca deu bola para mim, então... E se eu quero seus serviços, preciso ser bem generosa. O que não seria difícil. Apesar dos meus inúmeros gastos que incluem alimentação, aluguel, roupas, enfim, sempre guardei dinheiro.

Sem titubear, eu respondo a pergunta dele:

- Quinhentos reais. Terá de puxar nas câmeras de segurança qual floricultura entregou rosas neste prédio hoje.

Interessado, ele fala:

- Mil reais e não vou exigir saber o motivo.

Eu argumento:

- Seiscentos e digo que o motivo é porque quero saber quem me enviou flores com o título brega de “admirador secreto”.

Parando seu serviço e fingindo que fazia muito esforço para pensar, Maicon diz:

- Novecentos para eu não dizer ao senhor Aquiles “sem querer” que tive de interromper o meu serviço para fazer uma pesquisa informal para você.

Pensei em dizer-lhe que se a ambição dele se transformasse em altura para o seu curto corpo, então compensaria ser tão explorador. Mas vai que isso o motivasse a estender os números. Controlei minha boca, e disse:

- Sabe o meu ramal. Estarei esperando. Faço a transferência do dinheiro assim que me avisar sobre a conclusão da pesquisa.

Enquanto Maicon voltava ao serviço, andei para fora da sala. Talvez seja exagero da minha parte tomar esta atitude, mas não consigo explicar a ansiedade crescente em mim. No fundo estou desesperada para descobrir se o dono “daquele olhar” é também o autor das rosas.

CAPÍTULO 3

Quase chegando a minha sala, vejo Stella correndo toda animada na minha direção. Ao se aproximar agarrou meu braço, e me puxando com rapidez para dentro, falou:

- Vem menina! Por onde você andou? Precisa ver uma coisa...

Da última vez que ela fez isso, foi para mostrar meu nome em primeiro lugar na lista com o ranking de vendas dos livros publicados em novembro do ano passado escolhidos por mim, disponibilizado no saguão do prédio. Então entrei de súbito num estado incomum de felicidade.

Assim que cheguei Loren levantou-se com um pequeno envelope dourado e cintilante na mão. Aproximando-se de mim, ela me entregou, dizendo:

- Não era só o cartão que estava no meio das rosas. Dentro também havia esse convite.

Tão logo o tenho em minhas mãos, eu o abro, com o desejo de devorar cada letra. Mas vendo que mensagem alguma se formava em minha mente por causa

da minha ansiedade, tratei de desacelerar e li com calma em voz alta:

Baile de Aniversário do Conde Thomas Albernethy

É com grande consideração que o Conde Thomas Albernethy convida a senhorita Malu Bertone Casaro para a comemoração de seu quadragésimo aniversário, a ser realizada no dia sete de janeiro de dois mil e dezessete, em sua mansão no Morumbi/São Paulo, a partir das vinte horas.

Em caso de confirmação do comparecimento, envie um e-mail para “condethomas@familiaalbernethy.com”.

Respeitosamente,

Conde Thomas Albernethy

Ondas de calafrio percorrem meu corpo. Nem tive tempo de processar a informação e Stella falou:

- Acho que vou derreter de tanta emoção. Um conde te convidando para o baile de aniversário dele!

Aproveitando o embalo, Nívia questionou:

- Mas ele não se apresentou como admirador secreto no cartão? Como esse convite vem assinado por esse tal de conde?

Loren completou:

- O aniversariante pode não ser o admirador.

Enquanto pesquisava algo na internet, Stella disse:

- Ou o admirador pode ser o aniversariante, mas apenas quis contar que é seu admirador.

Com os pensamentos engarrafando na minha cabeça, falei:

- Quer saber?! Isso está me cheirando algum tipo novo de golpe. Melhor deixar esta história para lá.

Ao caminhar para a minha mesa, pronta para jogar o convite no lixo, Stella disse:

- Que estranho. Não encontro nada na net com o nome dele.

Depois de despejar o convite na lixeira, sendo observada com curiosidade beirando ao espanto por Loren e Nívia, falei:

- Mais um motivo para achar que isso não passa de uma armadilha. Quem garante não se tratar de um plano muito criativo para sequestrar mulheres? Vou focar no meu serviço que eu ganho mais.

Bastante reflexiva Loren falou:

- Já parou para pensar que seria pouco inteligente alguém com más intenções dizer onde mora?

De imediato eu retruco:

- Mas ele não disse. Apenas escreveu que mora numa mansão no Morumbi. Isso não é revelar o endereço.

Exibindo uma feição de desapontamento pelo resultado negativo de suas pesquisas, Stella disse ao se largar na cadeira:

- Mande o e-mail e descubra o que será revelado a você. Na internet não fala nada sobre esse nome. E se não fizer, eu o faço!

Para deixar clara a minha insatisfação, digo:

- Nada precisamos fazer. Pense um pouco Stella. Você acha que de fato alguém se daria ao trabalho de dedicar tanta atenção assim a uma desconhecida? Por quê?

Loren respondeu:

- Você tem um blog de destaque. Coloca a sua alma nele. Não é difícil um seguidor se apaixonar.

Franzindo o cenho e voltando a se concentrar na tela de seu computador, Nívia falou:

- Na boa... O cara tem quarenta anos. Você tem vinte e oito. Deve ser um ricaço velho e feio que dói, no mínimo, tentando arrumar uma mulher mais nova.

Minha expressão exhibe minha concordância, e falo:

- Se não for falcatura, sem sombra de dúvidas trata-se de alguém com sérias carências e por isso se apaixona fácil. – olho para Stella, e completo:

- Fique à vontade para enviar o e-mail se quiser. Dou por encerrada essa discussão. Tenho muitos originais para analisar.

No entanto Stella se ajeita na cadeira e me encara, indagando:

- Em nenhum momento você se sentiu curiosa para descobrir quem é?

Tento falar, porém ela me atropela e continua falando:

- É sério. Nem por um segundo você se motivou a esquecer as possibilidades negativas e ficou ansiosa para saber de quem se trata este admirador?

Minha natureza humana pouco evoluída assume o controle, e eu minto:

- Não. Não mesmo, em nenhum segundo para falar a verdade.

Suspirando e voltando as suas atividades no computador, Stella diz:

- Francamente, menina. Não sei o que te fizeram, mas se continuar assim...

Desafiando-a, digo:

- Vou ficar para titia?

Talvez eu não mereça os parabéns por isso. Contudo, consegui tirá-la do sério, porque Stella não respondeu minha pergunta e continuou seus afazeres.

De repente eu me lembro do serviço que pedi ao Maicon. Arregalo os olhos e procuro disfarçar. Eu e minha ansiedade. Agora isso vai me custar novecentos reais do meu suado dinheiro! Se bem que ele poderia me revelar algo a mais. Não sei. Vou deixar como está.

Então sou assaltada pela lembrança do olhar arrebatador. Isso sim é um golpe. Um golpe de mestre! E o pior: Aplicado pela minha própria mente. Correndo o risco de parecer bipolar, chamo a atenção delas ao dizer:

- Stella, eu vou enviar o e-mail.

Com seus grandes olhos, Stella para, ergue a cabeça e outra vez me encara, dizendo:

- Tarde demais. Já enviei!

Sorrindo, Loren disse:

- Agora seja franca, Malu. No fundo você está feliz com esse inusitado “admirador secreto”. Mesmo que não façamos a menor ideia do que realmente se trata.

Ouvir a palavra feliz me fez encostar meu queixo em minha mão esquerda, cujo braço apoiei em cima da mesa, olhar pelo horizonte através da janela, e dizer:

- Não vou mentir que, ainda que seja só outra ilusão de bônus da minha vida, sinto um geladinho bom aqui dentro. – fingindo me arrepiar de frio, falo olhando para todas elas:

- Já pensou se esse cara for de verdade mesmo e valer à pena?

Nívia falou:

- Cuidado para não subir alto demais. Já sabe...

Brava, Stella a interrompe e diz:

- Deixa de ser tão pessimista, garota! Agora que ela se permitiu aproveitar esse acontecimento.

Defendendo-se, Nívia disse:

- Só estou sendo realista.

Stella estava pronta para rebater outra vez, quando deu um grito ao olhar para a tela do computador, e com as duas mãos no rosto, falou:

- Ai meu Deus! Ele respondeu!

Quando eu vi já estava ao lado de Stella para ler o e-mail. Sem esconder sua euforia, ela leu:

“A família Albernethy fica lisonjeada com a confirmação da senhorita Malu Bertone Casaro. Informe seu endereço para que possamos lhe enviar o vestido, e para que o nosso motorista possa buscá-la na data determinada.

Atenciosamente,

Conde Thomas Albernethy”

Stella continuou soltando gritinhos e comentários de júbilo depois da leitura. E eu fiquei ainda mais em conflito. Para aliviar a pressão da minha cabeça, falo:

- Será mesmo que isso não é algum tipo de armadilha?

Loren diz:

- A parte de levar o vestido no seu endereço me incomoda bastante.

Nívia disse:

- Está na cara que nesse terreno tem dinamite.

Stella protesta:

- Vamos pagar para ver! Daremos a ele o endereço deste prédio mesmo. Afinal, aqui nunca fecha. Também perguntaremos o lugar exato da festa. E no dia, quer dizer, na noite do aniversário, eu te levo. Assim dispensamos o motorista. – cruzando os braços, ela acrescentou: - Faço questão de permanecer esperando você a noite toda no carro!

Outra vez Nívia fala:

- E por que ele quer te enviar um vestido? Como vai saber que servirá em você? Por acaso ele está com medo de você ter mau gosto? E se você não gostar do vestido?

A vontade de Stella era protestar mais uma vez, contudo ela se colocou a pensar, como todas nós. Meu cérebro está mais quente do que o calor lá fora. Mas um detalhe me veio à cabeça, e digo:

- Lembrei de algo. No ano passado fiz um post sobre vestidos de época. Para brincar com meus leitores coloquei minhas medidas e falei que se alguém se dispusesse, eu aceitaria ganhar um de presente.

Minha lembrança fez Stella ir às alturas. Toda eufórica, ela disse:

- Bingo! Loren tinha razão. Deve ser um seguidor seu e está apaixonado pela “Malu Literária”, e agora deseja conhecê-la pessoalmente. Acho que meu coração não aguenta tanto romantismo!

Suspirando profundo, digo:

- Vai lá, Stella. Responda o e-mail. Vejamos onde isso vai parar...

Ela não perdeu tempo e de imediato digitou as informações. Eu deixo as três conversando sobre o assunto, enquanto retorno para minha mesa em silêncio, lidando com todas as possíveis teorias na minha mente sobre essa coisa toda. Stella está tão entretida que desta vez nem cobrou minha participação no diálogo.

Acho que poucos minutos se passaram até meu ramal tocar. Atendo e ouço a voz de Maicon dizer:

- “Achei seu admirador secreto”.

Espantada, disse:

- Como assim... Já?!

Com um tom sarcástico, Maicon responde:

- Digamos que eu tenho planos para a grana extra que você vai me pagar. Então resolvi adiantar as coisas...

Revirando os olhos, falo:

- Estou indo para a sua sala e aí conversamos.

O papo entre elas estava tão engrenado, a ponto de eu desconfiar que mesmo a presença do senhor Aquiles ali não seria suficiente para fazê-las perder o foco. Tanto que nem notaram quando outra vez as deixei. Ah! Como o romantismo faz falta, não é mesmo?! Não encontro outra explicação para isso.

Agora me pego desejando com todas as forças que o admirador secreto seja ele. O dono “daquele olhar”. Talvez neste momento eu esteja permitindo que toda a estupidez da minha vida romântica até aqui seja finalmente superada pela possibilidade de me envolver com alguém de fato especial.

Tenho a sensação que o elevador nunca vai descer e chegar ao oitavo andar. Sem sombra de dúvidas a ansiedade me possuiu. Mas enfim chegou. Ciente do meu compromisso, assim que ponho os pés na sala de Maicon, aciono o internet banking no meu celular e digo:

- Diz aí sua agência e conta!

Ele nem se deu ao trabalho de abrir a boca. Foi logo me entregando um papel com os dígitos e afastando uma cadeira na frente de um notebook localizado na sua bancada branca e comprida, fazendo menção com as mãos para que eu sentasse. Em seguida me deixou sozinha na sua sala gigante e iluminada.

Fui prática e antes de me sentar realizei a transferência para a conta dele. Engoli em seco quando autorizei aquela quantia. Contudo, ao me sentar, olhei para a tela com a imagem do meu admirador secreto, e, nossa... Cada real foi compensado! Sem me conter, digo em voz alta:

- É o cara da máscara!

A última vez que senti o que sinto agora foi quando minha avó me deu uma viagem para Acapulco, como presente de formatura da faculdade.

Maicon congelou a imagem no momento em que o mascarado entrega as flores ao senhor Rupert. “Ah, senhor Rupert! Cheio de segredos para cima de mim. Por quê? E Elisa também!”.

Mas toda minha dúvida se calou diante da possibilidade de poder contemplá-lo nesta tela. No ângulo da câmera percebo que ele é muito mais alto do que eu, mesmo com minhas plataformas. Passeio meus dedos ao longo do contorno da imagem dele, e digo:

- Quem é você, além do dono de olhos perigosamente apaixonantes?

CAPÍTULO 4

Stella respondeu o e-mail, mas com informações opostas ao que propôs de início. É por isso que estou em seu closet agora, quase pronta para a grande noite. Ela pediu que entregassem o vestido no apartamento dela!

Acho graça quando vejo seus olhos travessos me contemplando, sentada de pernas cruzadas no chão, em frente da parede toda espelhada, com seu porta-jóias transparente em forma de ostra no colo, onde ela acaba de retirar um par de brincos de diamante.

Deixando a ostra em cima do tapete, com os brincos na mão, ela se levanta e diz:

- Se este rapaz for tão preciso no amor como foi na escolha deste vestido para você, menina, terei que te fazer um colar de pimenta e várias pulseiras de arruda.
– Enquanto coloca os brincos em mim, continua:

- E terá de usá-los todos os dias, até para tomar banho, porque não vai haver uma guria que não desejará ter a sua sorte!

Mesmo nervosa, consigo sorrir. Quando olho para o espelho a minha frente e vislumbro o vestido tomara que caia, estilo medieval, vermelho escarlate, com pequeninas pedras brilhantes em toda a extensão das infinitas camadas de pano que o fazem parecer que estou com um guarda-chuva armado na cintura, meus sentidos são levados a uma categoria inimaginável.

Ao terminar de colocar os brincos em mim, Stella parou do meu lado, e juntas fixamos nosso olhar na minha imagem no espelho. Orgulhosa do resultado do trabalho dela para me arrumar, o que incluiu fazer com que meu cabelo se assemelhasse ao de uma atriz hollywoodiana, ela disse:

- Está fabulosa! Se ele se apaixonou pelo seu cérebro transcrito em palavras no blog, hoje a paixão vai pegar fogo com esta produção!

Desconecto o olhar de mim mesma no espelho e encaro Stella, indagando:

- Você acredita que foi isso mesmo o que aconteceu? – Fecho os olhos por um instante, e acrescento: - Quero dizer... Será possível que ele é um dos meus seguidores e está apaixonado pela “Malu Literária”?

Stella se afasta um pouco e lança um olhar que me faz recordar o da minha mãe quando tenta acalmar minha ansiedade. Cruza os braços, e diz:

- Não vamos nos prender ao que achamos. Agora é hora de praticidade! Você recebeu um convite para uma festa. Portanto, vá a essa festa. Conheça seu

admirador secreto, e só depois iremos nos permitir achar alguma coisa!

Sinto uma vontade enorme de abraçá-la. Sempre enxergo nela a minha mãe. Mas com seu jeito espantado Stella me distancia com as mãos, dizendo:

- Nada de abraços. Precisa permanecer impecável! Fique se admirando e sonhando aí enquanto tomo banho e substituo esse macacão velho cheio de bolinhas por algo ao menos trinta por cento cheio de charme como o seu figurino.

Um pouco mais relaxada, faço gestos com as mãos para mostrar que estou me rendendo às ordens dela, e digo:

- Ok, mamãe dois. Você é quem manda!

Antes de sair do closet rumo ao banheiro, segurando um vestido comprido coberto por um plástico cinza escuro, Stella fala:

- Sei que já passou por muitas situações difíceis no amor. Mas liberte sua mente pelo menos esta noite. Permita-se acreditar que algo incrível está para te acontecer. Apenas atreva-se a esperar o melhor de hoje. Estamos combinadas assim?

Sorrio com metade da boca e suspiro profundo. Encarando-a, digo:

- Só por esta noite...

Talvez Stella tenha dito qualquer coisa ao sair. Porém, uma doce sensação bloqueou todos os meus sensores externos. Fechei meus olhos e o imaginei atrás de mim. Ele se aproximou lentamente, e eu mal podia respirar na ânsia de ter o seu toque. Seu rosto coberto pela máscara misteriosa. O terno de gala o fazia parecer ainda mais alto e irresistível.

Quando ele por fim se aproxima, cada centímetro da minha pele estremece ao sentir sua mão esquerda repousar suave na minha cintura. Meu perfume é sentido por ele bem devagar, fazendo com que minha cabeça se curve para a esquerda. Então ele me puxa para junto do corpo dele e me envolve com seu braço. Agora sua língua vasculha meu pescoço parecendo procurar ali a chave da vida eterna.

Mas como saber o que aconteceria em seguida? O marido de Stella provocou uma cratera na bolha gigante da minha imaginação ao entrar no closet e perguntar:

- Você está passando mal?

Só aí me dei conta que eu me encontrava de fato com a cabeça virada para a esquerda e boca aberta. Acredito que nem mesmo toda a maquiagem sobre a minha pele foi capaz de disfarçar o rubor e a febre que me invadiram. Outra vez minha versão mal evoluída me possui, e eu minto enquanto me abano com as mãos:

- Estou com muito calor. Esse vestido é muito quente!

Nesta hora Stella sai do banheiro e quando vê Marcos, grita:

- O que você está fazendo aí, homem de Deus?! E se ela estivesse pelada?

Defendendo-se assustado, Marcos retruca:

- Eu lá vou adivinhar que você estava com visita. Eu só vim pegar roupas limpas.

Prendendo a toalha de banho com uma mão, e com a outra empurrando seu marido para fora do closet, Stella disse:

- Fora amorzinho. Daqui a pouco terá o quarto todinho para você. Por agora, suma!

Elevando as mãos para o alto ao sair, Marcos ainda falou:

- Tudo bem. Mas sua amiga está passando mal, que eu vi. Aquele corpete deve estar esmagando os ossos dela.

De repente Stella entra no closet com a mesmíssima cara de preocupação da minha mãe quando me via machucada, e fala séria:

- Desculpe-me pelo Marcos. Hoje foi dia de auditoria no banco e ele costuma demorar. Este vestido está te apertando?

Lutando para ser convincente, digo:

- Não. De forma alguma! Eu só estava... Quer dizer, só estou com calor e isso causou esta impressão nele. Está tudo bem. Eu juro! Não se preocupe.

Stella respira aliviada, e enquanto ela se arruma no quarto, pego o batom vermelho e repasso repetidas vezes em minha boca. O ápice do constrangimento! Não quero nem imaginar o que teria sido se eu continuasse mais um pouco com minha sessão sex hot individual.

Paro por um instante e meu gostoso tormento me visita de novo. Agora olho para o espelho e praticamente o vejo atrás de mim. Ainda com o batom na mão, olho para a superfície espelhada e luto com o desejo crescente e alucinógeno correndo nas minhas veias. Nossa! Não me lembro da última vez que quis alguém assim. E o que ele fez? Nenhuma cantada. Nem mesmo tivemos uma simples conversa. Só flores, um convite, esse vestido, e um... Olhar arrebatador!

Nem sei quanto tempo fiquei parada em frente ao espelho pensando. Porém a voz de Stella me desperta de repente, dizendo:

- Está na hora de transformar seus mais loucos anseios em realidade!

Viro-me sorrindo ao contemplá-la toda arrumada, e digo:

- Com este vestido rosa cheio de pedrinhas, vou ter mais motivos para acreditar que você é mesmo minha fada madrinha!

Ajeitando com elegância seu cabelo preso num coque, Stella diz:

- Fada madrinha eu não sei. Mas se este “Dom Juan” se meter a besta com você, irei me parecer muito mais com o Jack Estripador!

Rindo, falo:

- Que medo!

Então descobri que andar com tudo isso de pano não é a melhor experiência da vida. Stella conseguiu o endereço da mansão e até emprestou o Renault Logan de seu irmão, por julgar que possuiria mais espaço interno. A Limousine que fora oferecida pelo anfitrião com certeza daria conta do recado, contudo, por segurança, ela dispensou o motorista e seu carro “verdadeiramente espaçoso”.

Não consegui abrir a boca no trajeto até a mansão. De vez em quando os olhos de Stella vistoriaram os meus pelo retrovisor. Ela me conhece muito bem para saber que a melhor ajuda naquele momento era o silêncio.

Ao pararmos em frente à mansão, no outro lado da rua, Stella fala depois de algum tempo que desligou o carro:

- Sabe quantas mulheres já tiveram a mesma oportunidade que a sua?

Balanço a cabeça em sinal de positivo, e digo:

- Meu único medo é que minha imaginação não chegue nem aos pés da realidade. Isso já aconteceu tantas vezes e eu nem sei se suportaria descobrir que borboleta dourada só existe no meu jardim.

Encarando-me pelo retrovisor, Stella diz:

- Talvez você se surpreenda ao descobrir que não precisa do dourado para admirar, e por que não, amar, uma borboleta.

Virando-se para o meu lado, ela complementa:

- Tecnicamente seria um borboleto. Mas acho que essa palavra não existe. O importante é que eu acho que você me entendeu...

Outra vez ela consegue arrancar risos de mim, mesmo com meus nervos dilacerando minha sanidade. Resolvo assumir minha versão de mulher decidida e forte. Afinal de contas, estou aqui por livre e espontânea vontade, e sei o que quero: Não um namorado. Não um marido. Nem um companheiro. Quero um poço mágico, que seja fonte de prazer e fuga do nosso mundo miserável. Aquele olhar me prometeu isso e eu vou lá cobrá-lo!

Endireito minha postura e encaro Stella. Afago o rosto dela, e digo:

- Muito obrigada por me encher de poder esta noite.

Sorrindo, Stella diz animada:

- Isso mesmo, menina poderosa! Vai lá e mostra para o seu admirador secreto a sorte grande que ele tirou!

De repente ela e eu paralisamos ao perceber que um homem se aproxima da minha porta. Usa um terno vinho e aparenta ser bem de idade. Para meu grande espanto, vejo que se trata de um rosto conhecido. Não pode ser!... Senhor Rupert. Ele para todo majestoso na minha direção, abre a porta, e diz:

- Boa noite, madame! Permita-me acompanhá-la até o recinto.

Olho de relance para Stella, que apenas observa a cena. Assim que saio do

carro, ele fecha a porta de um jeito sutil. Ao me oferecer sua mão esquerda com luva branca, ressalta:

- Antes que pergunte, fui convidado pelo senhor Killian para recepcionar esta festividade.

Dou-lhe minha mão, e questiono:

- Quem é Killian?

Mais uma vez Rupert se limita a não me dar uma resposta e me conduz até a entrada da mansão, com ares de muita elegância. Dou uma última olhada para Stella, que arregala os olhos, manda um beijo voador e sussurra em sílabas “apro-vei-ta”. Viro-me e a partir daí não consigo pensar em nada. Apenas me deixo ser conduzida.

Flashes da lembrança de minha imaginação me acompanham no trajeto, do momento em que meu mascarado se aproximou de mim no apartamento de Stella. Sinto um calafrio percorrer toda a minha espinha dorsal. Quando terminamos de subir as escadas de degraus largos, Rupert solta da minha mão, abre a porta de entrada da mansão, e enquanto pisca com um olho para mim, diz:

- Vá atrás de seu conto de fadas, madame!

CAPÍTULO 5

É exatamente num conto de fadas que eu me sinto agora. Caminho por um extenso corredor iluminado, preenchido por um tapete de veludo vermelho, repleto de quadros gigantes nos dois lados. Essas pinturas são todas dele! Algumas são de corpo inteiro, outras possuem apenas o rosto. E em todas as imagens ele está de “máscara”! A mesma máscara preta com traços dourados.

Detenho-me no meio do corredor, diante de um quadro onde ele está em pé, com uma das mãos no bolso de um lindo terno azul marinho. Enigmático. Atraente. Lábios finos. Ah! E aquele olhar! O feitiço dos seus olhos parece ter sido transposto para a pintura. Sinto-me docemente enfeitiçada por contemplá-lo outra vez.

A perspectiva de me encontrar com ele começa a dificultar minha respiração, e me faz continuar caminhando quase como se eu não tivesse controle de minhas pernas. Quando chego ao final do corredor, deparo-me com um amplo salão, repleto de homens vestindo terno preto e de mulheres com vestido semelhante ao meu.

Um pianista toca uma melodia suave e convidativa ao relaxamento. Todos estão distraídos com suas conversas e bebidas. No fundo, à esquerda, uma escadaria conduz ao andar de cima, o que fez lembrar-me dos filmes de princesa que assisti até hoje.

Como um predador à caça, meus olhos vasculham o lugar na ânsia de avistá-lo. O ritmo do meu coração acelera de um jeito descompensado. Onde está você? Por que não vem me receber? Talvez eu só esteja ansiosa demais. Ou ainda não tenha chego ao conhecimento dele que estou aqui.

Um garçom me oferece uma taça de vinho, e é claro que aceito. Preciso muito amortizar meus nervos. Continuo a procurá-lo em cada rosto, até que me surpreendo com um homem que se aproxima. Vestido como todos, alto, lábios finos, atraente, sem máscara... É ele! Dou graças aos céus por estar segurando esta taça. Pude usá-la como foco para simular um autocontrole sobre minhas emoções.

Quando se aproxima, ele diz:

- Por fim conheço a brilhante “Malu literária”. Tão encantadora quanto a sua forma de se expressar com as palavras!

Quem sabe seja a inquietação que tomou conta de mim. Mas aquela magia... Onde está? O magnetismo que senti ao admirar a imagem no quadro ficou bem longe do que sinto agora. Não teve jeito. Fiz a proeza que sempre repito quando estou nervosa. Faltou tempo para o vinho cumprir seu papel, e gaguejo ao dizer:

- O... oi! Vo... Vo-cê é...

Sorrindo da maneira mais educada que já presenciei na minha vida, ele pega minha mão esquerda e a beija, dizendo:

- Conde Thomas Albernethy, senhorita. Maravilhado com sua presença. Ainda mais feliz por termos uma noite inteira para discursarmos sobre nossos gostos literários!

Perdida em pensamentos e deduções, perguntei:

- Devo presumir que você é o admirador secreto que me enviou as flores e o convite?

Desta vez o sorriso foi indecifrável. Olhando-me fixamente, ele diz:

- O convite sim. Embora eu a admire sobremaneira, não fui eu quem lhe mandou as flores. Por que não nos sentamos e conversamos melhor a respeito?

Balanço a cabeça em sinal de concordância. Tomo um longo gole de vinho e me deixo ser conduzida repousando minha mão no seu braço esquerdo, delicadamente posto para que eu o seguisse.

Ele me leva a uma das inúmeras varandas que circundam o salão. As portas de vidro com batente branco encontravam-se abertas. Uma brisa suave nos recepcionou. Sentamos em poltronas separadas por uma pequena mesa redonda,

revestida de uma toalha marfim, cujo pano não sei especificar, mas aparenta ser seda.

Sem tirar os olhos de mim, ele questiona:

- Qual definição para o amor você conseguiria me dar neste momento, Malu?

Mesmo surpreendida pela pergunta, fiquei ainda mais surpresa comigo por não ter dificuldades em responder:

- Para mim o amor é a variável que faz qualquer equação da vida ter um total positivo.

O Conde abaixou a cabeça rapidamente, exprimiu um fino sorriso, e ao levantá-la outra vez, falou:

- Eis o motivo que explica você ter atingido dois corações.

Repousei a taça sobre a mesa, aproximo-me mais, e questiono:

- Killian é seu irmão?

Ele também se aproxima mais, e responde:

- Sim... Meu irmão gêmeo.

Não demoro a fazer uma nova pergunta:

- Killian é meu admirador secreto?

Thomas assente com a cabeça enquanto faz um gesto com a boca, mostrando que está um tanto contrariado. Só entendo quando ele questiona:

- Ainda que com aquela máscara, você o prefere aqui, ao invés de mim. Estou certo?

Não sei o quanto minha resposta iria afetá-lo, por isso preferi ficar quieta, o que foi suficiente para ele entender. Repousando seu corpo na poltrona, ele prossegue sem tirar os olhos de mim:

- Caso seja do seu interesse saber, comprei meu título de conde num leilão, de um aristocrata em dificuldades financeiras. Já faz dez anos desde a compra, mas ainda estou me decidindo se fiz isso como investimento financeiro, ou só por vaidade... – sem ter de mim qualquer expressão acerca do comentário, ele prosseguiu: - Bem, o fato é que meu irmão e eu nos cansamos de relacionamentos fúteis. Por isso, resolvemos inovar.

Ávida por respostas, indago:

- Esta festa tem a ver com a inovação de vocês?

Na mesma posição, ele responde:

- Com certeza, minha agradável dama.

Afasto-me e cruzo minhas pernas, com certa dificuldade devido à quantidade de panos, mas claro, sem deixar que isso fosse perceptível, e indago:

- Você acreditar que sou sua agradável dama também poderia fazer parte de uma das suas vaidades? Preciso que seja sincero, porque vou ter sérios problemas em continuar esta conversa se você achar de alguma forma que sou

sua de alguma maneira.

Sorrindo, ele diz:

- No meu mundo interior, você é a mulher que eu desejo ter para mim. Mas isso foge as minhas vaidades. Tenho vontade de levá-la para uma ilha deserta e viver com você escondido de tudo para sempre.

Há três palavras na minha mente agora “Thomas é perigoso”. Perigosamente sedutor. Não consigo deixar de imaginar Killian me dizendo a mesma coisa. Por um breve instante, ao olhar para Thomas, eu o imaginei com a máscara. Talvez seja muito egoísmo da minha parte. No entanto, não estou no controle agora. Certa de que preciso interagir, questiono:

- Por que não me fala mais sobre a inovação de vocês?

Para o meu espanto, ele se levanta e me oferece sua mão direita, dizendo:

- Venha cá ver uma coisa.

Dou-lhe minha mão e ele me puxa de uma forma tão delicada, que me sinto flutuar até chegar mais perto dele. Thomas então me conduz até o batente da porta, e sinto sua mão na minha cintura me posicionar na frente do seu corpo, de forma que pude contemplar as pessoas no salão. Ele permaneceu atrás de mim, ainda com sua mão direita em minha cintura, e disse:

- Durante seis meses, meu irmão e eu escolhemos inúmeras mulheres nas redes sociais. Acompanhamos suas publicações, analisamos seus comentários. Estudamos cada pequeno comportamento. Destas mulheres, quarenta foram selecionadas para estar aqui hoje, na festa do nosso quadragésimo aniversário.

Intrigada, eu o encho de perguntas:

- Por que no convite é mencionado somente o seu aniversário? Por que você disse que as rosas foram enviadas pelo seu irmão e não por você?

Desafiando meus sentidos, ele se aproxima do meu ouvido esquerdo, e responde:

- Gostamos de surpresas. E tenho certeza que embora não tenha demonstrado se surpreendeu em descobrir que somos gêmeos. Quanto às rosas, trata-se de um acordo entre Killian e eu.

Fecho os olhos para conter o que sinto agora, e pergunto:

- Que acordo?

Tenho a sensação que ele está ainda mais perto quando pergunta:

- Não notou a diferença entre você e as outras mulheres desta festa?

Reabro os olhos e investigo o salão para entender a pergunta. Então ficou claro para mim, e digo:

- Sou a única de vestido vermelho.

Achei que ia desmaiar quando ele sussurrou:

- Exato, minha agradável dama!

Conservo-me forte apesar de ter uma corrente elétrica percorrendo cada centímetro da minha pele, e insisto:

- No que consiste o acordo?

Ele então vira meu corpo como se estivéssemos em câmera lenta, de forma a ficarmos face a face. Conserva sua mão direita em minha cintura, e com a esquerda coloca uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha. Acaricia meu rosto e segura meu queixo. Penso se devo fazer algo a respeito, mas não consigo. Olhando-me fixamente, ele diz:

- Meu irmão e eu combinamos que cada um de nós escolheria vinte mulheres para estarem aqui hoje, e você foi a única em comum entre nós dois. Por isso, ao invés de apenas receber o convite, como todas as outras, concordamos que algo a mais seria feito, para simbolizar uma concorrência gentil, onde você poderá conhecer melhor a nós dois, e decidir o que sente e o que quer fazer com relação a isso.

Quanto mais tempo passo aqui dentro, mais tenho a impressão de ser a protagonista de um romance de conto de fadas. Agora ele tirou suas mãos de mim, mergulhando-as nos bolsos de sua calça, e continuou a falar:

- Há, porém, uma grande diferença.

Com os braços esticados e mãos juntas na frente do meu corpo, digo:

- Estou escutando.

Sereno, Thomas fala:

- Tenho certeza do que quero. Quero você. No entanto, meu irmão, a partir desta noite, irá se permitir conhecer melhor qualquer mulher desta festa que assim o queira.

De imediato Killian vem a minha mente. Seu olhar arrebatador. Tudo o que senti quando o vi pela primeira vez. Descobrir que não sou a única no rol de interesses dele faz com que eu experimente um estranho sentimento, quase como uma perda. Engulo em seco, e pergunto:

- Como isso vai acontecer?

Thomas pega com leveza em minha mão e me conduz para um pouco depois do batente da porta. Mirando as pessoas no salão, diz:

- Todos os homens aqui são nossos amigos. Há milionários e bilionários, que gostaram muito da nossa ideia e das mulheres que escolhemos. – olhando para mim, ele prossegue:

- As mulheres que não os quiserem, irão conhecer Killian.

Virando-se para mim, ainda segurando minha mão direita, o charmoso Conde continua a falar:

- Você tem três opções, minha agradável dama. Ir se juntar a eles, e talvez conhecer alguém mais interessante. Sair daqui comigo e ir para a minha mansão,

para que possamos nos conhecer melhor, ou... Subir e conhecer meu irmão.

Soltando minha mão, ele acaricia meu rosto, e acrescenta:

- Também pode dar-se ao luxo de desfrutar das três opções, na ordem que preferir. Temos uma noite inteira. Basta decidir o que deseja...

Nem na minha fase mais criativa teria imaginado viver algo deste tipo. Estou anestesiada, e não é por conta do vinho. Ainda de mãos dadas com Thomas, encaro-o por breves segundos, e digo:

- Você é encantador, Conde Thomas, mas...

Interrompendo-me, ele fala:

- Mas quer conhecer Killian.

Tento continuar falando, porém o Conde soltou minha mão, acariciou novamente meu rosto, e disse:

- Como acabo de mencionar, você tem três opções. É livre para fazer o que quiser com elas.

Outra vez ele repousa sua mão direita em minha cintura e me posiciona na frente do corpo dele. Gostaria de conseguir explicar o que sinto nesse momento, contudo, faltam-me as palavras. Com a mão esquerda ele aponta para a escadaria, dizendo:

- Vê aquela escada? Suba e entre no primeiro cômodo à direita.

Agora sou eu quem se virou, de forma a ficar de frente para ele. Estou espantada comigo mesma pela minha atitude automática. Olho bem dentro dos seus olhos, e digo:

- Permita-me dizer uma coisa, nobre cavalheiro. Minha vida inteira eu deixei-me guiar pelo meu emocional, e isso não me rendeu o relacionamento dos meus sonhos. Dispensei e fui dispensada muitas vezes. – fazendo um gesto de contragosto com a boca, acrescentei: - Acho que na mesma proporção... O fato é: Também estou cansada de relacionamentos fúteis, e o principal motivo de eu estar aqui esta noite, é porque acredito estar perseguindo algo genuíno. – acaricio o rosto dele, e falo:

- Quero que saiba que conhecer você fez lembrar-me do medo que tenho do meu emocional. Porque sim, quero muito subir e conhecer seu irmão, pois é isso o que minha emoção pede, só que...

De repente sou interrompida por lábios com sabor de menta, que mordem com cuidado meu lábio inferior, beijando-me em seguida. – deixando-me sem fôlego, ele não se contenta com o feito, aproxima-se do meu ouvido, e sussurra:

- Se descobrir que seu emocional está aprontando de novo, eu estarei bem aqui a sua espera...

CAPÍTULO 6

Talvez provocar este magnetismo seja uma peculiaridade da família Albernethy. Ou... Estou mesmo com sérios problemas! Acabo de deixar Thomas em pé observando-me enquanto me distancio e me misturo às pessoas no salão. Uma parte de mim está com uma vontade sem medida de voltar lá e continuar provando aquele beijo e aquela companhia tão gostosa. Mas a outra parte... É... A outra parte quer subir.

Diferentes perfumes chegam ao meu conhecimento. O cheiro da alta sociedade. Inebriante! Olhares me investigam e sinto como se estivesse num filme de época. Este vestido. A festa. As roupas. Os lustres. A música. O pianista. Só não são mais encantadores do que a proposta de finalmente vê-lo.

Quando chego ao pé da escada sinto meu coração agitar-se. Para iniciar a subida, preciso levantar meu pesado vestido. A concentração para não cair

ajudou acalmar minha ansiedade. Na parede paralela à escada percebo que existem mais quadros gigantes. Nas imagens lembranças de uma família, vestidos como nós esta noite.

Uma imagem em especial me chamou a atenção. Um casal e dois menininhos à frente deles usando um terno vinho. Crianças idênticas. São eles! Os irmãos do magnetismo. Meus doces recém tormentos.

Enquanto continuo a subir volto a me lembrar da minha imaginação quando estava no closet de Stella. Porém logo ela é invadida pela visão de Thomas. Ao terminar de subir tenho a sensação de estar entrando em curto circuito. Isso ainda vai me fazer perder noites de sono.

Seguindo as instruções, caminho até o primeiro cômodo à direita. A porta está entreaberta. Suspiro profundo e começo a entrar. Logo vejo uma cama colonial, dessas de rei e rainha, revestida por um cortinado vermelho escarlata e fios dourados pendendo da borda. Fico pensando se a cor coincidente ao do meu vestido é mera casualidade ou se está propositalmente relacionado a mim.

Ouçõ uma movimentação enquanto entro e sinto como se houvesse uma corrente elétrica passeando nas minhas artérias. Paro e arregalo os olhos ao me deparar com uma mulher usando um vestido rosa, também parecido com o meu. Nossos olhares se encararam por segundos eternos, até que a moça alta, loira, olhos azuis berrantes, pele perfeita, cintura de Barbie, parecendo mais uma boneca de porcelana em tamanho exagerado, fala comigo:

- Você não se parece nadinha com o homem de máscara que eu pretendo encontrar aqui.

Talvez tenha sido a surpresa, ou o tom hostil que senti na voz dela, ou essa constatação terrível de estar diante do que eu poderia chamar de “concorrente”. O fato é que tenho consciência que demorei demais para falar. Só consigo pensar no quanto ela é diferente de mim. Acho que nunca vi ao vivo e a cores uma mulher linda desse jeito. Tudo isso tem um sabor amargo de ciúme e uma dose letal degradante de inveja. Como se toda a minha produção não me fizesse chegar nem aos pés dela. Nunca experimentei nada parecido!

Libertando-me por fim da minha tortura mental, consigo dizer:

- Faço das suas as minhas palavras.

Ela então caminha até mim, e ao se aproximar, indaga:

- Os ricaços lá embaixo não foram suficientes para você ou aqueles olhos te enfeitiçaram também?

Pronto! Agora sinto como se estivéssemos num ringue e ela acaba de me dar o primeiro soco. Saber que nós duas fomos atraídas pela mesma característica é muito difícil de ouvir, porque significa que ele também pode ter olhado para ela como olhou para mim. E se ela está aqui por ele, com certeza esse olhar

aconteceu mesmo. Antes de responder, minha mente ainda se dá ao desfrute de apresentar as cenas que imaginei com ele, e nunca me senti tão tola. Sustentando o olhar no dela, falo:

- Acho que estou aqui muito mais pela curiosidade.

Ela arqueia as sobrancelhas, e diz:

- Que bom não encontrar uma certeza em você. Porque eu sei muito bem o que quero. Eu o quero! – ela então desviou o olhar e começou a caminhar lentamente na direção da cama, dizendo:

- Era um dia comum. Minha sócia e eu estávamos almoçando num restaurante em Dubai. De repente o garçom me trouxe um envelope dourado, apontando um charmoso homem de máscara a umas cinco mesas depois da nossa. – virando-se para o meu lado, com uma leveza e graciosidade irritantes, a “boneca de porcelana” acrescentou:

- Foi quando eu o vi. Ele se levantou. Ergueu uma taça de vinho na minha direção como se estivesse fazendo um brinde comigo e bebeu um demorado gole enquanto me lançava um olhar que devorou cada centímetro do meu coração! Depois ele foi embora e eu não tenho pensado em mais nada a não ser na chegada desta noite.

Tenho vontade de vomitar todo o desânimo empoçado no meu estômago. Não sei se saio correndo daqui ou sei lá. Mas não tive tempo para ação alguma. Nosso mascarado de olhar matador finalmente adentra o quarto, trazendo nele um perfume ainda mais avassalador do que sua presença. Parecendo surpreso por encontrar nós duas, ele fala:

- Achei que com tantas opções atrativas lá embaixo, eu não encontraria ninguém aqui em cima. E fico muito feliz por me deparar com tão sublimes moças no meu aposento. – apontando o dedo indicador da mão direita para cada uma, ele acrescentou: - Se eu me recordo bem, vocês duas são Malu e Jhenny. Estou correto?

Disponho-me a me auto fuzilar se eu gaguejar agora. Primeiro tomo nota das novidades: A boneca de porcelana se chama “Jhenny”. Que nojo! E a voz dele é... Ainda mais sexy que o seu olhar! Mesmo nas minhas imaginações mais tórridas não idealizei um homem assim.

Cento e um por cento segura de si, Jhenny faz um gesto cortês inclinando o corpo para frente e levantando seu vestido, o que definitivamente me faz ter vontade de por para fora tudo o que comi o dia inteiro, e diz:

- É uma honra conhecê-lo. No tocante a mim, você está de todo correto. Eu me chamo Jhenny.

Tenho o impulso de fazer o mesmo que uma criança zombeteira faria, e repetir com uma careta de desdém as palavras dela. Acho que isto não está

funcionando para mim. Mas procuro soar casual, e digo:

- Agora que nos mostrou como sua mente é lúcida, poderia nos fazer a gentileza de explicar melhor o que pretende.

Por alguma razão minhas palavras parecem diverti-lo, e ele caminha até mim. Ao se aproximar, a ponto de eu poder sentir sua respiração, pondo as duas mãos no bolso, ele diz:

- Claro que posso dizer o que pretendo “Malu Literária”. Pretendo encontrar alguém para quem eu possa levantar de manhã e preparar seu café, colocar numa bandeja com tudo o que ela gosta, acompanhado de uma rosa. Alguém que me faça ter desejo de voltar para a cama depois disso e fazer amor por horas a fio. Pretendo encontrar alguém para quem eu possa tanto dizer sacanagens quanto coisas sérias. Alguém que eu sinta prazer em dar prazer. E eu poderia passar a noite te dizendo o que pretendo, mas seria muito maçante. – apontando o sofá de madeira atrás de mim, feito com um estofado de cor semelhante ao do cortinado da cama, ele acrescenta:

- Por que vocês duas não se sentam para que eu possa elucidar melhor esta situação?

Jhenny não perdeu tempo, e de imediato trouxe ela e toda a sua beleza descomunal para o sofá. Fiquei dividida quanto a continuar com isso ou apenas sumir do quarto. Quem sabe eu devesse mesmo fazê-lo, mas já que estou aqui, decido me sentar.

Ele então caminha até a porta da varanda, localizada atrás do sofá. Abrindo-a, diz:

- Por que não acrescentar que também pretendo ter alguém comigo nesta varanda no final de cada dia?

Caminhando para o nosso lado, ele se senta no sofá a nossa frente. Cruza as pernas e repousa suas mãos sobre elas, dizendo:

- Como disse, eu me sinto muito feliz por tê-las aqui. Meu nome é Killian e estou disposto a fazer o que for necessário para nos conhecermos melhor. Para início de conversa, tenho uma questão: Acreditam que a beleza importa para que um relacionamento dê certo?

Num tempo recorde, Jhenny responde:

- Sem beleza fica mais difícil o começo de um relacionamento. Ninguém olha para uma pessoa feia e decide se aproximar dela. Eu me lembro do sofrimento de muitas das minhas amigas no colégio. Pobrezinhas. – levando a mão direita até o peito, ela acrescenta: - Era de cortar o coração!

Prometo que estou fazendo o possível para não me permitir odiar esta garota e achar que tudo o que ela disser não faz sentido. O problema é que ainda estou digerindo os últimos minutos com ela e tentando lidar com essa avalanche de

sentimentos novos. Vejo que ele absorve as palavras dela assentindo com a cabeça, e lança uma nova pergunta:

- Jhenny, quão importante é a beleza num relacionamento para você?

Surpreendo-me com a hesitação dela. Achei que as palavras tivessem sumido de sua boca de repente. Porém, depois de várias piscadas, ela indaga:

- Antes que eu responda sua pergunta, por que não conta o motivo de sua máscara?

Com um meio sorriso, Killian diz:

- Claro que contarei. Contudo, preciso saber de você, Malu. Existe algo que queira acrescentar ao que dissemos até agora?

Decido fazer parte do que quer que esteja acontecendo aqui, e falo:

- Sua pergunta inicial foi se acreditamos que a beleza importa para que um relacionamento dê certo. Digo que depende das partes envolvidas. Cada um possui suas prioridades.

Olhando-me fixamente, o que faz meu coração acelerar, ele pergunta:

- Quais são suas prioridades, Malu?

Outra vez sinto o magnetismo me envolver. Por um instante desejei que fôssemos apenas nós dois no quarto. Por que tem que ser desta forma? Esforço-me para parecer tranquila, e respondo:

- Companheirismo e lealdade.

Depois da minha resposta a expressão de Killian passa a ficar muito séria. Após alguns segundos em silêncio ele descruza as pernas. Apoia seus cotovelos nelas, e diz:

- Trinta de abril de dois mil e quinze. Eu saía de uma boate com uma garota que conheci lá dentro. Antes de entrarmos no carro, ela lançou um ácido no meu rosto para poder me roubar. – tirando a máscara lentamente, Killian acrescenta:

- Desde então sou assim.

Não pude evitar levar as mãos até meu rosto com o susto que levei. O formato da face dele é fiel a de Thomas, mas com o lado esquerdo tomado por cicatrizes em alto relevo na carne viva.

Sem olhar para nossas expressões atônitas, Killian fala:

- Passei por muitas cirurgias até conseguir resgatar meu olho esquerdo, mas estas cicatrizes... Nenhum procedimento cirúrgico será capaz de removê-las.

Eu queria poder dizer algo, ou até mesmo fazer alguma coisa. Mas o que seria sensato nesse momento? Especialmente por eu me encontrar toda desmontada com a presença desta mulher. No entanto, ao contrário de mim, Jhenny se mostra cheia de atitude. Levanta-se e senta ao lado dele. Passeia sua mão no lado das cicatrizes, e diz:

- Oh, querido! Como deve ser tortuoso para você conviver com este

acontecimento! Mas agora eu posso responder. A beleza de nada vale para mim num relacionamento, e serei a mulher mais feliz do universo se eu puder recompensá-lo por cada momento de dor que passou.

Minha ânsia desde que a conheci transformou-se na sensação de estarem cravando mil agulhas no meu coração. A visão dela o tocando me faz querer gritar de desespero. E não sei de onde vem este sentimento maluco. Não faço ideia do que há comigo. Só que meu show de horrores estava só começando. Assim que Jhenny terminou de falar, eu a vejo fisgá-lo com um olhar de ternura, fazendo-me levar enfim o nocaute da noite, quando assisto eles se beijarem.

O ar começou a faltar. Daria tudo para me livrar deste espartilho. Não vejo outra saída. Levanto-me aturdida e me esforço para sair correndo do quarto.

CAPÍTULO 7

Enquanto corro, ouço passos acelerados atrás de mim. Quando alcancei o terceiro degrau da escada, a voz de Killian gritou meu nome, e em seguida falou:

- Você se atormenta com um beijo. Imagine eu que já presenciei tantos beijos em sua boca.

Motivada pela curiosidade, paro de imediato, viro-me, e indago:

- Do que exatamente você está falando?

Terminando de por outra vez sua máscara, parando a minha frente, Killian me encara por um tempo. Descendo até onde me encontro, ele responde:

- Sei que gosta muito de curtir as baladas de São Paulo.

Surpresa, eu indago:

- Tem me seguido?

Olhando-me com seriedade, Killian diz:

- Não devia entregar seu beijo a qualquer um, Malu.

Até então eu segurava meu vestido, já que estava mesmo pronta para sair correndo. No entanto, diante das mil novas dúvidas, relaxo os braços e cobro minha resposta:

- Killian, a pergunta foi: Você tem me seguido?

Refugiando suas mãos nos bolsos de sua calça, ele parece pensar por um instante, e fala:

- Sim, Malu. Eu tenho te seguido. Já deve ter descoberto pelo meu irmão que dentre as mulheres escolhidas, você foi a única em comum entre nós dois. Então fiquei fissurado a entender o motivo, tendo em vista que sempre discordamos nesse assunto.

Agora sou eu quem lança um olhar sério, com o único propósito de esconder a bagunça escancarada na minha fisionomia. Pela tese, meu ego deveria estar inflado e eu estaria me sentindo muito bem. Dois homens incríveis prestando atenção em mim, mas eu sei que o problema tem nome, altura, e acima de tudo, muita beleza, “Jhenny”. Bem, pelo menos eu julgo com a cabeça quente como estou que este seja o único ou o maior problema.

Procuo racionalizar, e pergunto:

- Você conhece minha editora-chefe? Porque agora tenho certeza que vocês estavam conversando.

Balançando a cabeça em sinal de positivo, ele responde:

- Nos conhecemos há muitos anos numa feira de livros. Quando pesquisei sua vida, descobri que trabalhavam juntas. Contei tudo a ela sobre a ideia da festa, sobre você... No dia em que estive na empresa, concordamos que ficaríamos conversando na porta da sala dela até você aparecer. Elisa te conhece bem, e sabia que sua curiosidade não a deixaria parada sem tentar descobrir quem te enviou as flores.

Aproveitei o embalo e tirei de dentro de mim mais uma dúvida:

- Por que pediu para ela mentir dizendo que não esteve lá?

Olhando-me de um jeito que me dá vontade de agarrá-lo agora mesmo, Killian diz:

- Queria perturbar sua mente.

Ainda com as mãos no bolso, ele acrescenta num tom audacioso:

- Acho que consegui, não é verdade?

Desafiando-o, falo:

- Sou capaz de ir embora e esquecer tão rápido como um piscar de olhos tudo isso aqui!

Sustentando a audácia, ele diz:

- Não, Malu. Você não vai esquecer. Se pudesse e “se quisesse”, nem estaríamos tendo esta conversa. Não vai me esquecer.

Perplexa, indago:

- O que te faz ter tanta certeza?

Num gesto rápido, Killian se aproxima e me puxa pela cintura com sua mão esquerda. Levando-me para muito perto dele, sem desgrudar seus olhos atrevidos dos meus, ele diz:

- Porque eu te ataquei e você não se defendeu. Baixou sua guarda e por isso está aqui esta noite. Você quer tanto quanto eu ou meu irmão, provar o sabor agri-doce do amor.

Tenho ímpetos de arrancar-lhe a máscara e beijá-lo o resto da noite, mas isso só aumentaria a desordem. Preciso conservar meu autocontrole, até descobrir no que estou me envolvendo. Perto demais de seus lábios, questiono:

- E se ao invés do amor, nós provarmos apenas o ciúmes e a decepção? Você deve saber o quanto esse jogo é perigoso.

Com um sorriso ardil, Killian fala:

- A vida já não é perigosa o suficiente? E mesmo assim sobrevivemos até aqui. Então por que não usar nossa experiência para buscar esse prêmio atraente que é o amor?

Cada vez mais inquieta por ter que me comportar feito um robô no braço dele, pergunto:

- E quanto aos perdedores?

Sem demoras, ele responde:

- Neste jogo não se perde. Apenas se descobre quem quer quem de verdade. No final, o rio sempre segue seu curso.

Depois destas palavras, algum encanto até poderia ter surgido, se não fosse meu novo pesadelo enquanto estou acordada aparecer. Parada no início da escada, Jhenny faz uma expressão de cachorrinha sem dono, e pergunta:

- Esta cena quer dizer que eu perdi minha vez e devo ir embora para minha casa?

Killian olha para ela, em seguida para mim. Pensativo, soltou-me de seu braço, dizendo ao olhar para nós duas:

- Por que não tomamos um drinque e recomeçamos de onde paramos?

Com um tom provocativo, Jhenny indaga:

- Quer dizer que você não quer que eu vá embora?

Ele olha para mim como quem antecipa desculpas, e fala:

- Não, Jhenny. – olhando para ela, reforça: - Não quero que você vá embora.

Começo a me sentir feito um vulcão prestes a entrar em atividade. Suspiro fundo e outra vez seguro meu vestido para conseguir descer. Quando me viro e inicio a descida, Killian segura meu braço direito, e diz:

- Jogue Malu. Por favor.

Acho que nesse momento existem chamadas reluzindo nos meus olhos. Fixando meu olhar no dele, digo:

- Desculpe-me Killian. Não sei se consigo.

Só agora percebo que a subida foi muito fácil comparada à descida que me aguardava, e senti medo de fazê-lo estando de salto alto e com um vestido tão pesado. Por isso eu me livrei dos dois sapatos e encarei o desafio a minha frente, buscando ser o mais rápida possível. Sinto meu coração arder e minha mente crepitar em pensamentos fervorosos sobre estes dois sozinhos nesta noite.

Quase terminando a descida tortuosa, vejo Thomas parado onde eu o deixei. Ele está sozinho, com uma mão no bolso e a outra segurando uma taça de vinho. Ele me observa atento enquanto degusta sua bebida. É óbvio que ele assistiu toda a minha conversa com Killian. Eu me pergunto por que não caminho na direção dele e me deixo levar pelo seu jeito sedutor. Ele está ali, tão... Tão disponível. Tão cheio de certeza do que quer. Por que eu prefiro o que é mais difícil? Ao invés disso, apenas o olho rapidamente e sigo. Agora não consigo me aproximar nem mesmo para me despedir.

Lembrei-me de quando eu era criança e meu pai me levou na padaria num domingo de manhã. Ele sempre restringiu meu consumo de doces. Só uma vez por semana me permitia comer, e era apenas um. Neste dia, dois doces disputavam minha atenção atrás do grande vidro do balcão: Um brigadeiro gigante e a caixinha cheia de Kinder Ovo. Meu doce preferido é brigadeiro, mas o Kinder Ovo vinha com o brinquedo. Eu não podia ter os dois, e se eu escolhesse o Kinder, corria o risco de o brinquedo sair repetido com a minha coleção e ainda ficar sem o sabor do brigadeiro. Sem saber o que fazer, decidi comunicar minha vontade ao meu pai. Ele foi irredutível e continuou afirmando que eu poderia escolher só um.

No fim das contas, resolvi fazer manha e dizer que não queria nada, já que não podia ter os dois. E assim foi. Não tive nem um, nem outro. E meu pai deixou claro que a escolha era minha, e eu devia aprender a arcar com as consequências.

Bem, tenho medo de fazer o mesmo agora e ficar sem nenhum deles. Nem Killian. Nem Thomas. Não que eu queira os dois. Longe disso. Mas ainda estou em curto circuito, e não sei qual direção seguir...

CAPÍTULO 8

Embora incerta, caminho até a saída, sob olhares atentos. No mundo louco da minha imaginação, idealizo Killian correndo atrás de mim novamente e dizendo que não quer que eu vá embora. E que se era da minha vontade, desistiria de conhecer Jhenny. Tentando acreditar na mentira da minha cabeça, ousou olhar para trás. Só que dessa vez não ouço seus passos, tão pouco sua voz a me chamar.

Passando pelos corredores com os quadros, eu me lembro da esperança gostosa que adentrou comigo nessa mansão. Quando miro os olhos de Killian, penso “El olhar matador”. Queria tanto ter sido a única vítima dele.

Antes de o porteiro abrir a porta, eu finalmente o entendo. Ou começo a entender. É evidente que ele sabe do interesse de Thomas por mim. Então, como poderia saber por quem eu me interessaria mais. Afinal, ele deixou tão claro que não quer um passatempo. Quer um amor. Oras! Quem não quer? Por isso não posso culpá-lo por desejar conhecer as únicas pretendentes que se apresentaram em seu aposento. Mas ele também precisa entender que não é fácil. Chega a ser insuportável a ideia de compartilhar mais um instante que fosse com ele, ao lado da “bonequinha de porcelana”!

Quando me lembro do beijo dos dois e dela interrompendo nosso momento, apresso-me para sair o quanto antes daqui. Sinto necessidade de escapar. Esquecer. Fugir. Outra ilusão não está nos meus planos. Já tive o suficiente por uma vida inteira.

Assim que me aproximo do carro no outro lado da rua toda apressada, Stella desce de imediato, indagando:

- O que foi que aconteceu? Por que a pressa?

Encarando-a, digo:

- Apenas preciso ir embora, amiga. Só isso.

Tomada pela fúria, Stella questiona:

- O que aquele Don Juan Nutella fez?

Assim que abri a porta do carro, vejo Rupert correr na minha direção. Chegando perto, pergunta:

- Por que já está indo embora Malu? Estava no jardim conversando com o manobrista, e quando a vi saindo às pressas fiquei preocupado.

Busco matar dois coelhos com uma cajadada só, ou melhor, responder aos meus dois protetores com uma única resposta. Tudo o que eu quero é ir embora. Preciso arrancar forças do infinito para conseguir dialogar nesse momento. Então, digo:

- Amores da minha vida. Eu só pensei uma coisa e vivi outra. – com a mão esquerda repousando sobre a parte de cima da porta, descanso minha cabeça nela, e acrescento: - Desculpem-me por não entrar em maiores detalhes. Se vocês querem saber, preciso de um tempo para digerir meu dissabor.

Inconformada, Stella põe-se a caminhar na direção da mansão, dizendo:

- Agora esse Don Juan Nutella vai conhecer a versão feminina do Jack Estripador!

Vê-la entrando em ação faz com que eu desperte, e digo apavorada:

- Não, Stella! Por favor, não! Apenas me leve para casa. Por favor! Por favorzinho...

Já um pouco afastada do carro, Stella para e se vira. Com as duas mãos na cintura, outra vez ela me lembra minha mãe, e diz:

- Tudo bem, mocinha. Vou respeitar sua escolha. Mas se esse...

Interrompendo-a, digo:

- Fica tranquila, Stella. Nada que uma boa noite de sono não resolva. É o que preciso por agora.

Rupert coça a cabeça, exibindo sua preocupação. Olhando-me de um jeito que chega a me dar pena, ele fala:

- Olha Malu. Desde já peço desculpas se esse riquinho te fez mal. Quando o ouvi, ele me pareceu ser uma boa pessoa, e...

Com o coração em frangalhos por vê-lo todo arrependido, eu o interrompo também, e falo:

- Senhor Rupert, continue na certeza de que ele é uma boa pessoa. Sério. Não fique preocupado! Talvez o problema maior aqui seja eu mesma. Por isso preciso de um tempo.

Batendo uma mão na outra, Stella volta para o carro, dizendo:

- Está bem! Já que é assim, vamos embora. E hoje a senhorita dorme na minha casa. Porque amanhã quero os detalhes pormenorizados de absolutamente tudo. – abrindo a porta do motorista, ela acrescenta: - Estamos combinadas?

Dou-lhe um sorriso sereno, e respondo:

- Sim, mamãe. Estamos combinadas.

Virando-me para o Senhor Rupert, digo:

- Volte para a sua conversa, mocinho! E nada de se preocupar. Tudo vai ficar bem. Estamos combinados?

Simulando ser um soldado ao me prestar continência, Rupert diz:

- Sim, senhora. – fingindo pensar melhor, acrescenta: - Quero dizer: - Sim, senhorita.

Antes de virar-se e se afastar, piscando um dos olhos, ele ainda falou:

- Quando você se casar com um dos dois, passo a te chamar de senhora.

Indignada, eu falo:

- Olha! E não é que ele sabia de tudo!

Ainda em pé no lado do motorista, com ares de curiosidade, Stella indaga:

- Por todos os muffins, do que é que ele está falando, e do que você está falando garota?

Entro com meu vestido de um jeito desajeitado no carro, e digo:

- Amanhã eu te conto tudo enquanto estivermos comendo muitos muffins, Stella. Vamos embora, pelo amor de todas as donzelas desiludidas e cansadas como eu!

Como amiga brilhante que ela é, Stella entra no carro em silêncio e começa a dirigir. Em silêncio e bufando, mas o importante é que estava me levando para longe dali. Então sou assaltada pelas recentes lembranças. Agora quem está bufando sou eu. Droga! Fui envenenada pela família Albernethy. Primeiro me lembro do beijo. O gosto de menta. O cuidado para tocar meus lábios. Ah! A vontade que tive de encostá-lo na varanda e provar seu sabor por horas. E a melhor parte: Não foi imaginação. Eu vivi isso, e fico assustada por constatar que foi o melhor beijo de toda a minha encalhada vida de solteira.

Depois sou transportada para perto do corpo de Killian. Seu braço me segurando. Aquele olhar me devorando. Sua proposta sem pé nem cabeça. “Quem ele pensa que é para dizer que eu não deveria entregar meu beijo para qualquer um?”.

Levo um susto quando ouço Stella perguntar:

- Por que está dizendo isto?

Ainda assustada, questiono:

- Dizendo o quê?

Segurando o volante com a mão esquerda, e gesticulando com a direita, Stella fala:

- Isso que você disse agorinha: “Quem ele pensa que é para dizer que eu não deveria entregar meu beijo para qualquer um...”

Assim que entendo o que aconteceu, digo:

- Ai meu Deus!

Confusa, Stella pergunta:

- “Ai meu Deus” o que, Malu?

Levo minhas duas mãos ao rosto, dizendo:

- Releva Stella. Meu pensamento me traiu e falou alto.

Stella me olha séria pelo retrovisor, e diz:

- Quer saber de uma coisa moça? Vamos beber!

Passando a mão no celular dentro da bolsa em cima do banco do carona, Stella aciona o número do marido. Quando sua ligação é atendida, ela diz:

- Amor, eu vou precisar de um favor seu. Pede um táxi e vá até o Amarelinho Old Bar Restaurante. A Malu está precisando encher a cara, e eu também!

Assim que Stella termina sua conversa com Marcos, fala:

- Pronto! Ele busca o carro e nós duas teremos tempo suficiente para transferir essa problemática toda para o nosso fígado!

Em êxtase, digo:

- P.q.p. Stella. Se você fosse homem eu me casava com você! É disso o que preciso agora!

Olhando-me ainda mais séria pelo retrovisor, Stella fala:

- Se eu fosse homem, não me casaria com uma mulher que diz “P.q.p.”.

Com a intenção de provocá-la, digo:

- Ah! Então você não se casaria com alguém que fala “P.q.p.”?!

Gesticulando outra vez com a mão direita, Stella diz rindo:

- Nem em um milhão de anos eu me casaria com alguém que diz “P.q.p.”!

Caímos na gargalhada e lá foi ela dirigindo até o “Amarelinho”. E é claro, chegamos causando. Não é todo dia que uma mulher vestida de duquesa chega para beber.

Aproveitamos uma mesa vazia na parte de fora do estabelecimento e ali nos sentamos. Tão logo vi o garçom, falei:

- Desce a Tequila, garçom. Por favor...

Observo o movimento na rua, brigando com as lembranças que insistem preencher minha mente. De esguelha vi Stella lançar uma expressão assustada para mim. Viro-me para ela, e digo:

- O que foi? A ideia de beber foi sua. – arregalo os olhos, e acrescento: - E que ideia hein!

Stella suspira, e fala:

- Que venha a Tequila!

Gole atrás de gole, contei-lhe toda a história. Excelente ouvinte, ela apenas virava mais um copo quando algo a surpreendia.

Eu me lembro de ter almoçado e tomar um suco na parte da tarde. A essa altura da noite meu estômago não possui mais nada além do álcool. Entro num estado de flutuação incrível. Mesmo assim, os irmãos Albernethy ainda me perseguem. O beijo de um. A proximidade com o corpo do outro. E para estragar tudo “Jhenny”. Eca! Mais Tequila para suportar...

De repente vejo um cara diante de mim. É... Minha visão já não está ajudando muito. Mas parece ser bonitão. Aí me dei conta que ele me dirigiu a palavra:

- Boa noite, beldade. Será que eu posso me sentar para beber com vocês?

Quando entendo o que ele diz, viro para Stella e falo rindo:

- Você ouviu o que ele disse? – entre os dentes, realço: - Ele me chamou de beldade!

Seguro o mão direita dele, e digo rindo:

- Moço, nunca ninguém me chamou de beldade! Será que é o meu penteado hollywoodiano? – fecho olhos, rio mais um pouco, abro novamente, e acrescento: - O que uma maquiagem não faz hein?

Ele então faz menção de se sentar, e diz:

- Posso te dizer muitas outras coisas legais...

Porém, não permito que ele se assente. Ao invés disso eu me levanto. Seguro nos seus ombros, e digo:

- Permita que eu te olhe de perto.

Depois de examiná-lo com cuidado, falo fazendo beijo:

- Ah! Você é charmoso. Mas não conheço você.

Foi aí que tive uma grande ideia. Precisava experimentar o beijo dele e saber se eu teria as mesmas sensações que Thomas causou em mim. Por isso, indaguei:

- Faz um favor para mim?

Colocando suas mãos na minha cintura, ele fala todo animado:

- Qualquer um, princesa.

Chego bem perto dele, e começo a explicar, apontando o dedo indicador no meu lábio inferior:

- Quero que você beije com bastante cuidado aqui. Depois...

Não tive tempo de terminar minha frase. Só vi Stella me puxando pelo braço esquerdo e me arrastando com ela, e dizendo:

- Desculpe-me garoto. A princesa aqui precisa voltar para a torre dela urgentemente!

Cambaleando, deixo-me ser conduzida por ela até o que me parecia ser um carro. É isso aí. É um carro. De fato. Agora que cheguei mais perto tenho certeza.

Stella abre a porta de trás, e diz:

- Vamos lá, sua beijoqueira! Seja uma boa garota e entre já neste táxi.

Soltando-me de sua mão, eu protesto:

- Amiga! Você não me entendeu. Preciso que aquele garoto me beije.

Com as duas mãos na cintura, Stella fala:

- Malu, Malu. Não me faça te colocar a força aí dentro!

Mesmo neste estado, reconheço que preciso facilitar para ela, e faço menção de entrar. Contudo, arrisco uma última tentativa:

- Mas Stelinha, e se for ele o grande amor da minha vida?!

Praticamente me empurrando para dentro do táxi, Stella esbraveja:

- Se não entrar já na porra deste táxi, vou te dar a maior surra da sua vida!

Rindo, eu enfim me acomodo, depois de colocar todos estes panos junto comigo para dentro com a ajuda dela, e digo:

- Stella... Você falou “porra”. Que feio! – balançando a cabeça, acrescento: - Menina má!

Acho que eu a vi rir por detrás do vidro quando fechou a porta. Não sei. Eu me largo no banco traseiro, e por lindos segundos meus doces tormentos me dão paz...

CAPÍTULO 9

Quando abro os olhos, reconheço o teto com desenhos de estrelas cintilantes num fundo azul-escuro. Estou no quarto de hóspedes de Stella, o que antes fora um projeto para o bebê que ela pretendia ter, mas que perdera no terceiro mês da gestação. Isso já faz um ano e meio, e o psicológico dela não mais ajudou. Por isso, ao invés de um berço e todos os mimos fofos, este espaço foi preenchido pela velha cama de casal dela e por uma sapateira, apenas.

Minha boca quase não tem saliva. Sinto um calor descomunal, e a cabeça... Nossa! Tudo ainda está em constante movimento. Percebo que estou usando uma camiseta comprida preta com estampa do Pateta. “Acho que Stella fez isso de propósito!”. De repente sinto um medo incomum. Sento-me depressa na cama, e sussurro:

- Será que nunca mais vou vê-los?

Um mini filme se passa na minha mente e eu fecho os olhos para assistir. Suspiro ao reabri-los, e digo:

- Talvez eu seja mesmo uma pateta.

Olho para o lado direito e vejo que minha bolsa está em cima da sapateira, sobre minha calça jeans e minha regata preta. Crio coragem e saio da cama para pegar meu celular lá dentro. Ainda com dificuldade para fixar os olhos na luz da tela, abro o facebook e digito “Killian Albernethy”. Mas não consigo nenhum resultado relevante na pesquisa. Em seguida tento “Thomas Albernethy”. Também nada que mostrasse ser ele.

Chega de drama. Hora de enfrentar Stella! Não vou cair no truque sujo da minha mente pele enésima vez e permitir esse medo bobo. Se eu não voltar a vê-los, significa que teria sido só mais uma ilusão para o meu arquivo pessoal.

Saio no corredor e sinto um cheiro forte de café. Stella está na sala. Como o apartamento não é lá muito grande, a mesa onde Marcos e ela fazem as refeições fica na própria sala, bem de frente para a saída do corredor.

Escolho usar minha técnica de criança bisbilhoteira. Ao me aproximar da saída do corredor, ponho somente meu rosto à mostra, com o intuito de assim preparar minha aparição.

Sou flagrada pelos grandes olhos de Stella. Ela se encontra com uma das pernas dobrada em cima da cadeira e veste uma camisola de seda perolada e comprida. Bebe um gole de café segurando a xícara com as duas mãos, e com a cabeça chama minha atenção para o que eu definiria como “buquê gigante de rosas literalmente rosa” no meio da mesa de vidro, a sua esquerda.

Ainda a me encarar, Stella diz:

- Rosas para você, Malu.

De imediato meu coração dispara. Meus olhos grudam no buquê como se estivesse vendo um dos dois ali. Ao perceber que eu demoro a sair detrás da parede, Stella fala:

- Fique tranquila. Pode se aproximar. Elas não são carnívoras. – colocando a xícara no pires em definitivo e cruzando os braços em cima da mesa, acrescenta:

- Pelo menos quando eu fiquei mais de cinco minutos bajulando elas, não fui mordida.

Por fim saio do meu esconderijo. Caminho respirando aliviada na direção das flores, já que elas diminuem a possibilidade de uma nova quimera na minha vida amorosa. Com o buquê em mãos e sentindo seu delicado perfume, falo:

- Quer saber Stella: Acho que sou mesmo uma Pateta.

Irônica, Stella brinca com o farelo do muffin em seu prato, e fala sem me olhar nos olhos:

- Excelente! Isso significa que não errei na escolha do seu pijama.

Reconheço que me excedi na noite passada, e isso parece ter afetado ela. Busco me retratar, e digo:

- Stella. Perdoe-me pelo meu comportamento ontem à noite. Mas minha cabeça estava e está tão confusa...

Interrompendo-me, agora me olhando nos olhos, Stella diz:

- Não há nada para se perdoar. O que acontece é que não conheço uma mulher equilibrada e inteligente como você, Malu. Só que quando se trata dos assuntos do coração, você escorrega mais que pedra cheia de limo.

Busco compreendê-la e ao mesmo tempo me explicar, então eu falo:

- Estes dois estão me confundindo. Fui até aquela festa pela certeza da minha atração por Killian. Eu nem sonhava com Thomas. Enquanto um quer me testar, e testar a si próprio, para descobrir o que quer, o outro diz até que gostaria de viver comigo numa ilha deserta! Consegue me entender?

Descruzando os braços, ela diz:

- Sim. Claro que entendo. E diante disto, o que você faz? Sai correndo, entrega seu Don Juan de bandeja para outra, e ainda nem se permitiu conhecer melhor alguém demonstrando tamanha certeza em te querer. Você deseja um amor, mas desliza dele com tanta facilidade, que quem fica confusa sou eu.

Bem que eu tento falar, mas ela se empolgou:

- Não terminei ainda... Está mais do que na hora de entender, Malu, que o amor não é um diamante lapidado. Na grande maioria das vezes, nós o encontraremos em sua forma bruta. – apontando para o retrato acima da televisão, localizada a direita dela, quase perto da porta de entrada, com Marcos e ela vestidos de noivos, acrescenta:

- Veja meu casamento. Marcos está longe de ser o homem romântico, cavalheiro e carinhoso que eu sempre desejei, mas lapido meu diamante todos os dias.

Levantando-se, Stella pega mais um muffin da forma de vidro lotada deles. Dá-lhe uma boa mordida, e enquanto mastiga aproxima-se de mim, retira um cartão de dentro do buquê, e me diz:

- Agora chega de assunto sério. Tome seu café e mata minha curiosidade nesta manhã linda de domingo: Quem você acha que te enviou as flores?

Como era de se esperar, a questão mexe comigo. Meu coração volta a palpitar acelerado. Ponho as rosas em cima da mesa. Pego o cartão das mãos de Stella, e falo:

- A Malu enfeitiçada por aquele “bendito” olhar, quer que tenha sido o Killian. Mas a Malu ciente da realidade, e também encantada por ele, sabe que foi o Thomas.

Ao cruzar os braços, Stella encosta na mesa, e diz sorrindo:

- Você é uma Pateta de sorte. Com tantas mulheres naquela festa, mesmo depois de você evaporar, ainda ser perseguida por ele assim é... Um caso raro, típico de conto de fadas!

Enquanto abro o cartão, dou de ombros, e digo:

- Talvez ele só goste de mulheres difíceis. Esse interesse todo pode muito bem desinchar no instante que eu facilitar.

Quando leio o cartão, fico surpresa ao constatar que não há assinatura, apenas a frase “Você tem um grande problema.”

Lendo junto comigo, Stella franze o cenho, dizendo:

- O que isso quer dizer?

Confusa, falo:

- De que jeito eu saberia?

Ficamos algum tempo pensando, até que a campainha tocou. Stella olha para mim, e fala:

- Marcos foi correr e não levou as chaves. Deve ser ele.

Quando ela está no meio do caminho até a porta, indago:

- E se não for ele?

Minha pergunta a faz parar. Virando-se para mim, ela questiona baixinho:

- Sua intuição diz a mesma coisa que a minha?

Olho fixo para ela e balanço a cabeça em sinal de positivo. Contudo, decido me colocar em ação, e vai ser com esse pijama mesmo. Se ele se assustar, pelo menos já resolvemos logo esse impasse.

Faço um gesto com a mão para ela voltar e caminho até a porta, decidida. Ao passar por Stella, ela faz um sinal de jóia com cada uma das mãos, abre a boca

num sorriso engraçado, e sussurra:

- Vou me refugiar na cozinha.

Conservando-me na minha determinação, abro a porta sem nem mesmo ajeitar meu cabelo, ou checar se existem aquelas coisinhas brancas indesejáveis nos meus olhos. Mas quando o vejo vestido com roupa de ciclista, e cheirando a Deus grego, minha decisão fica seriamente comprometida.

Tudo bem. Não estou sendo cem por cento honesta. Stella me fez escovar os dentes antes de dormir, mas não tirei a maquiagem. E da forma como ela arrumou meu cabelo, posso ficar uns três dias sentindo-me uma diva com eles. Dou graças aos céus por isso.

A primeira coisa que Thomas faz é me olhar da cabeça aos pés. No entanto, ele o fez como um animal quando está apreciando sua presa. Pude adivinhar os pensamentos dele. Sinto um calafrio excitante deslizar com seus olhos sobre cada parte do meu corpo.

Enfim nossos olhos se encontram, e ele diz:

- Bom dia. Você nunca mencionou o pateta no seu blog.

Tento suprimir meu sorriso, quase sem sucesso, e falo:

- Bom dia para você também. – passando a mão sobre a estampa na camiseta, acrescento: - Pois é! Ele entrou para minha lista recente de personagens preferidos. Ainda farei um post sobre ele.

Percebo que ele também tenta reprimir um sorriso. Não teve um desempenho melhor que o meu. Porém, nessa tentativa, ele morde os lábios, e eu vou ao delírio. Surpreendendo-me, Thomas me faz notar que está segurando o par de sapatos que usei na noite passada quando os coloca em evidência na sua mão esquerda, segurando com a mão direita, e diz:

- Vê estes sapatos?

Faço caras e bocas de desentendida, e falo:

- É... Estou vendo sim...

Teatral, ele fala:

- Então, meu irmão e eu demos uma festa ontem. E eu conheci uma garota que vou te falar uma coisa... Mexeu com meu juízo! Só que ela saiu correndo, sabe?! Era meu aniversário e nem se deu ao trabalho de me parabenizar...

Sou obrigada a interrompê-lo. Involuntariamente seguro o braço direito dele, e me preparo para pedir desculpas. Mas ele chega bem perto do meu ouvido, e sussurra:

- Por favor, deixe-me terminar o que vim fazer aqui. Se continuar me tocando, eu não respondo por mim. Apenas me ouça, ok? Ensaiei bastante esse momento.

Eu obedeço recuando minha mão, enquanto ele volta à posição inicial. Outra vez assumindo ares de um ator em ação, ele fala:

- O fato é que, em sua pressa, essa garota parece ter perdido seus lindos sapatos. Aí, quando acordei essa manhã, pensei: Não podia ter permitido que ela se fosse. Não sem antes fazê-la saber o que desejo ardentemente lhe oferecer. Por isso decidi sair à procura dela. Se eu tiver que bater de porta em porta, em cada casa de São Paulo para encontrar a dona destes sapatos, eu farei. Vou procurá-la! – o tom teatral sumiu de repente, e Thomas passou a olhar bem fundo nos meus olhos, dizendo:

- Na verdade, eu a procuro há tanto tempo. Desde a minha primeira namoradinha de infância. Depois de tantas bocas e corpos que visitei em meus quarenta anos de vida, não imaginava que fosse possível encontrar numa única mulher tanta doçura, inteligência, bondade e simpatia.

Quando achei que ele já não mais poderia me surpreender, Thomas se abaixa, coloca os dois sapatos diante de mim. Toca minhas pernas com delicadeza, indicando para que eu os calçasse. Em êxtase, eu obedeco sem oferecer nenhuma resistência.

Apoiado com um dos joelhos no chão, ele pega minha mão direita, quando já estou calçando os sapatos de salto alto, olha com ternura para mim, e pergunta: - Malu Bertone Casaro, você quer andar de bicicleta comigo?

Neste momento, nenhum de nós dois conseguiu conter o riso. Para bem dizer, foi impossível não gargalharmos. Aderindo a brincadeira, respondi: - Sim, Conde Thomas Albernethy. Eu aceito andar de bicicleta com você!

CAPÍTULO 10

Decidi testar minha teoria. Vou facilitar e ver se Thomas continuará tão interessado como demonstra. Assim que aceito andar de bicicleta com ele e damos conta da nossa crise de risos, ele se levanta, finge estar muito sério, e diz:

- Espero que você tenha lido o cartão.

Cruzando os braços, digo:

- Sim. Eu li. E confesso que fiquei bastante intrigada.

Para minha surpresa, Thomas põe a mão direita na minha cintura e me empurra com cuidado contra a porta aberta. Apoia a mão esquerda nela, acima da minha cabeça, e permanecendo com a outra mão na minha cintura, diz:

- Então você se lembra que tem um problema?

Uma corrente de quatrocentos e quarenta volts percorre meu corpo e ao mesmo tempo sinto estar em chamas. Num gesto involuntário descruzo os braços. Gostaria de facilitar ao ponto de agarrá-lo, mas me limito a apenas

responder:

- Eu me lembro muito bem.

Perto demais da minha boca, ele fala:

- Ótimo. Por isso está na hora de eu fazê-la saber qual é o problema. – por tortuosos segundos, Thomas me olha nos olhos, com seus lábios de frente para os meus, o cheiro de menta e perfume convidativo a me provocar, e diz:

- Eu a desejo de corpo e alma, Malu. Mas a partir deste momento tomarei duas atitudes: Só vou parar de procurá-la quando “você” me pedir, porém, só voltarei a beijá-la, quando “você” me pedir.

De repente sinto uma vontade descomedida de me impor. Lanço a ele um olhar de desafio. Ponho minha mão direita abaixo do seu umbigo e o empurro para a parede paralela a nós. Chego bem perto dos seus lábios, e digo:

- Quer saber, Conde Thomas Albernethy... Isso é realmente um problema! Só que você também tem um: Não estou com a mínima vontade de te pedir para não me procurar. Mas estou sentindo um desejo desenfreado de fazer você se contradizer e implorar sentir meu gosto.

Eu o surpreendo. Ele me olha alucinado, escancarando seu anseio. Nunca senti tamanho êxtase. Essa é a sensação mais deliciosa que experimentei em toda minha vida.

Thomas me puxa com uma força envolvente para junto do seu corpo, e diz:

- Ok, lady. Desafio aceito! – aproximando-se do meu ouvido, acrescenta sussurrando: - Estou louco para fazer você perder.

Com um meio sorriso, ele me dá um beijo bem próximo do canto da minha boca, e diz afastando-se de mim:

- Estarei lá embaixo esperando você.

Eu o observo se afastar. E olhá-lo por trás... Que isso! Só posso ser a personagem de um conto de fadas! Tenho vontade de reler tudo o que postei e entender melhor os motivos que o levaram a cultivar isso que ele diz sentir por mim. Achava que algo desse tipo só podia acontecer nos filmes ou nos livros. Não há dúvidas que é fácil me deixar envolver. E talvez fosse bem mais simples se a lembrança de Killian desse folga para mim.

Fecho a porta e logo Stella vem ao meu encontro toda eufórica, dizendo:

- Conte-me tudo e não esconda nada! Daria tudo para ser qualquer inseto voador e estar aqui ouvindo a conversa de vocês!

Viro-me para ela com cara de adolescente apaixonada, encosto na porta, e digo:

- Ai Stella, você acha que sou muito cretina por estar atraída por dois homens ao mesmo tempo?!

Ajeitando sua camisola e recostando-se na parte de trás do sofá, Stella dá de

ombros, cruza os braços, e diz pensativa:

- Você só será cretina se esconder esse fato de você mesma e deles. Isso te dá uma margem para entender a proposta de Killian, e até mesmo o desprendimento de Thomas ao te conceder liberdade de escolha, ainda que decidido por você. - arregalando os olhos, ela acrescenta: - Esse é o jogo minha cara: descobrir qual o verdadeiro desejo do coração de cada um dos participantes!

Sinto uma energia arrebatadora me visitar. Olho animada para Stella, e digo:

- Você tem razão. – caminho na direção dela, seguro seu rosto e dou-lhe um beijo na testa, dizendo:

- Eu já te disse que te amo?

Ela aperta forte minha bochecha, balançando meu rosto, e diz:

- Também amo você, sua beijoqueira! Agora me diz: Quem estava aí afinal? O que vocês conversaram?

Caminho para o quarto onde dormi, e fui falando:

- Era o Thomas, e vamos andar de bicicleta! Precisava ver ele naquela roupa apertadinha...

Seguindo-me, Stella indaga:

- Quer dizer que ele sabe do seu hobby?

Já estou colocando a calça jeans, quando me lembro que também havia mencionado sobre as atividades que faço nas minhas horas de folga no blog. Continuo me trocando, e falo assentindo:

- É amiga. Acho que meu blog me deu muito mais do que um aumento de salário.

Recostada no batente da porta, Stella diz:

- Isso é fantástico!

Terminando de vestir minha regata e calçar meus sapatos, que estavam ao lado da sapateira, corro para o banheiro lavar meu rosto, e passar um batom. Alertando-se, Stella sai do estado inerte e meditativo no batente, vai atrás de mim, e questiona:

- Não está com fome? Vai sair sem tomar café?

Secando meu rosto, dou uma ajeitada no cabelo, e antes de passar o batom, respondo:

- Só estou com fome de uma coisa agora.

Com meus lábios devidamente pintados, viro-me e olho para Stella parada na porta do banheiro, e digo:

- Fome de jogar!

Ao passar por Stella, dou-lhe um abraço antes de buscar minha bolsa, e falo sorrindo:

- Vou descer para o play, mamãe!

Rindo, Stella dá-me um leve tapa no meu quadril, e diz:
- Sua beijoqueira pateta sortuda!

CAPÍTULO 11

Caminhar até Thomas me trouxe uma nova sensação. Não é um simples trajeto. Nunca me encaminhei na direção de alguém que se mostrasse tão a fim de mim, e que eu também sentisse algo demasiado emocionante com relação à pessoa.

Talvez fosse a elegância, mesmo numa roupa de esporte, ou o jeito cortês; o cheiro de menta da sua boca, ou o perfume deslumbrante emanando da sua pele; quem sabe as palavras bem colocadas, ou seu toque inesperado e delicioso.

Quando saio do prédio, eu o vejo de frente para mim, encostado numa Ecosse Titanium, uma das motos mais caras do mundo e que eu sempre cobicei. Ao me aproximar dele, não resisto, e falo:

- Nossa! Escrevi sobre esta moto no meu blog há um tempo...

Interrompendo-me, estando com um capacete dourado nas mãos, Thomas diz:

- Exatamente! E foi assim que te conheci.

Intrigada, questiono:

- Como assim?

Sorrindo, Thomas responde:

- Há quase um ano atrás, entrei na internet para pesquisar sobre motos, já que eu queria comprar uma. A Ecosse me chamou a atenção, e então sai caçando opiniões na net. Foi quando me deparei com o conteúdo diversificado do seu

blog. Li o texto sobre a moto e gostei muito. Desde então, salvei o endereço nos meus favoritos e foi assim que passei a te acompanhar.

Encantada, digo:

- O texto sobre a moto é de dois mil e doze, quando eu ainda nem sonhava transformar meu blog no “Malu Literária”. Decidi não apagar os arquivos antigos, e olha só!

Observando-me com atenção, Thomas fala:

- Você é ainda mais contagiante pessoalmente.

A verdade na voz dele chegou a me emocionar. Faço um esforço monstruoso para não deixar transparecer. Sei lá. Ainda é muito cedo para cair de cabeça. E tem o Killian; não sei como vou lidar com isso. Contendo-me, digo:

- Você foi uma grata surpresa.

Pego o capacete da mão dele, e digo:

- É bem estranho ver um conde vestido com roupa de ciclista e prestes a pilotar uma super moto. Não acha?

Thomas responde:

- Depende. Se na sua mente há a versão de um Conde ultrapassado pelo tempo, eu diria que sim. – esticando a malha da roupa, acrescenta: - Mas sou apenas um Conde moderno.

Rimos e ele então se vira para pegar o outro capacete pendurado no guidão da moto. Enquanto o coloca, Thomas indaga:

- Diga-me, minha agradável dama: Passamos numa loja de esportes para te comprar uma roupa adequada a nossa atividade, ou vai me dizer onde mora para que você se troque?

Curiosa, questiono:

- E quanto à bicicleta? Quero dizer... Você está de moto.

Levantando a viseira e ligando a moto, Thomas fala com a voz abafada pelo capacete:

- Isso fica por minha conta, lady.

Coloco o capacete, e falo:

- Sendo assim, vá para a rua vinte e um de abril. Fica aqui na Mooca mesmo. Sabe chegar lá?

Lançando-me um olhar provocativo, Thomas responde:

- Senta bem coladinha aqui comigo e me guie. Pode ser?

Devolvo o olhar insinuante, também estando com a viseira levantada. Subo na moto sob a vigilância dos olhos dele, agarro-me a sua cintura, e respondo:

- Assim está bom para você?

Para o meu deleite, Thomas segura firme com sua mão direita minha coxa, trazendo-me com vigor para mais perto dele, e diz com um olhar travesso:

- Eu disse bem coladinha. – ele abaixa a viseira, e acrescenta:
- Agora sim. Está ótimo!

Achei que fosse chegar num orgasmo com esse gesto. Mas sem sombra de dúvidas ele me deixou com vontade de ter um. E sei que ele sabe disso, pois Thomas segura bem forte minhas mãos fixas no seu abdome e, num ato involuntário, eu me comprimo ao seu corpo. Ele espera como quem curte o momento. Segurando minhas mãos e de viseira baixada, olhando de soslaio, diz:

- Quando desejar é só me pedir; e eu farei com que consiga chegar até o fim no que está sentindo agora.

Entorpecida pelo súbito prazer, agarro-me à prudência, e digo:

- Segue reto e vira na primeira a direita, por favor.

Já tive diversas opiniões sobre o sexo nas minhas experiências. Fui para a cama no primeiro encontro, e o depois foram dias de ilusão, onde eu, acreditando ter estabelecido uma conexão com o “crush”, achava que as mensagens visualizadas e não respondidas, ou a demora para as respostas, significavam apenas que ele estava ocupado demais no trabalho para me dar atenção; ou, banquei a esperta, e demorei séculos até me permitir render aos prazeres dentro de quatro paredes, para no final, ser traída com uma mulher mais cheia de poder do que eu. Cheguei a investigar a mente de um cara, para saber o que ele pensava a respeito, e preparamos um dia especial para o “acontecimento”. Como desfecho, a história acabou com ele voltando para a ex. Enfim, em definitivo, não tenho mais parâmetros. E diante da existência do Killian, mesmo com toda a atração que sinto por Thomas, uma rendição agora só serviria para me atordoar ainda mais.

Quando iniciamos a corrida, ainda sob a regência do prazer contido, ali, quase tatuada ao corpo de Thomas, experimento o sublime da vida. Enquanto eu o guio, o vento e a velocidade nos embalam, e sinto uma exultação sublime. Até o sol extenuante desta cidade parece mais gostoso quando toca minha pele. Como estou viva agora!

Subimos em silêncio as escadas que levam até o meu apartamento. Somente quando abro a porta da sala, dou conta que daqui a milésimos de segundos estarei tentadoramente a sós com ele.

Longe de querer facilitar para mim, assim que abro a porta, Thomas se aproxima por trás, coloca a mão esquerda na minha cintura, espia minha sala, e diz:

- Vindo de você, eu não poderia esperar menos no quesito de bom gosto na decoração.

Conservo-me firme. Finjo contemplar a sala, e digo:

- Precisava alugar um apartamento pequeno, afinal, sou só eu, e o valor é bem

mais em conta. Aí decidi dar o meu toque para fazer valer a pena cada vez que chego aqui depois de um dia inteiro de serviço.

Meu apartamento é composto de um quarto com suíte, sala, uma minúscula cozinha e a pequenina área de serviço. Na sala, de piso branco, adicionei um sofá roxo de quatro lugares em formato de L, de frente para minha TV smart de quarenta e nove polegadas acoplada numa parede revestida de espelho. Abaixo dela coloquei uma estante de madeira abrigando os porta-retratos digitais com as fotos da minha família. A TV é ladeada por grandes vasos de vidro rosa com minhas Yuccas, uma planta da América Tropical resistente a locais fechados, usada como planta ornamental na Europa, mas também utilizada para fazer farinha, e seu tronco para construção de habitações.

Apertando minha cintura, Thomas fala:

- Por que você não vai lá se trocar então... Eu te espero aqui.

Eu não quero ir para o meu quarto sem ele. A grande verdade absoluta é que desejo ardentemente levá-lo comigo. Porém, estou consciente demais acerca da responsabilidade que tenho nesse jogo. Só isso consegue fazer com que eu acate a sugestão dele e caminhe sozinha até o dormitório.

Quando fecho a porta, vou até o meu guarda-roupa embutido e abro a gaveta que contém meus três macacões para andar de bicicleta. Pego o macacão preto com detalhes rosa, um par de meias e o tênis. Assim que começo a tirar minha roupa, vivo algo fora do normal. É como se eu pudesse estar na mente de Thomas, e ver de forma nítida seus pensamentos. Há uma conexão tão forte que mal consigo respirar ritmicamente.

Já despida, corro até a porta. Ímpetos de ser irresponsável tentam de maneira alucinada me corromper. Por um tempo fiquei encostada na porta, lutando contra meus impulsos. Daria tudo para ver como ele está agora. Ou talvez eu ficasse muito feliz se a loucura o sequestrasse. Assim ele entraria aqui e tiraria o peso do meu dever de ser sensata.

Aperto meus olhos com força. Se eu pudesse ter a certeza de que ficar com ele me faria superar Killian. Eles são irmãos! Não posso iniciar nada sem antes arrumar essa bagunça. Chega de deixar meu corpo falar mais alto! Talvez a renúncia agora me presenteie com o verdadeiro amor. De forma alguma quero perder essa oportunidade.

Com estes pensamentos, consigo voltar até a minha cama e enfim eu me visto, coloco as meias e calço meu tênis. Respiro fundo e volto para a porta. Tomo outro fôlego e a escancaro, ansiosa.

Então eu o vejo apoiado com as duas mãos na parte de trás do sofá. Ele não me olha. Está pensativo. Um tempo no qual não consigo determinar ao certo se passa, até que ele vira sua cabeça na minha direção. Devora cada centímetro do

meu corpo com o seu olhar, e diz:

- Tenho até medo de pensar no que vou fazer com você se algum dia me permitir lhe dar prazer.

Outra vez o desejo me assedia. Tenho certeza que está escrito em letras garrafais na minha testa. Ainda parada no batente da porta, mais calada do que uma múmia, assisto Thomas ficar reto outra vez. Ele passa as duas mãos no rosto, caminha até a porta da sala, e diz:

- Minha agradável dama, dê-me a chance de respirar ar puro, e me acompanhe, por favor. – olhando para a porta, ele acrescenta:

- Mas é você quem tem que abri-la – olhando-me com um sorriso no rosto, fala: - Não é assim que diziam os antigos: Se a visita abre a porta, ela pode demorar a voltar. – ficando sério, acrescenta: - E não é isso o que quero!

Finalmente desencanto, e falo:

- Nem eu!

CAPÍTULO 12

Outra vez me acoplo ao corpo de Thomas e eu nem mesmo pergunto para onde estamos indo. Apenas permito sentir a vida invadir minha existência enquanto voamos na Ecosse.

Nosso destino final foi em frente a um exuberante portão de ferro pintado de preto, tachado com as letras gigantes “T A”, em alto relevo, num dourado polido, cada uma em uma das folhas do portão. Reconheço o bairro. Jardim Paulista. Já estive por aqui quando visitei uma senhora muito rica que transformou sua história de amor com o seu jardineiro num livro “Meu amado Rich”. Foi minha terceira aposta que mais vendas renderam para a Editora.

Vejo Thomas acionar um botão na moto e o portão se abre sozinho. Seguindo uma trilha de grandes pisos de granito espaçados pela grama predominante no terreno, chegamos à frente de uma mansão tão imponente quanto a sua entrada.

À direita resplandecia uma piscina retangular, cuja borda também era completada por pisos de granito, e espreguiçadeiras de madeira. Algumas com guarda-sol. Na frente da mansão uma extensa varanda oferecia uma cadeira de balanço com dois lugares, e uma rede em tom marfim. Ao lado da piscina, dentro de um círculo de pedras brancas, havia uma mesa de vidro redonda com quatro cadeiras de ferro com estofado florido. Igualmente protegida por um

guarda-sol.

E à esquerda foi o que mais me surpreendeu. Não se via nada além do vasto campo gramado, sendo completado ao fundo por árvores. Foi quando vi também um bicicletário, coberto por uma casinha de alvenaria, com duas bicicletas dentro, bem ao lado da varanda.

Assim que paramos, eu desço e tiro o capacete. Ajeito os meus cabelos e torço para ainda estar apresentável. Desligando a moto, Thomas desce, livra-se do capacete e o coloca no guidão. Aproxima-se de mim, retira o capacete da minha mão, guardando-o em cima da moto, e diz num tom desafiador:

- Quem chegar primeiro na floresta tem direito a um pedido inegável. Topa?
Minha mente funcionou rápido, e digo:

- Topo!

Parecendo duas crianças, saímos correndo e rindo em direção ao bicicletário. No trajeto, Thomas grita:

- Espero que dê tudo de si, lady! Não estou a fim de ser bonzinho com você.

Chegamos quase que juntos ao bicicletário. Concentro-me em tirar a bicicleta de dentro. Vejo que é uma bicicleta de montanha, com pneus largos e cravos que oferecem maior estabilidade em terrenos irregulares. Já subindo nela, eu falo:

- Aí bonitão. Venci quinhentos concorrentes para chegar onde estou. Acho que dou conta de você!

Quando iniciamos a corrida, Thomas diz:

- Quinhentos concorrentes não são nada contra um homem apaixonado!

Se eu estou sonhando, pelo amor de todos os anjos que eu acredito que existam, por favor, não me acordem! Enquanto pedalo com toda a minha força, experimento o êxtase da adrenalina. Mas para a minha aflição, ele vence.

Thomas para bem na entrada da floresta, marcada pelo início de uma trilha. Ele me olha triunfante. Logo me defendo, dizendo:

- Isso não é justo! Você tem uma trilha particular em casa. Eu só ando no Ibirapuera nos finais de semana!

Parado de lado, em frente à trilha, Thomas indaga:

- Está com medo de mim, lady?

A pergunta me faz rir. Ele só não vai saber que é de nervosismo. Apoiando meu pé no chão, respondo:

- Antes o medo fosse de você. Aí eu poderia sair correndo ou algo do tipo.

Com um olhar sereno, ele diz:

- Não quero forçá-la a fazer o que eu sinto e sei que você quer, mas que ainda não está preparada para assumir.

Thomas então se vira e adentra a trilha, dizendo:

- Vem! Vamos gastar nossa energia de outra forma.

Eu o sigo no automático, perguntando:

- Desistiu do pedido?

Pedalando com mais velocidade, o que me força a acompanhá-lo, ele responde:

- De maneira alguma. Só estou colocando na nossa poupança.

Um pouco ofegante, questiono:

- Temos uma poupança agora?

Ele responde:

- Acabo de criar!

Mais tranquila, pude apreciar o cenário inesperado do meu dia. Vencendo subidas e me aproveitando dos declives, faço a melhor trilha da minha vida. Ele construiu um lugar incrível aqui. A trilha é larga e circular. No meio e ao lado, várias árvores nos prestigiam. São diferentes espécies. Curiosa, indago ao me aproximar dele:

- Você as trouxe já prontas para cá, ou elas nasceram aqui?

Thomas diminui a velocidade, e responde:

- Se está se referindo as árvores, elas são nativas daqui. Esta propriedade era do meu avô, e que antes herdara do meu bisavô.

Como nunca ouvi falar da família Albernethy, atrevo-me a perguntar:

- O que vocês fazem para ter tanto dinheiro?

Rindo, Thomas responde:

- Primeira regra para se tornar uma bilionária, lady: Foque na sua paixão, não na mansão que deseja comprar. O que eu quero dizer é que, desde que minha família iniciou seus negócios na área financeira e de investimentos, nosso principal motor foi a paixão. Temos prazer em gerir patrimônios, dar conselhos de investimento, guiar o planejamento financeiro e nos especializamos de maneira contínua; somos fissurados em ver o sucesso dos nossos clientes. O dinheiro veio como consequência. Esta é a força motriz que vai atrair tudo o que precisa para a sua vida: Paixão!

Não resisto, e falo:

- Sou apaixonada pelo que faço, mas minha conta bancária ainda não atingiu nem seis zeros.

De repente ele para de pedalar, e eu paro logo à frente. Encarando-me, diz:

- Talvez porque você não precise de tantos zeros assim para ser feliz.

Sustentando meu olhar no dele, questiono:

- Você é feliz, Thomas?

Antes de ouvir a resposta dele, sinto minha visão escurecer. Uma fraqueza me domina e percebo que estou suando demais. Acho que minha pressão está caindo. Bem distante, ouço ele me chamar, mas...

Quando acordo, percebo que estou sentada, apoiada em travesseiros, e dou de cara com os olhos de Thomas me investigando. É a primeira vez que vejo sua expressão de preocupado. Assim que desperto por completo, ele se senta ao meu lado na beira da cama de casal e me acolhe no seu braço direito. Com o esquerdo pega um garfo e o preenche com um pedaço de mamão na ponta, e fala com um tom zangado:

- É o seguinte, minha agradável dama. Como você não se alimenta sozinha, vou ajudar você.

Sem entender muita coisa, pergunto:

- Do que você está falando?

Ainda com ares de preocupação, Thomas leva o garfo até minha boca, e diz:

- Primeiro coma, por favor. Depois eu me explico.

Enquanto mastigo, Thomas fala:

- Já deve saber que meu irmão e eu conhecemos o senhor Rupert. Liguei para ele e pedi o telefone da sua amiga. Foi ele quem me contou que ela te levou embora da festa.

Com base nestas informações, eu tiro minha conclusão:

- Aí ela buzinou na sua orelha que eu não tomei café da manhã.

Preparando outra vez o garfo, Thomas acrescenta:

- E que encheu a cara na noite passada de estômago vazio, mesmo depois de ela ter insistido para você comer.

De imediato eu fico mais reta, e protesto:

- A ideia de beber foi dela! Eu apenas gostei e...

Fazendo-me comer o segundo pedaço, ele completa minha frase:

- Se empolgou e não comeu nada.

Antes de ele me fazer comer o terceiro pedaço, digo:

- Não, não. – afasto sua mão, e acrescento:

- Dê-me o prato, por gentileza.

A verdade é que estou morrendo de fome mesmo. Encostada no colo dele, como em silêncio pedacinho por pedacinho da montanha de mamão no prato.

Quando eu termino, olho de esguelha para ele, e pergunto:

- Agora você está menos zangado comigo?

Sorrindo, Thomas tira o prato do meu colo e o coloca novamente na mesinha de cabeceira. Aí eu comecei a sentir medo de novo. Estou na mansão dele, no quarto dele, na cama dele, nos braços dele!

De súbito, ele beija o canto esquerdo da minha boca de maneira bem demorada, e sussurra rente ao meu ouvido:

- Se me pedir, eu faço. Faço tudo. Tudo por completo!

Ah, Thomas, Thomas! Você ainda tem muito que aprender sobre mim. Mas

vou começar agora mesmo a ensiná-lo. Subo no colo dele, e ele de imediato se ajeita na cama, onde pude ficar com minha perna direita em cima do colchão. Trocamos olhares calorosos de desejo, e chegamos a ficar arquejantes. Fico muito próxima ao seu ouvido, e digo com meu tom mais sedutor:

- O jogo está só começando Conde...

Tento me afastar, mas ele segura minhas duas pernas e me levanta, de forma que ele conseguiu se levantar da cama segurando-me no colo. Então ele me deita na beirada da cama, e se curva até mim, deixando minhas pernas abertas em torno das dele. Próximo dos meus lábios, fala:

- Então esteja preparada, lady, porque estou disposto a dar tudo de mim nesta competição!

CAPÍTULO 13

Pudera a vida ser feita apenas de bons momentos. Até que eles acontecessem, ficaríamos congelados ou coisa assim, esperando pelo próximo instante saboroso. Mas... Já que isso não passa de uma sugestão inviável, estou aqui vivendo a realidade.

São quase oito e meia da manhã de segunda-feira, e eu, juntamente com toda a equipe editorial, composta de dez profissionais, aguardamos pela entrada triunfal do nosso bilionário favorito, o pequeno e grande homem, Senhor Aquiles Foltrany.

Como era de se esperar, as mensagens aguardando minha interação se atulharam no meu celular como roupa suja no cesto do banheiro. Enquanto busco responder cada uma delas, e bolar mentalmente meu próximo post, fico brigando com as lembranças do meu último final de semana. Elas mais vêm do que vão. São persistentes.

Estou sentada quase na ponta da mesa retangular e comprida da sala de reuniões. Dou uma espiada e noto que Elisa ainda não chegou. Isso é bem incomum, já que ela costuma ser a primeira a estar na empresa. Todos estão quietos e concentrados em seus próprios Smartphones, com exceção de Stella, sentada ao meu lado, que acaba de me fazer uma pergunta:

- Vai almoçar com ele hoje?

O simples pronome “ele”, faz com que uma onda eletrizante percorra meu

corpo. Como foi difícil sair daquele quarto, com a desculpa que eu precisava voltar para casa e dar atenção aos meus leitores. Isso, de fato, era necessário. Mas é claro que, se as coisas estivessem resolvidas na minha cabeça, eu não teria saído de lá antes do sol voltar a se exhibir para nós. Além do mais, tenho uma “competição” para honrar. Eu me delicio com a cena dele implorando meu beijo. Quero muito trazê-la para o mundo real. De vez em quando eu abro o contato que ele me passou do Whatsapp e espio sua foto. Ele veste um terno preto, gravata azul royal, e está ostentando seu belo sorriso. Como resposta à pergunta de Stella, falo:

- Não. Ele nem mesmo me mandou bom dia.

Olhando-me com seriedade, Stella indaga:

- E você esperava que ele fizesse isso?

Fico intrigada, e questiono:

- Por que está me fazendo esta pergunta?

Dando de ombros, fingindo fuçar no seu celular, porque sei quando é fingimento dela, ela responde:

- Só quero que olhe para dentro de si e descubra o que está sentindo.

Ela sabe que estou olhando para ela, mas Stella continua passeando entre os ícones sem abrir nenhum. Após uma rápida pesquisa em mim mesma, digo:

- Acho que pela primeira vez não estou preocupada com mensagens ou ligações. E isso é muito louco, porque, apesar desta paz, nunca me senti tão agitada. Há algo nestes dois irmãos que eu não sei explicar.

Agora Stella se vira para mim, e diz com seu tom sarcástico:

- Pois eu sei explicar: Os dois são lindos, ricos, educados, galanteadores e irresistíveis. Isso ajuda você?

Dou-lhe um tapa falso na face enquanto sorrio, e nesse momento Elisa adentra a sala, acompanhada do Senhor Aquiles. Stella e eu nos olhamos. Aliás, todos se olharam. Sabíamos que algo havia acontecido para que os dois entrassem juntos.

Por se um anão, o Senhor Aquiles usa uma cadeira mais alta do que as demais, e para subir nela, ele se utiliza de uma escada de três degraus. Isso se tornou tão corriqueiro, que já nem prestamos atenção. Após sentar-se, ele então expressou sua voz imponente num sonoro “Bom dia”.

Todos corresponderam ao cumprimento, e Elisa permaneceu em pé ao seu lado. Juntando as duas mãos, Aquiles começou a falar:

- Meus estimados colaboradores, eu sei que temos pouco tempo, então serei direto: Esta reunião é para destacar o lamentável fato de Elisa estar deixando seu cargo de editora-chefe.

Passados os burburinhos de surpresa, Elisa iniciou sua explicação:

- Bom dia! Em primeiro lugar, quero dizer que sentirei muito a falta de todos vocês. Foram três anos de descobertas e conquistas. Um marco na minha carreira. Tenho um apreço enorme por cada um aqui, e saio feliz por jamais ter tido uma única queixa negativa de nenhum de vocês. Contudo, meu noivo e eu decidimos nos casar. E ele quer voltar para a Europa. Então, eu vou com ele.

Retomando a palavra, Aquiles diz:

- Também lamento o fato de perder essa esplêndida profissional. – sorrindo, ele acrescenta olhando de relance para o anel de compromisso em sua mão: - Porém, quando o amor bate a porta, é quase impossível resistir a ele.

As reações foram diversas. Da minha parte, senti um frio na barriga. Um medo tempestuoso me invadiu. Thomas não aparenta ser uma ilusão. Killian é uma incógnita tentadora. E eu já nem sei dar uma definição exata para o amor. Mas o desejo de vivê-lo é que me desestabiliza. E não sei se conseguirei levantar outra vez, caso a família Albernethy represente outra queda na minha vida.

Aquiles continua:

- Diante deste acontecimento inevitável, venho hoje anunciar os prêmios deste ano para os responsáveis pelos três livros que eu escolher, e que serão publicados em abril, tendo como lançamento a festa de comemoração do aniversário da Editora Foltrany. – olhando para Elisa, ele fala:

- Por favor, diga-nos você o prêmio para o primeiro lugar.

Assentindo, Elisa diz:

- Senhoras e senhores, o prêmio para o primeiro lugar, será nada mais, nada menos, do que o meu cargo de editora-chefe!

Imediato a sua declaração, percebia-se que os nervos foram aflorados. Meu coração deu um salto. Depois do primeiro ano aqui, onde passei a entender mais deste universo editorial, tenho sonhado todos os dias com essa oportunidade. Logo me lembrei do livro que eu estou em mente para participar. Fala de um garoto de doze anos que, ao descobrir que seu pai traía sua mãe, toma a decisão mais inesperada possível. Ao invés de delatar o pai, propõe-se a relembrá-lo dos motivos que o fizeram se casar com sua mãe. Ele parte em busca de fotografias, amigos em comum do casal, cartas, presentes, até que ele, já com bons fundamentos, apresenta o vídeo ao seu pai. A trama é recheada de aventura e sensibilidade. Chama-se “Dez motivos para ser fiel”. Se eu tivesse mais tempo, leria pela terceira vez. As duas primeiras vezes me fizeram virar a madrugada e vir trabalhar em estado de zona de guerra.

Sorrindo, Aquiles prossegue:

- Claro que depois de um prêmio como esse, fica difícil dizer algo que irá causar em vocês semelhante reação de entusiasmo. Contudo, tenho o prazer de anunciar os prêmios de dez mil reais para o segundo lugar, e cinco mil reais para

o terceiro lugar.

Enquanto ele se levanta e começa a descer os degraus, diz:

- Receberei os livros até o dia dezesseis deste mês. No dia primeiro de fevereiro anunciarei os três livros escolhidos. Agora, por gentileza, voltem ao trabalho. Temos muitos leitores ávidos por nossas descobertas!

Permanecendo, Elisa diz:

- Estarei aqui até o dia da festa. Portanto, todos que precisarem de conselhos ou algo mais que eu possa ajudar, contem comigo.

De súbito meu telefone toca. Enquanto todos estão se levantando e indo falar com Elisa, corro para o corredor. Olho para a tela e leio “Conde Thomas”. Parecendo iniciante, minha boca insiste em secar a saliva. Minhas mãos transpiram e faço uma força extra-humana para dizer com elegância “Bom dia, Conde Thomas”.

No outro lado da linha ele diz:

- Bom dia, minha agradável dama. Sempre atende ao telefone com esta voz sexy?

Esforçando-me para soar natural, enquanto dou voltas em torno de mim mesma, penso “ai como mulher é besta!”. Apoiando minha mão livre na cintura, falo:

- Isso depende. Se for alguém com título de nobreza e vários zeros na conta poupança, eu até me animo.

Com o tom mais doce que já ouvi de sua boca, ele diz:

- Quem dera isso fosse verdade. Aí eu teria um motivo para tentar te desejar menos.

Sinto uma vontade louca de provocar a mente dele. Fazer com que ele chegue ao extremo da excitação. O problema é que meu senso de responsabilidade se tornou um velho cumpridor de obrigações incorruptível.

Ao invés disso, digo:

- Você ligou para dizer que admite que não ganhará de mim, e que, portanto, suplica meu beijo?

Rindo com malícia, Thomas responde:

- Calma, lady. Tenho arquitetado jogada por jogada. Sou um caçador sem a mínima pressa. E como minha deliciosa presa, você não terá nenhuma escapatória. Eu lhe garanto!

Este não é o lugar para ter as mesmas sensações do dia anterior. Meu senso de profissionalismo me ajuda, e eu falo:

- Se não está pronto para uma submissão, o nobre cavalheiro poderia me dizer o motivo de discar o meu número nesta agradável manhã?

Cortês, ele responde:

- Evidentemente que sim, lady. Meu irmão e eu queremos proporcionar um jantar neste sábado, na residência dele. Uma noite memorável para quatro pessoas. Aceita o convite?

Sem pensar, eu pergunto:

- A quarta pessoa seria Jhenny?

Com ares de ironia, ele diz:

- Vejo que em pouquíssimo tempo adquiriu um carinho todo especial por ela. Acredita que tenham sido amigas em outra vida?

Nossa, que raiva! Vontade de fazer igual em Matrix, adentrar o telefone e esmurrar ele. Porém, respiro fundo, e digo:

- Estarei lá no sábado. A que horas deseja minha presença?

De imediato Thomas responde com uma voz sensual:

- Agora.

Para não correr mais riscos, abrevio o assunto, e antes de desligar, falo:

- Chegarei às oito horas em ponto!

Assim que desligo, Stella se aproxima de mim, indagando:

- Posso saber onde você vai chegar pontualmente?

Tentando conter meu misto de felicidade e receios, respondo:

- Thomas acaba de me convidar para um jantar, junto com Killian e Jhenny, no sábado à noite!

Com uma cara de estranheza, Stella questiona:

- E como você acha que vai ser isso?

Minha mente começa a divagar, tentando na imaginação supor como será esse encontro. Então respondo:

- Se eu estiver minimamente correta, Jhenny estará usando um micro vestido e junto com sua beleza destruidora, cairá de cabeça e corpo inteiro em Killian. Sem falar que daria tudo para saber o que aconteceu na noite de sábado entre os dois. Só de tentar adivinhar já sinto náuseas!

Expressando desaprovação, Stella fala:

- Não devia dar tanto importância a essa dita “beleza”. Não foi você quem disse que Thomas e o irmão estão cansados de relacionamentos fúteis?

Suspiro, e respondo:

A verdade é que eu sei disso, Stella. O que mais me confunde é não entender como posso sentir tanta atração por alguém como eu sinto por Thomas, mas ainda sentir ciúmes só de imaginar Jhenny se insinuando para Killian.

Caminhando comigo até o elevador, Stella diz:

- Bem... Agora você terá uma noite inteirinha para confrontar seus sentimentos!

CAPÍTULO 14

Estou me sentindo tão bem, que é como se todas as situações difíceis pelas quais passei jamais tivessem acontecido, embora, no final das contas, elas tenham me dado uma bagagem inestimável de experiência. Enquanto passo meu batom mais vermelho, de frente para o comprido espelho de parede do meu quarto, consigo experimentar todo o encanto de viver.

Darei a Killian somente esta noite para me convencer de que devo abdicar da saborosa companhia de Thomas. É engraçado perceber esta comunicação oculta do existir, porque neste momento sinto que me comunico com estes dois irmãos apenas usando meus pensamentos. É como se eles já soubessem das minhas intenções para hoje. As palavras que conheço parecem não ser suficientes para exprimir esse elo.

Admito que esta semana passou tão devagar quanto o trânsito de São Paulo nos seus horários de pico. Por vezes me peguei indo até o contato de Thomas no Whatsapp e ensaiado um oi. Mas resisti. Ele também não me enviou sequer uma mensagem de boa noite. Se essa atitude foi intencional eu ainda não sei. Apenas ontem de manhã recebi mais flores com um cartão me dizendo que a Limousine virá me buscar sete horas da noite.

É difícil confessar para mim mesma que o silêncio de Thomas foi uma espécie de castigo me forçando a arrumar depressa a bagunça aqui dentro de mim. Isso com certeza teve peso no xeque-mate que pretendo dar esta noite.

Ainda assim, o bem que eles me fizeram está correndo nas minhas veias o tempo todo. Toda mulher deveria ter o prazer de sentir seu corpo e sua alma serem desejados de forma tão intensa ao menos uma vez na vida. Aliás, qualquer ser humano deveria. Mesmo que isso não siga adiante, ou que não dure mais que alguns meses, sei lá, não importa. A única coisa que conta para mim agora, com tudo o que já vivi, é lembrar que fui capaz de ser desejada desta maneira. Isso me acendeu outra vez!

Escolhi um vestido vermelho, com o comprimento um pouco acima dos joelhos, bem colado ao corpo, tomara que caia. Passei meu melhor perfume. Deixei os cabelos soltos e coloquei meu colar prata de pedras vermelhas, e o scarpin preto mais alto que tenho.

A campainha toca. Meu coração vibra com o som. Talvez seja Thomas na porta. Estou pronta! Pronta para ir e pronta para sentir em qual deles vou apostar.

Caminho firme rumo à porta. Uma onda de felicidade me invade. Poucas

coisas são assim incrivelmente agradáveis como sentir-se linda para alguém que nos deseja e por quem nos sentimos atraída.

Quando enfim abro a porta, dou de cara com um senhor vestido de chofer. Muito robótico, ele diz:

- Boa noite, mademoiselle. Estou aqui para conduzi-la até a mansão Albernethy.

Disfarçando meu desagrado, digo:

- Boa noite. Já desço num minuto. Muito obrigada!

Ele assente e se vira para descer. Quando entro, corro até o espelho dar uma última conferida no visual. Pego minha mini bolsa e me jogo para fora do apartamento. Assim que começo a descida, meus nervos afloram, e repito para mim mesma em sussurros “Não transpira! Não transpira!”.

Ao sair do prédio, o chofer me aguarda na primeira porta da Limousine, atrás do banco do motorista. Ele abre a porta parecendo estar engessado. Agradeço e entro.

E aí veio a grande surpresa. Vestindo um traje esporte fino, com as pernas cruzadas, Killian se encontra sentado no banco a minha frente.

Sou sugada pelo seu olhar ao me sentar no banco. Com os lábios entreabertos, mal consigo dizer:

- Boa noite, Killian.

Misterioso, ele diz:

- Boa noite, Malu.

Tão logo ele terminou de falar, um vidro preto subiu, cobrindo a visão do chofer em nós. O carro entra em movimento. Sinto um arrepio. Há uma atmosfera diferente aqui dentro. É como se as intenções dele estivessem muito perigosas esta noite e estão impregnadas em cada canto. Ele parece não fazer a menor questão de disfarçar. Tenho certeza quando pergunta:

- Já conseguiu calcular as dimensões do risco que você está correndo agora?

Estou com as pernas cruzadas e uma sensação de fervor se escancara em minha pele. Sem tirar meus olhos dos dele, respondo:

- O meu risco não. Mas o seu está devidamente calculado.

Vejo-o contrair-se, como que alcançado por um leve abalo sísmico. Ele então tira a máscara do rosto, e indaga:

- Isso faz seus cálculos se alterarem?

Decidida, digo:

- Eu diria que agrava sobremaneira a sua situação.

Ainda mais decidido que eu, Killian diz:

- Vem aqui me mostrar o quanto.

Não resisto. Não... Não consigo! Mesmo que eu quisesse. Há um imã que me

faz levantar. Caminho confiante na direção dele. Ao me aproximar, inclino-me e apoio meus braços no banco, cada um de um lado dos seus ombros, e falo bem próxima aos seus lábios:

- Gostaria de entender porque razão sua mente chegou a acreditar que seu corpo pudesse representar qualquer espécie de ameaça contra mim!

Killian crava suas mãos na minha cintura, ao mesmo tempo em que descruza as pernas e se levanta, empurrando-me com firmeza para o banco do qual eu saí.

Depois de me fazer deitar, ele quase se deita sobre meu corpo ao apoiar sua mão esquerda ao lado da minha cabeça. Sua perna esquerda faz minhas pernas se abrirem, e a mão direita segura firme minha coxa, deslizando vigorosa até o início da minha calcinha. Desafiador, ele fala:

- Vou te explicar em detalhes agora.

Enquanto sua mão direita permanece agarrada ao meu corpo, tendo entre os dedos o fino fio feito de algodão, Killian começa a explorar com ambição minha boca.

Nossas línguas se cruzam em movimentos gananciosos. Minhas mãos não se contentam e passeiam desordenadas pelo seu corpo. Imploro mentalmente para que ele não pare de me beijar. Talvez ele tenha escutado minha prece, e para o meu alívio, não fez qualquer menção de abandonar meus lábios um segundo sequer.

Quando o carro parou, mordendo uma última vez meu lábio inferior, Killian diz ofegante ao me encarar reluzente de desejo:

- Espero que eu tenha me feito ser compreendido!

Com a respiração arquejante, digo:

- Acho que eu meio que entendi sim.

Sorrindo ele se levanta, e antes de se sentar puxa meu corpo pela cintura, de forma que fico sentada de lado no banco, bem de frente para ele. Limpando o meu rosto, ele diz:

- Você está parecendo o palhaço bozo.

Desesperada, digo:

- Ai Céus! Seu rosto está todo vermelho também!

Mas para o meu espanto, antes que minha mão pudesse tocar sua face, ele me barrou, e disse:

- Pode deixar que eu me limpo lá fora, Malu. Termine de se arrumar aqui enquanto saio e peço para ligarem o motor. – pegando a máscara no outro banco e já abrindo a porta para descer, Killian acrescentou: - Fretei um helicóptero para nos levar até o Morumbi. Assim a viagem será mais rápida.

Faz sentido ele querer cortar o trânsito e encurtar a distância entre os bairros. Só não entendo porque não me permitiu tocar seu rosto. Acho que esta cicatriz o

marcou mais profundo do que consigo imaginar neste momento. Pego minha mini bolsa e tiro um espelho de dentro dela. Ao me olhar no espelho, quase tenho um infarto. Meu batom se espalhou por quase toda a área ao redor da boca. E ele me viu assim! Que ódio! Recorro aos lenços de papel que carrego. Repasso meu batom e crio coragem para sair do carro.

Quando saio, dou de cara com ele me esperando a minha direita. Oferecendo-me o braço esquerdo, encaixo o meu nele e outra vez eu aprecio aquele olhar que me leva ao delírio. Não dizemos uma sequer sílaba um para o outro. Ao invés disso, ele me guia para a entrada de um grande edifício espelhado. Passamos pelo saguão da entrada e ingressamos num elevador revestido de espelho. Ele então me posiciona na frente do corpo dele. Permanecendo com suas mãos firmes na minha cintura, com nós dois mirando nossa imagem refletida, Killian diz bem rente ao meu ouvido direito, sem desviar o olhar do reflexo:

- Se eu descobrir que é você quem procuro. – ele faz uma pausa para apertar ainda mais suas mãos ao redor de mim, e continua: - Irei lhe mostrar como o corpo e a alma de um homem podem fazer uma mulher feliz.

Virando meu rosto para o lado dele, pergunto em um sussurro:

- E como você pretende fazer essa descoberta?

Com seus lábios de frente para os meus, Killian chega a subir meu vestido ao movimentar sua mão na minha cintura, e fala:

- Atormentando seus sentidos, até que você mesma me dê a resposta.

O elevador se abre e com malícia ele ajeita o vestido no meu corpo. A nossa frente um helicóptero se apresenta pronto para decolagem. Ele me dá a mão e caminhamos até o heliporto.

Enquanto voamos, penso na loucura que isso tudo representa. Como vou encarar Thomas, sentindo toda essa atração também por Killian? No meio do céu iluminado de São Paulo, fecho meus olhos e aperto forte a mão de Killian. Ele corresponde e nada diz. Contemplo mais uma vez seu olhar impactante antes de me perder na anarquia da minha mente.

Pousamos no heliporto localizado bem no jardim da mansão Albernethy, numa construção circular de alvenaria pintada de branco. Nela existe uma escada que leva direto à piscina. A maior que já vi pessoalmente. No meio dela existe outra construção circular onde se encontra uma mesa com quatro cadeiras. Para chegar nela, uma passarela atravessa a piscina oval de tamanho exagerado. Sentados nas cadeiras estão Thomas e Jhenny.

De longe esta é a experiência mais difícil que já vivi, perdendo inclusive para a competição no navio do senhor Fotlrary. Desço logo atrás de Killian. Quando chego ao chão, ele repousa sua mão na minha cintura e me conduz à passarela. Caminhamos juntos e não consigo deixar de notar o olhar tenso de Thomas em

nós. Ele está de pernas cruzadas, tomando uma taça de vinho, e com a cadeira virada para a nossa direção.

O jardim está iluminado. Um vento leve passeia por aqui. A noite se apresenta com uma temperatura ambiente agradável, mas por dentro estou em chamas. Jhenny usa um vestido branco colado ao corpo tão curto que quase consigo ver o tamanho do útero dela.

Antes de nos aproximarmos, todos nós fomos obrigados a virar para trás e assistir ao que parecia ser o mordomo correndo na nossa direção, e dizendo ao parar todo estabonado a nossa frente:

- Senhores! Peço um bilhão de desculpas, mas o senhor Cavanaugh está aqui e está fora de controle! Ele disse que perdeu cinco milhões de dólares hoje com a queda da bolsa e exige explicações sobre a consultoria de vocês!

Thomas levanta-se de imediato e antes de sair apressado dá-me um beijo na testa. Killian também o segue veloz, mas antes diz:

- Sente-se, por favor, Malu. Estaremos de volta daqui a pouco.

Eu ainda me deliciava com o gesto carinhoso de Thomas, quando ouço Jhenny dizer:

- Você deve estar muito feliz. Thomas é só elogios para você, e Killian faz questão de ir buscá-la. – tomando um gole de vinho, acrescenta: - Pelo visto beleza não é mesmo o fator x aqui.

Acho que é a primeira vez que sinto vontade de voar numa mulher. Quando olho para ela, eu me imagino empurrando-a da cadeira e a fazendo engolir tanta água que sua boca não seria capaz de pronunciar nenhuma outra sílaba para mim.

Contudo, suprimo minha imaginação desejo, e digo:

- Sim. Admito estar vivendo o ápice da minha felicidade! Dois lindos bilionários doidinhos por mim. – servindo-me da taça de Thomas, digo ao me sentar na cadeira dele: - E nem precisei ir para cama com nenhum deles até agora. Talvez esse tenha sido o seu erro, rainha da beleza!

Jhenny está sentada de frente para mim. Esta foi a oportunidade perfeita para tentar arrancar dela o que aconteceu na noite do aniversário. Fico muito satisfeita com meu cérebro por raciocinar tão rápido. Olhando-me cheia de frieza e pompa, ela diz:

- É verdade. Mas quem resiste a aquilo tudo? Porém ele ainda me quis aqui hoje. – antes de tomar com gosto seu vinho, acrescenta me olhando satisfeita: - Então acho que não foi de todo perdido!

De imediato arrependo-me da minha pergunta. No entanto, permaneço firme e não demonstro. Embora por dentro eu experimente um misto de ciúmes e perplexidade. Talvez fosse melhor não saber. Como pude ser ingênua de achar

que isso não aconteceria. Afinal, o que está acontecendo comigo? Quero os dois irmãos? Com que direito? Será que ela está blefando apenas para me aborrecer? Luto para manter a compostura, e digo:

- Como ele mesmo disse: É um jogo. – erguendo a taça na direção dela, oferecendo-lhe um brinde, acrescento: - Joguemos!

Altiva, ela aceita o brinde, e diz enfática:

- Ao jogo!

CAPÍTULO 15

Eu me limitei a terminar a taça de vinho de Thomas em silêncio. Escolhi um ponto fixo e de lá não tirei os olhos: Uma fonte de água com estátuas gêmeas de dois leões, localizada ao lado esquerdo do heliporto. Sentados lado a lado, majestosos e imponentes. De suas bocas abertas emana a água. Jhenny também escolheu ficar quieta. Mas se energia negativa tivesse cor, tenho certeza que poderia vê-la impregnada em mim agora. A rainha da beleza sem dúvidas não tem nenhum apreço pela minha pessoa. O que nos faz ter algo em comum.

Depois de um tempo impreciso, durante o qual cheguei a me servir de mais vinho, vejo Thomas e Killian caminharem na nossa direção. Eles têm o mesmo tamanho e o mesmo porte físico. É surpreendente! Irmãos do magnetismo. Como estou encrencada! Tenho muita curiosidade para saber como essa noite vai terminar. O vinho já me relaxou bem e estou apenas tentando me manter leve para entender com plenitude o que devo fazer, e o principal, “o que não devo fazer”.

Ao se aproximarem, Killian é o primeiro a falar:

- Desculpem-nos, senhoritas! Às vezes os negócios exigem um pouco mais do que o necessário da nossa atenção.

Esqueci que o álcool evapora meus neurônios. Então sou surpreendida por mim mesma quando indago:

- Humm... Que tipo de atenção esse negócio exigiu hoje? – olho para Thomas, e questiono: - Você precisou pedir para o senhor Cavanaugh chegar mais perto, tipo... Ficar bem coladinho em você? – agora, olhando para Killian, pergunto: - E você, foi necessário segurá-lo pela cintura e pressionar o senhor Cavanaugh?

Vejo os irmãos se entreolharem enquanto bebo o último gole. Killian senta-se na cadeira a minha direita. Ainda em pé, Thomas abre uma terceira garrafa

dentro do balde de alumínio com gelo, pega a taça de minha mão e a enche até o final, dizendo:

- Você faz perguntas interessantes quando está íntima de um vinho. Por isso acho que precisa manter-se abastecida dele esta noite.

Não contente, miro em Jhenny, e falo:

- E você, boneca... Como foram as preliminares com Killian? Ele te pegou pela cintura também? – olho para o corpo dela, depois para Killian, e digo:

- Ah! Com certeza você pegou nessa cintura também, hein!

Achei que Jhenny se manifestaria. Porém, deixando-me confusa, ela apenas me observa. Killian fica quieto, servindo-se da bebida, e Thomas, sentado a minha esquerda, indaga:

- Então te preocupa o que aconteceu entre Jhenny e Killian?

Tudo bem. Sei que estou falando demais. Mas eu prometi que esta noite daria o xequemate. Eles precisam entender que estão me deixando louca. Preciso extravasar! Bebo mais um pouco, encosto na cadeira, e falo olhando para o nada:

- Se me preocupa? – rio deixando claro que é de nervosismo, e acrescento: - Passei minha vida inteira acreditando no “Amor Verdadeiro”. E sabem... Para mim, no doce conceito de verdadeiro, seria impossível interessar-se por outro homem quando se está supondo desejar um. – olho para ambos, e falo: - Mas e quando desejamos os dois? Será que sou uma vadia sem coração? Ou só não há a possibilidade disso virar amor? E como poderia não é?! Amaria os dois?

Thomas tenta dizer algo, mas eu o interrompo:

- Não! Não bonitão! Deixa só eu falar agora, por favorzinho!

Mais vinho. Mais discurso:

- Querem ouvir a verdade? Vocês querem? – nem olho diretamente para saber se eles assentiram ou não, e digo: - A grande verdade, irmãos Albernethy: É que eu quero os dois! – rio de mim mesma, dizendo: - Isso não é o cúmulo do egoísmo e da falta de bom senso?

Outra vez Thomas persiste em falar, e novamente eu o proíbo colocando o indicador esquerdo na boca dele:

- Quietinho! – ajeito-me melhor na cadeira, e continuo: - Só eu falo! Porque vocês me deram o direito da palavra quando me puseram nessa enrascada. Eu estava lá, analisando histórias, entrando na vida dos personagens... – encaro Killian, e digo: - Até ser raptada por esse olhar dominante!

Aproximo-me, e questiono:

- Será que é a máscara? – observo os dois, e falo:

- Porque vocês são iguaisinhos, não é mesmo?! Sabem aquelas estátuas ali? Aquelas de leão? Pois é... Querem dizer com isso que são devoradores? Devoradores de coração?

Thomas finalmente rouba a fala, e eu de fato já estou cansada de ser o centro das atenções, então não coloco empecilhos:

- Garçom, por favor.

Ao olhar para o lado, vejo um cara todo de branco preencher a mesa com duas bandejas de camarão e um paliteiro de vidro. Em êxtase, digo:

- Camarões! Meu prato favorito! Quem foi que pesquisou sobre isso? – olho primeiro para Killian, depois para Thomas, dizendo ao apontar o dedo para cada um: - Você ou Você?

Observando-me entusiasmado, Thomas fala:

- Digamos que tenha sido eu. E a partir de agora você só continua tomando seu vinho se for comer também. Estamos combinados?

Franzindo a sobrancelha, como um camarão, e digo com ironia e de boca cheia:

- Humm... Quer brincar de ser meu papai? Acredite! Isso não vai dar certo. Não com as coisas que você me faz imaginar!

Incomoda-me sobremaneira o silêncio de Killian e Jhenny. Ela nem ao menos está bebendo. Juro que não compreendo. Mas ainda não vou criar caso com isso. Lidar com minhas emoções nesse momento é complicação o suficiente. Servindo-se do camarão, Thomas diz:

- Eu não ousaria fazer o papel do grande senhor Carlos Bertone Casaro. Sendo ele um renomado juiz, acredito que faria da minha vida um inferno por tentar roubar o papel paternal sobre sua princesinha. Se bem que você parece ter dispensado os poderes dele como pai há bastante tempo, não é?

De imediato paro de mastigar. Fico séria, e pergunto:

- Pelo visto você não poupou esforços na sua pesquisa.

Finalmente Killian fala:

- É intrigante, Malu, ver uma garota como você jogar-se no mundo como se não tivesse amparo, tendo um pai como o seu. Por que não aproveita para nos falar mais sobre isso?

Bebendo, Thomas diz:

- Estou ansioso para lhe ouvir.

Jamais falo grandes coisas sobre minha família. Eu os amo, mas cansei de viver como uma patricinha que tem tudo na mão. Para ele saber disso, deve ter ido até o Rio, ou algo do tipo. Nem Stella tem conhecimento aprofundando sobre esse assunto. Mas antes que eu comece a falar, Jhenny levanta-se, mal ajeita o vestido e sai pisando duro na passarela. Então, questiono:

- O que deu nela?

Percebo que os dois se olham com ares de interrogação, mas Thomas retoma sua atenção para mim, e fala:

- O foco aqui é você, senhorita. Conte-nos, por favor, o que estamos ansiosos para ouvir.

Se eu estava confusa antes, muito mais estou agora. Thomas tudo bem. Contudo, Killian não esboçou a menor preocupação com Jhenny. Não que eu quisesse isso. Mas é estranho. Estranho demais! Abasteço-me com minha coragem líquida, tento ignorar essa situação inusitada, e começo a falar:

- Tive mesmo uma vida de princesa. Qualquer um poderia dizer que isso é uma grande sorte, até você perceber que as facilidades te impedem de enxergar quem você realmente é e do que de fato você é capaz. – apoio a taça no meu colo, ao lado da minha mini bolsa, olho para o seu líquido, e continuo: - Eu precisava me testar. Tinha verdadeiro desespero por me conhecer melhor. Pouco ou muito, queria conquistar coisas pelas quais eu pudesse afirmar: Fui eu quem conquistou isso. Não meu pai que é juiz e minha mãe que é médica. Fui eu!

Com os olhos vidrados em mim, Thomas indaga:

- Orgulho?

Então olho para ele, e respondo:

- Talvez. Mas nunca me importei em dar nomes para o significado das minhas atitudes. Só não conseguiria permanecer um segundo sequer a mais dentro da minha zona rosa de conforto.

Para o meu grande espanto, Killian levanta-se, e diz:

- Você é um cara de sorte, irmão. Espero que ela seja toda sua.

Meu coração vai até a estratosfera e volta quase dilacerando meu peito. O que está acontecendo? Ainda estou processando o que ouvi, quando Killian pega minha mão direita, dá-lhe um beijo cortês, e diz:

- Foi uma honra conhecê-la, Malu. Faço votos de que seja muito feliz! Da parte do meu irmão, tenho certeza que ele fará de tudo para que assim seja.

Antes que eu pudesse expressar qualquer comentário, Killian vira-se e vai embora. Fico atônita! Olho para Thomas e cobro uma explicação:

- O que está acontecendo aqui?

Suspirando, Thomas repousa sua taça na mesa, e fala:

- Lembra daquele pedido ao qual tenho direito?

Estou tão perplexa, que só consigo assentir com a cabeça. Ele então continua:

- Pois eu quero usá-lo agora: Quero que você vá para casa, tente ligar os pontos para encontrar a resposta, e amanhã vou até você para conversarmos. Ok?

Balançando a cabeça em sinal de negativo, digo:

- Não! Jamais eu iria para casa sem você me explicar o que está havendo aqui.

Insistente, ele prossegue:

- Eu tenho esse direito, Malu. Você perdeu a corrida. Lembra-se?

Olho inconformada para ele, e pergunto:

- Você quer me deixar maluca?

Thomas se levanta. Arrasta minha cadeira até ele e me pega no colo, fazendo com que minha bolsa caia. Meu vestido praticamente fica na cintura, e cada uma das minhas pernas é colocada num lado do seu corpo. Afasta com urgência o que está na mesa, levando ao chão as taças e tudo o mais. Coloca-me sentada na superfície de vidro, mantendo minhas pernas abertas em torno dele. Apoia cada uma de suas mãos na mesa, e com os lábios muito próximos aos meus, fala:

- Eu quero sim, Malu. Quero te deixar louca de prazer e de felicidade! - trazendo-me ainda mais para perto dele, diz:

- Só ligue os pontos, meu anjo. Use sua imaginação e o que mais for necessário para te ajudar a encontrar respostas. Assim, quando conversarmos, você compreenderá ainda mais os meus motivos. Por favor!

Sabe qual é o resultado de atração física, somada com desejo acumulado, mais o fator de estar com o sangue embebido de vinho e pontos de interrogação parecendo carneirinhos pulando a cerca, como aqueles das histórias infantis? Nesse momento, é igual a “Dane-se tudo. Vou me afogar na boca dele!”. E ele corresponde...

Thomas me beija como se estivéssemos à beira de um precipício e depois do beijo nossas vidas seriam jogadas lá para baixo. Ele me põe no colo, conservando minhas pernas em torno do seu corpo. Abaixa-se, pega minha bolsa com certa dificuldade e começa a andar. Quando enfim ele desgruda dos meus lábios, sinto meu corpo ser encostado em alguma coisa. Só aí percebo que é a porta do helicóptero. Antes de entrar nele comigo, sussurra ao meu ouvido: - Seja uma boa menina, e use esse intervalo que vou te dar para recordar tudo até agora. E quando conseguir me entender... – apertando forte minhas pernas, ele acrescenta: - Vou torcer para que você queira terminar o que começamos esta noite e repetir essa cena pelo resto de nossas vidas.

A ansiedade é imensa, mas optei por ser uma boa menina. Depois que pousamos no prédio na Mooca, Thomas me levou de Limousine até o meu apartamento. Durante todo o percurso, eu me permiti aconchegar-me nele. Não consegui me concentrar em nenhuma lembrança. Só quis desligar minha mente e aproveitar seu calor.

Colocando-me no colo, ele sobe as escadas e me leva até minha porta. Ao me por no chão, indaga:

- Quer que eu entre e te ponha na cama?

Com os meus braços em torno do seu pescoço, digo:

- Se você entrar esta noite, corre o risco de não sair vivo daqui.

Abraçando-me, dá-me um beijo demorado, coloca minha bolsa no meu ombro

direito, e diz:

- Nesse caso vou embora. Como eu disse, quero repetir o que começamos esta noite, muitas e muitas vezes.

Permito que um sorriso tome conta do meu rosto. Apesar de todas as dúvidas, sinto que algo real e verdadeiro finalmente está acontecendo comigo. Morro de curiosidade para entender o comportamento de Killian. Não foi como se ele tivesse desistido de mim. É muito estranho. As explicações possíveis não se encaixam. Minha cabeça gira e meu coração parece não caber no peito. Então vou apenas obedecer este conde chamado Thomas. Dou-lhe um último beijo e o deixo partir.

Apesar do meu estado, logo percebo que precisei de só uma volta da chave para abrir a porta do meu apartamento. Nunca, por mais acelerada que eu esteja, dou apenas uma volta na fechadura.

Quando acendo a luz, sinto uma incômoda sensação de medo. Por quê? Olho bem ao redor. Nada que justifique meu sentido alerta. Será que sou tão pessimista a ponto de mesmo tendo motivos para sonhar outra vez, conseguir sentir esse pavor inesperado? Fecho a porta com um receio que me surpreende, e penso: “Qual é Malu?! Qual o seu problema?!”.

Balanço a cabeça e dou um tapa de leve no meu rosto. “Cresce, mulher! Que medo bobo é esse?!”. Decido tirar os sapatos e joga minha bolsa em cima do sofá. Vou tomar um banho, descansar e fazer como Thomas me pediu: Ligar todos os pontos até agora. De qualquer maneira, sinto-me muito bem com relação a isso. E eu não conseguiria explicar com palavras essa certeza de que fui agraciada com algo lindo e precioso.

Caminho até o meu quarto, e antes que eu acenda a luz, sinto um cheio incomum invadir minhas narinas, vindo do que parece ser um pano comprimindo minha boca. Logo meus sentidos começam a sumir. Antes ouço:

- Abre a porta! Abre a porta! Vamos!

CAPÍTULO 16

É Thomas... Elisa é a mulher certa para mim, por isso vou me casar com ela. Mas quando vi você e a Malu... Cara! O certo ainda parece pouco para defini-los juntos. – disse Killian, sentado no sofá a minha esquerda, de frente para a estante de livros. A biblioteca da mansão dele sempre foi nosso lugar preferido para interação.

Estou em pé diante da porta de vidro com vista para o jardim, refletindo. Meu irmão degusta um vinho enquanto analisa suas ações no Smartphone. Sem conseguir tirá-la da minha cabeça, o que tem sido minha rotina depois que fui engolido pelo feitiço das palavras dela, falei:

- Ela é o problema que eu quero ter para a vida inteira.

Nunca vi necessidade de ficar com uma só mulher. Tantos corpos e bocas ansiosos para serem devorados. Sempre me pareceu insanidade desfrutar de um só calor. Por isso jamais fiquei muito tempo tirando o mesmo batom. Eu me acostumei com o vazio, com o superficial. Meu corpo sentia prazer, então estava tudo bem. Na verdade, estava ótimo! Com certeza eu morreria me aventurando em diferentes aromas de mulher.

O oposto de meu irmão, que apesar de trair Elisa durante os dez anos que estão juntos, sempre voltou para os braços dela. E foi graças a ela que conheci Malu, pois foi por indicação de Elisa que acessei o blog, quando numa conversa informal disse que procurava opiniões sobre a moto que eu estava em mente para comprar.

Ao contrário de Killian, nunca me senti atraído pela ideia de ter um relacionamento. Elisa é o imã dele. Por mais que as outras mulheres sejam obstáculos a esse campo magnético, ele sempre acaba sendo sugado outra vez para ela. E Malu é o meu imã! No começo pensei em não deixá-la saber sobre minhas intenções, que no todo foram novidades que experimentei. Cheguei a cogitar a possibilidade de manipulá-la para que no final ela pensasse que seria capaz de fazer tudo para estar comigo, quando na realidade só estaria ocultando

os pontos fracos que ela revelou no meu interior. Mas quando ela aceitou o convite e eu a imaginei face a face comigo, todas as minhas defesas foram derrubadas.

No entanto, desde o início eu preparei um plano. Não queria me aproximar dela com uma simples cantada. Então decidi me aproveitar dos detalhes: Em uma das publicações feitas por ela no blog, Malu menciona o fato de se sentir muito atraída por homem de máscara. Numa outra publicação ela deixa claro que a aparência em nada importa para um relacionamento acontecer, então quis testar. Noutro texto ela menciona seu desejo de participar de uma festa glamorosa. Fala dos vestidos, da atmosfera inebriante dos romances históricos e ainda brinca com os leitores, colocando suas medidas para que alguém a presenteasse com um vestido de época, e que de preferência fosse vermelho, pois essa cor simbolizava para ela o amor verdadeiro impossível, já que depois de tantas experiências frustradas onde nos primeiros encontros se vestia com esse tom, tinha a certeza de nunca ser contemplada com tal sentimento partindo de um homem na sua direção. Nas palavras dela “Seria uma maneira de exorcizar meu fantasma do desamor, provando que ainda sou capaz de usar o vermelho”. Ela me deu a faca e o queijo. Eu o cortei e o comi todinho.

Pedi a ajuda de Killian com o intuito de fazer Malu pensar que os dois irmãos estavam a fim dela. Queria analisar seu caráter, qual seria sua reação diante de dois homens a desejando; como seu ego se comportaria. Para testá-la quanto à aparência, mandamos fazer uma pele afetada por cicatrizes profundas, cujo material é facilmente acoplado ao rosto. Tudo o que meu irmão precisou fazer no dia da festa foi ficar parado no outro lado da escada quando Malu desceu. Corri o risco de que ela o procurasse, achando que era o “Thomas”, “eu”. Contudo, fazia parte do jogo. Enquanto ela estava no quarto esperando Killian, eu me preparava colocando a pele e a máscara misteriosa no meu rosto. Também mandei pintar quadros meus com a máscara, e colocá-los na entrada da mansão do meu irmão. Todos com câmeras vigiando ela. Nunca senti tanto tesão apreciando uma mulher me observar!

Quando fui buscá-la hoje, outra vez me vesti do que para ela ficou conhecido como “Killian”. Pedimos que nosso mordomo inventasse a história de termos um cliente insatisfeito conosco, para que pudéssemos sair de cena e inverter os papéis. Eu teria levado o plano mais adiante, mas fui traído pelo meu desejo incontrolável de fazê-la feliz e por tabela ser feliz também. Não existe essa de ser o macho alfa quando se está amando. A única coisa que você pensa é em viver a pessoa amada. A Malu já me fez ver o que eu queria. Ela é uma pessoa incrível e a partir de hoje farei com que nunca se esqueça disso.

Também contratei uma atriz, que preferiu usar seu nome real: Jhenny.

Propositalmente, ela foi a única a querer conhecer Killian na festa. Fiquei sem entender o que aconteceu na noite de hoje. Não era para ela ter saído da mesa, muito menos daquele jeito. E acho que vou poder descobrir a razão nesse momento. Ao me virar, eu a vejo adentrar a biblioteca. Parando na porta, indaga:

- Posso conversar com você Thomas?

Meu irmão arqueia as sobrancelhas ao vê-la, e questiona com seu olhar severo:

- O cachê não foi suficiente para que conseguisse ficar sentada, Jhenny?

Killian tem menos paciência que eu e é bem enérgico nos negócios. Também o sou, contudo, para me fazer perder a cabeça a situação precisa pegar fogo de verdade. Ainda não considero o caso, então digo:

- Esteja à vontade para dizer o que precisa Jhenny.

Ela parece nervosa. Ajeita o vestido no corpo, e diz:

- Peço desculpas aos dois pelo meu comportamento esta noite. Se não for pedir demais, gostaria de conversar com Thomas a sós.

Killian deixa a taça na mesinha ao lado do sofá, levanta-se, e caminhando na direção dela, fala antes de sair:

- Claro que não é pedir demais. Assim como tenho certeza que não foi pedir demais que apenas interagisse e permanecesse sentada durante o jantar.

Jhenny engoli em seco e espera que ele saia. Penso em dizer qualquer coisa para diminuir o clima tenso, mas acabo preferindo que ela se justifique apenas. Sento-me onde Killian estava e a encaro. Fico surpreso quando ela caminha na minha direção, ajoelha-se diante de mim e coloca suas mãos nas minhas pernas que estão cruzadas, e começa a falar:

- Thomas, há acontecimentos que fogem de qualquer acordo. Participar deste plano, onde pude vê-lo dedicando tanto esforço para conquistar uma mulher, fez com que eu me lembrasse o que sempre esperei de um homem e por isso eu digo que: Estou apaixonada por você!

Enquanto a observo, eu me dou conta com total lucidez, o quanto estou encrencado. Tenho diante de mim um espetáculo de mulher se declarando. Em outras épocas, eu sustentaria a paixão dela com minhas duas mãos e outras partes mais do meu corpo. No entanto, depois de sentir Malu tão próxima de mim hoje, estou pronto para fazer desta encrenca meu maior motivo para fugir de qualquer tentação. Olhando-a com ternura, acaricio o rosto dela, e digo:

- Jhenny, olhe para você: uma das mais belas mulheres que já conheci em toda a minha agitada vida. Mas, apesar de você ser essa delícia toda... – eu me levanto e a faço se levantar também. Coloco cada uma das minhas mãos no seu pescoço, e continuo:

- Repito: Apesar de você ser essa delícia toda, pela primeira vez na minha

existência louca, estou amando uma mulher! – tiro as mãos do pescoço dela, colocando-as nos bolsos da minha calça, e acrescento:

- Por isso, anjo, essa paixão terá de ser destinada a outro fim. Você pode conquistar o homem que quiser. Apenas cheque se o coração dele já não se encontra ocupado. – dando de ombros, falo:

- Assim seus sentimentos não serão em vão.

Eu me esforcei para não presenciar a cena que se seguiu as minhas palavras. Mesmo que seja por frescura, odeio ver uma mulher chorar. Porém, falhei. Jhenny derrama lágrimas e se atira em cima de mim, beijando-me. Meu instinto reage e não consigo afastá-la. Também não consegui fugir da lembrança do beijo de Malu. Um desejo ardente de que fosse ela me possuiu. Quando enfim abri os olhos e não a vejo, consigo quebrar o encanto feminino tentando se apoderar de mim, e da forma mais cuidadosa afasto Jhenny.

Ofegante e pronta para me atacar outra vez, ela fala:

- Você só precisa me dar mais um tempo para te mostrar que posso valer muito mais a pena!

Tendo ela agarrada ao meu pescoço, fico confuso por sentir-me tentado a sucumbir. Talvez eu devesse lhe dar uma lição. Meu lado homem das cavernas pede isso. “Já que conversar não adianta, vou deixar essa beldade de quatro.” Balançando a cabeça, crio forças para expurgar esse demônio afrodisíaco, e ordeno:

- Quero que se retire agora mesmo, Jhenny!

Cheia de vontade de me deixar louco, ela tenta avançar novamente, dizendo:

- Não é isso o que quer Thomas! Olhe para você neste momento. Seja homem e mata o meu desejo!

Jamais vou compreender como isso chega a acontecer com um amante de mulheres. No entanto, foi a última frase dela que me salvou. Começo a rir sem parar. Acho tanta graça a ponto de dar gargalhadas involuntárias. Com essa constatação, aguentaria até ser chamado de gay hoje, porque acabo de ter a certeza que só quero ser homem para uma única mulher. Deixo-me cair no sofá, dizendo:

- Malu! “Malu Literária”! Minha agradável dama. – ainda rindo sem controle, falo: - Você me paga, lady! Deixei de devorar uma gostosa!

Quando vejo Jhenny sair furiosa da biblioteca, pego a almofada e a abraço. Em meio às risadas, falo sozinho:

- Você me salvou meu amor! Mesmo à distância, você me salvou! - acalmando-me aos poucos, com a respiração entrecortada, digo antes de me deixar apagar no sofá:

- Prepare-se, Malu. Só vou ser homem para você a partir de agora...

CAPÍTULO 17

Ainda me lembro do meu primeiro beijo. Era um dia daqueles que desejamos estar com o sol nos abraçando. Mesmo protegida por meu moletom da turma da Mônica, que usei muitas vezes durante meus oito anos de idade, o frio insistia em arrepiar minha pele. Eu estava sentada no pátio da escola com minha lancheira da Barbie, etiquetada com o meu nome “Malu”. Estava sozinha porque minha amiguinha tinha faltado e eu só andava com ela.

É incrível como desde criança somos atraídas pela ideia do amor. No meu caso, quem provocava isso em mim se chamava Murilo. Um menino de cabelos loiros e olhos tão azuis quanto o céu acima de nós, filho de um piloto de fórmula um. Era a grande atração da escola. Mal acreditei quando ele se sentou ao meu lado e me ofereceu a maçã retirada de sua lancheira estampada com carros de corrida. Foi a fruta mais saborosa que degustei.

Ficamos sentados em silêncio enquanto eu comia. De vez em quando nos atrevíamos a olhar um para o outro, com os risos mais infantis que hoje consigo saber que eram ao me recordar. Quando o sinal para o término do recreio tocou, ele se levantara, roubando um selinho demorado dos meus lábios e saiu correndo.

Ah se eu pudesse saber que esta seria a primeira de inúmeras experiências frustrantes da minha vida amorosa! No dia seguinte, assim que entro na classe, eu o vejo dando um selinho numa menina no canto da sala. Eu me lembro de chegar em casa e perguntar para o meu pai “Pai, você beija outras mulheres além da mamãe?” Nunca vou esquecer minha mãe segurando um copo de suco e olhando ansiosa para o meu pai, como se minha pergunta tivesse se tornado a oportunidade perfeita de investigá-lo. Dois anos mais tarde descobri que de fato foi. Eles se separaram após minha mãe descobrir por um detetive particular os inúmeros prazeres extras dele.

No colegial minha sorte no amor não parecia ter tido grandes mudanças. A experiência mais marcante foi com o capitão do time de futebol da escola. Não tinha maturidade o suficiente para entender a armadilha perfeita armada para

mim. Festa de comemoração da vitória do time. Casa do capitão lotada de adolescentes com os hormônios a flor da pele, o que incluía eu mesma. Bebida a vontade. Alguns pacotinhos rolando soltos pelas mãos cheias de adrenalina. Uma noite regada a prazeres, e o meu se resumiu a uma garrafa inteira de vinho e um convite do capitão para observar o céu em seu quarto com seu telescópio. Tamanha era a minha ingenuidade, que consegui achar um gesto romântico da parte dele, até ele tentar filmar nosso momento íntimo. Nesta ocasião fui salva pelo Rafinha. Ouvindo os boatos de um vídeo quente estar sendo preparado, cuja atriz principal seria eu, ele foi me salvar.

Em nenhum dos anos que se seguiram, aparecera um cara como ele em minha vida para me resgatar das ciladas do meu cupido de QI baixo. Na época também não tive sabedoria o suficiente para me permitir envolver com o Rafa. Talvez porque essa coisa de destino faça algum sentido, e ele não estava no meu, ou quem sabe só porque não sabia escolher direito mesmo. Então eu o perdi para uma irlandesa que deu a ele dois filhos e uma casa perfeita na Europa.

Não sei ao certo porque estas lembranças invadiram minha mente. Aquela velha sensação de frio percorre meu corpo. Chega a ser muito incômodo. Ao abrir os olhos, percebo que estou deitada num fino colchão estirado num piso de madeira. Bem no alto existe um vitrô pequeno por onde a lua invade o minúsculo cômodo.

Aí eu me lembro do cheiro incomum invadindo minhas narinas e das vozes no meu apartamento. De imediato eu me levanto assustada. Fecho os olhos e balanço a cabeça tentando acreditar que estou sonhando. Mas quando dou alguns passos e meus pés descalços tocam o chão, tudo fica terrivelmente nítido. Fui sequestrada!

Caminho na direção da porta. Por instinto, começo a indagar:

- Hei! Alguém aí? Por favor... Alguém aí?

O silêncio começa a ser tão impactante quanto o frio. Sinto um alívio sarcástico quando vejo que ao lado do colchão existe um cobertor dobrado com um travesseiro em cima. Coloco o travesseiro encostado na parede e me enrolo no cobertor. Sento, recostando-me. Olho para o lado e vejo um pequenino banheiro.

Estou em pânico e meu cérebro busca de maneira desesperada entender de quem eram aquelas vozes e porque eu estava ali. De um jeito perturbador me lembrei dos filmes de drama e suspense que já assisti, e decido que não ia ficar bancando a vítima alucinada. Fiquei quieta também, agarrando-me ao cobertor, sem conseguir desgrudar os olhos da maçaneta.

De repente uma placa de ferro instalada quase aos pés da porta é aberta. Uma mão vestindo uma luva preta deixa no chão um pedaço de papel e um lápis.

Ouço uma voz mecânica falar comigo. Só aí me dei conta de um alto-falante acoplado no canto direito do teto. Com os olhos arregalados e sentidos em alerta, ouvi:

- Neste papel você deve escrever a senha da sua poupança.

Então é isso. Fui sequestrada por causa do meu dinheiro! Começo a me lembrar das pessoas que sabiam da existência dele. Mas a única a quem confidenciei certa vez foi para Stella. E isso não faz nenhum sentido. No entanto, se este é o motivo, vão poder me soltar logo. Sem pensar, eu me levanto e escrevo a senha no papel.

Vejo que a mão com a luva preta é estendida pelo buraco na porta. Porém, um pensamento de prudência me ocorre, e indago:

- Vocês vão me soltar agora?

Não houve uma sequer resposta. Paralisada, vejo a mão retroceder. Quem sabe tenha ficado impaciente. O fato de mesmo eu cedendo, não me darem garantias de nada, faz com que eu tome uma medida drástica. Rasgo o papel em vários pedacinhos, dizendo:

- Por que não querem se comunicar comigo? Não conseguem ver que estou colaborando? O que são vocês? Além de tudo, torturadores?

Perco a cabeça com o silêncio, e digo exasperada olhando para cima, na direção do alto-falante:

- Qual é a de vocês? Vocês são uma porcaria de amadores? Se o que querem é meu dinheiro, saibam que não me importo de entregar ele todo! – lutei contra isso, mas a emoção toma conta de mim. Torna-se impossível controlar as lágrimas, e falo: - O que vocês querem de mim? Por favor, falem comigo!

Mas eles não falaram. Se ao menos eu pudesse entender. Fico na esperança da comunicação, até que me rendo. Sento no chão, e não consigo fugir do desespero.

CAPÍTULO 18

Meu mordomo me aguarda no pé da escada. Entrega-me a chave da minha moto, dizendo:

- Bom dia, senhor Thomas. Podemos lhe aguardar para o almoço?

Terminando de vestir minha jaqueta de couro, pego a chave de sua mão, e digo animado:

- De jeito nenhum, Augustus. Hoje é um grande dia! – deposito minhas mãos em seus ombros, arregalo os olhos para ele, e repito: - Hoje é o dia que vou experimentar fazer sexo com amor, Augustus! – deixo meu velho mordomo sorrindo a me observar enquanto caminho na direção da porta, e saio repetindo com vigor: - Sexo com amor, Augustus! Sexo com amor!

Eu poderia vestir a roupa mais cara, dirigir o veículo mais caro, usar toda a minha fortuna, e ainda não conseguiria produzir a sensação que está em mim neste momento. Digo isso com propriedade, já que aos quarenta anos constato que nunca fui tomado por tal energia. Mas é difícil descrevê-la: Cada parte do meu corpo vibra e quase consigo enxergar uma luz deslizando ardente nas minhas veias. Sinto-me um super homem!

Ao subir na minha Ecosse Titanium e ligá-la, percebo a energia maximizada. Consigo me lembrar com nitidez do calor do corpo dela acoplado ao meu, quando eu a levava para o helicóptero. Aquilo está longe do meu poder de compreensão, e, portanto, fico devendo explicações.

Assim que chego à frente do prédio onde ela mora, entro num estado ampliado de êxtase. Subir as escadas até o apartamento dela faz com que eu experimente muita gratidão por tê-la encontrado. Mais de sete bilhões de pessoas no mundo, e consegui descobrir que a Malu existe. Mas fico surpreso ao ver que a porta está aberta. Na verdade, escancarada. Franzindo o cenho, paro no batente, e chamo por ela:

- Malu! Está aí dentro?

Sem resposta, ligo para o número dela e apenas chama. Ouso entrar e começo a invadir os pequenos cômodos do apartamento, até chegar ao quarto. Antes, viro-me e vejo que os sapatos dela estão próximos da porta. A chamada cai na caixa postal e por não ouvir som algum, vejo que o aparelho não está aqui dentro.

Começo a procurar o vestido vermelho que ela usou. Volto para o banheiro e para a cozinha. Investigo a sala e novamente entro no quarto. Abro o guarda-roupa e após passear os olhos por cada uma das infinitas peças femininas que ela tem, não encontro o vestido.

Estou respirando mais rápido do que o habitual. Jogo o celular na cama de casal, coloco as duas mãos na cintura e me ponho a pensar: Não encontrei o vestido, então ela ainda está usando ele. Tento afastar os maus pensamentos. Pego o celular outra vez e volto a ligar para o número dela. Sou pego de surpresa quando uma voz robótica atende a ligação:

- Bom dia, Conde Thomas. – após uma breve pausa, a voz de computador continua: - Interessante saber que a Malu possui amigos da realeza.

A única vez que me senti agoniado como agora, foi quando uma decisão errada minha custou trinta milhões de dólares à Albernethy Investments. Como se um veneno colérico estivesse invadindo meu sangue, sento lentamente no chão. Enquanto encosto-me aos pés da cama, falo:

- Desculpe-me não lhe desejar um bom dia. Só conseguiria fazê-lo se eu tiver certeza de que ela está tendo um excelente dia também.

Depois de uma risada sarcástica, a voz falou:

- A Malu? Ah sim, digamos que ela esteja querendo ficar um pouco isolada hoje. Sabe, não quer falar com ninguém. Não quer ver ninguém. Como amigo dela, poderia me dizer o que está havendo?

Primeiro penso em ameaças, dizendo que com a ajuda do meu hacker particular vou achá-lo em questão de minutos. Mas a sanidade sobrepõe minha fúria e procuro ser tático. Não posso fazê-lo querer desligar o celular. Ao invés disso, dou-lhe o meu primeiro lance:

- Acho que a Malu está precisando de algo em torno de cinquenta mil reais. O que você acha?

Mantendo um riso irônico, a voz fala:

- Não sei não, Conde. Ela parece precisar de mais... Quem sabe uns cem mil vezes dez.

Neste momento fico muito feliz por não ter nenhum registro meu, nem da empresa, nem da minha família na internet. Deste modo ele jamais saberá do meu poder de fogo. Ele está me testando, e embora eu esteja disposto a ceder qualquer quantia, sinto segurança para testá-lo também. Então digo:

- Oitocentos mil já é o suficiente. Assim eu não comprometo o leite das minhas crianças, se é que você me entende.

Ele insiste:

- Ah, o que é isso Conde? Há quanto tempo conhece a Malu? Será que a vida dela não vale muito mais do que isso?

De imediato respondo:

- Conheço a Malu tempo suficiente para deixar minhas crianças sem leite por um tempo e lhe dar o milhão agora mesmo, enquanto você a devolve para mim.

A ligação fica muda. Meu pânico se transforma em gotas de suor escorrendo

por todo o meu corpo. Começo a repassar a negociação e entender onde errei. Talvez eu já devesse oferecer uma quantia maior. Ou talvez... Sim, ele pode estar consultando alguém, e me deixou esperando. Sabe que eu não vou desligar. Há mais de uma pessoa envolvida. Por quê?

Os minutos de espera pareceram milênios, até ele dizer:

- É o seguinte Conde: No dia dois de fevereiro você vai me encontrar na Praça da Sé à meia noite. E vai estar sozinho, com uma maleta de um milhão de reais. Nós a entregaremos, e desde que você não tente nenhuma façanha, tão pouco insista na ideia de levar acompanhantes, tudo vai correr bem. Portanto, esteja sozinho. Fui claro?

Isso só pode ser uma piada de mau gosto. Hoje ainda é quinze de janeiro. Por que ficar com a Malu até o dia dois de fevereiro? Contudo, sinto que se eu fizer esta pergunta, apenas estarei dando murros em ponta de faca. Por isso respondo:

- Negativo. Eu a quero agora. – um silêncio desafiador sobrecarrega a ligação. Ouço sussurros no outro lado. Recobro as forças para falar, e ousa dizer: – Devolva-me a Malu agora e terá seu milhão de reais sem nenhuma dificuldade. Fui claro?

Esforço-me para ouvir a aparente discussão em forma de murmúrios. Tenho a impressão de ouvir a voz de uma mulher. Sim, e eles se descuidaram. Estão brigando. Aciono a opção no meu celular para gravar a ligação. Mas quando o faço, a ligação cai. “Droga!”.

Não tenho dúvidas do que fazer. Levanto-me com a obstinação de evocar a ajuda do meu hacker.

CAPÍTULO 19

Se eu quisesse dar um nome para a história da lembrança em minha mente agora, eu intitularia de “Uma inocente na selva”. É... Acho que orna bastante! Neste momento, onde estou presa entre o real e o mundo dos meus sonhos, num quarto quase sem luz, e luto para ficar acordada e ao mesmo tempo sou sugada pelas minhas lembranças vagantes neste sono inquieto recheado de medo, enquanto meu corpo está envolto por este cobertor cheirando a lavanda, com minhas costas apoiadas na parede e minhas pernas dobradas e agarradas por meus braços contra o meu peito, sinto-me como um fantasma perdido em recordações.

Tudo começou numa sexta-feira de manhã, faltando cinco meses para o término do meu estágio na terceirizada que cuida do RH de uma multinacional produtora de vidros para carros. Eu estava com vinte e três anos de idade, e ele tinha trinta. Seu nome era Arthur. Estava sendo anunciado como nosso novo gerente. Todos os funcionários se encontravam no auditório onde aconteciam as reuniões. Experimentei a troca de olhares mais fascinante da minha vida até então.

Sempre me senti atraída por homens mais velhos, e Arthur não era o Deus da Beleza, mas por trás de sua barba mal feita, cabelos negros fartos e olhos verdes, sem falar no jeito cavalheiro de ser, e sua inteligência, existia algo que me fazia acreditar ter encontrado o grande amor da minha vida. Já havia namorado antes, mas apenas com garotos da minha idade. Era a primeira vez que eu me envolvia com alguém como ele. Só que para falar a verdade, nem chegamos a iniciar um namoro.

O que vivi a princípio foram dias e mais dias de flerte. Passei a utilizar a impressora que ficava diante da sala dele. Como a parte de cima da sala era de vidro, eu podia vê-lo. E ele parava o que estivesse fazendo para me encarar. Algumas vezes nos cruzávamos pelos corredores e numa delas, ele me parou. Perguntou meu nome e me deu o número do seu telefone, dizendo que eu poderia procurá-lo quando estivesse precisando de ajuda. “Ai como fui tonta”. Naquele dia sonhei com ele horas a fio. Cheguei a nos imaginar juntos andando de mãos dadas pelas calçadas. Infelizmente, seja homem ou mulher, quando queremos nos enganar, não existe sexto sentido capaz de impedir nossas tolices. A matemática é simples: Se ele tomou uma atitude para se aproximar de mim ao me entregar seu telefone, caso ele quisesse mesmo algo comigo, teria tomado mais uma atitude para que isso acontecesse. Mas eu, querendo me enganar, inventei lindas teorias como “Ele deve ser tímido”, ou “Ele é tão educado que não quer me constranger pedindo para sair comigo”, ou “Ele é o gerente. Está mantendo a compostura”, tudo... Menos “Ele é um sádico controlador que gosta de fazer as mulheres pensarem que a culpa de serem devoradas à força é apenas delas”.

Naquele mesmo dia, munida das minhas doces teorias, eu liguei para ele, seguindo a linha “Estou precisando da sua ajuda para tomar um suco”. E ele se prontificou a me ajudar numa lanchonete ao lado da casa dele. Talvez seja ridículo afirmar que “Eu realmente queria apenas tomar um suco com ele”. Porém, ridículo ou não, era isso sim. Tudo bem, confesso que imaginei um beijo, desses que começam com uma mecha do nosso cabelo sendo colocado para trás da orelha. No entanto, nem chegamos a pesquisar o menu na lanchonete. Com a desculpa de preparar o melhor suco da cidade, o astuto Arthur conseguiu fazer

com que eu entrasse em seu covil. Do resto eu prefiro não me lembrar com detalhes. Mas ainda me recordo de no dia seguinte achar que o sexo que ele insistiu tanto aconteceu porque a atração entre nós era muito grande. Porém, ser ignorada por ele nos dias seguintes me fez enxergar que grande mesmo foi a minha imbecilidade, ou infantil “ingenuidade”. A partir daí passei a ser frequentadora assídua de baladas, sempre usando nomes diferentes, beijando bocas de todo tipo, nunca me prendendo a nenhum calor. Tudo se tornando uma desculpa para não ser Malu com ninguém. Fiz questão de fazer um post com esta história no meu blog. Quero que ela possa ajudar outras meninas como eu a dar mais razão ao sentido extra dentro de nós e evitar que lobos como ele dilacerem nosso coração. Já com Thomas... Como não me lembrei dele até agora? Thomas e Killian...

Mas antes que pudesse pensar qualquer coisa sobre eles, vejo que a porta do quarto se abre de forma brusca. Alguém, vestindo uma roupa preta e com um capuz na cabeça, entra com o que parece ser uma pistola na mão direita. Pelo contorno dos seios constato que é mulher. Quem estaria fazendo isso comigo? Meu medo ganha proporções estratosféricas e eu me levanto cheia de receios. Talvez seja hora de fazer algo por mim mesma.

A voz mecânica voltou a falar comigo:

- É o seguinte, Malu, nós vamos lhe entregar um novo papel para que escreva a senha da sua poupança. No caso de não obedecer outra vez, nós lhe daremos agora uma razão para agir diferente.

Estática até este momento, a mulher começa a caminhar na minha direção. De um jeito ou de outro, terei que fornecer a senha para eles. Sei que esta é uma pistola de choque e é desta forma que eles pretendem “educar-me”. Contudo, mesmo quando tentei ceder eles não me deram garantias de que me soltarão. E quando digo “eles”, fico pensando quantas pessoas teriam se dado ao trabalho de me sequestrar. Talvez seja apenas ela e a pessoa com a voz metalizada.

Quando desejamos muito viver, somos capazes até mesmo de correr ao encontro da morte e enfrentá-la para que isso seja possível. Eles escolheram o pior momento para me sequestrar: nunca quis estar tão viva. Há uma energia fabulosa lá fora desejando minha existência, e não vejo a hora de correr para os seus braços também.

Existe uma técnica que nunca coloquei em prática, apenas li a respeito. Você enrijece o dedo indicador e médio, e os une, como um sinal de paz e amor fechado. Depois mira entre os ossos das clavículas, bem na base do pescoço do oponente. Simulando um soco, impulsionamos o quadril e desferimos o golpe para frente, na direção do pescoço, fazendo com que a faringe ceda, interrompendo a respiração do adversário. Sei que posso causar uma lesão grave,

mas como eu disse, escolheram a hora errada para atentar contra a minha vida. Procuro ser ágil quando dou o impulso, e eu ataco. O nocaute foi certo. A pessoa caiu. Deu certo! Céus! Funcionou!

Sem pensar coloco-me a correr o mais depressa que posso. Saio num corredor escuro e cheirando a mofo. Viro à direita e disparo. Meu coração acelerado. Minha pele derramando suor. Pernas bambas fazendo o possível para sustentar a corrida pelo comprido chão de madeira. A cada porta receio que alguém surja e me impeça. Mas isso não acontece e ganho a escadaria que leva para uma sala ampla e rústica. Nem acredito quando alcanço a porta de entrada e escapo rumo ao desconhecido...

CAPÍTULO 20

Eu reconheço que já fiz muita mulher sofrer. Embora não fosse minha intenção causar mal de nenhuma espécie, eu queria delas apenas um único momento de prazer. Porém, mulheres não são diretas como os homens. Mesmo sendo claro com elas sobre querer somente o sexo, elas blefavam e afirmavam com os dois pés juntos que é só isso o que queriam também. Foi assim na grande maioria das vezes que um calor feminino aqueceu meu corpo.

Meu erro? Aproveitar-me disso mesmo quando eu sabia o que elas desejavam de fato. Fui um servidor egoísta das minhas vontades por anos até conhecer Malu. Ela poderia ser mais uma das minhas vítimas, mas as palavras dela curaram meu individualismo com o sexo oposto. Agora tenho medo que a vida ou o que quer que seja, cobre caro de mim o acúmulo das minhas falhas.

Assim que sou recebido por Kentaro em seu apartamento, o hacker de minha confiança, digo:

- Preciso da sua ajuda!

Kentaro é um divorciado de quarenta e cinco anos que ampliou sua herança desenvolvendo aplicativos para empresários ricos. Trabalhou nas grandes empresas de telefonia e comunicação, até que optou pela carreira solo, aproveitando-se dos inúmeros contatos adquiridos ao longo dos anos. Os pedidos são diversos. Na nossa última conversa, contou-me que um sheik viciado em cerveja solicitou que sua geladeira fosse programada para fazer um pedido online das suas cervejas preferidas ao estabelecimento escolhido por ele quando elas estivessem para acabar. Olhando com espanto minha cara de desespero,

Kentaro diz:

- Entra que a gente conversa amigão. - enquanto caminho para o sofá, ele acrescenta:

- Só me lembro de te ver assim quando seus pais morreram. O que tá pegando?

Assim que sento, ponho minhas mãos na nuca, baixando a cabeça para aliviar a pressão, e digo ao elevar os olhos na direção dele:

- Sequestraram uma mulher muito importante para mim.

Preparando minha bebida preferida, Kentaro fala:

- Quem? Você tem uma segunda mãe ou avó que eu não conheço?

Quando penso em pronunciar o nome dela em voz alta, a inquietação toma conta de mim. Levanto, caminho até o aquário dele, e digo tentando me distrair com a movimentação dos peixes ali dentro:

- O nome dela é Malu.

Enquanto me entrega o Dry Martini, Kentaro diz:

- Se me procurou ao invés da polícia, você deve estar querendo precisão em alta escala com zero burocracia. Quem é essa mulher afinal?

Pego a bebida da mão dele, e falo:

- Para mim ela é o ser humano mais caro da terra. E eu estou disposto a tudo para tê-la de volta.

Sentando-se e se servindo da mesma bebida, Kentaro fala:

- Dê-me os detalhes.

Volto a me sentar e abasteço-me com a bebida. Encarando-o, digo:

- Não faço ideia do porque fariam algo assim à Malu, mas o pai dela é rico e juiz famoso. O sequestrador está com o celular dela, então...

Observando-me atentamente, Kentaro diz:

- Então posso usar Aurora para localizar onde o celular dela está quando você realizar uma ligação para ele ou uma ligação dele partir para você.

Aurora é um aplicativo desenvolvido por Kentaro para identificar a localização de um celular durante uma ligação. O software ganhou este nome já que com o auxílio dele conseguiu descobrir que sua esposa Aurora encontrava-se num motel na noite de aniversário do casamento deles. Foi um jeito sarcástico de assumir as premiações que ganhara na cabeça. Olho para Kentaro como um filho quando procura o pai para lhe ajudar na tarefa mais difícil da escola, e falo:

- Depois de localizarmos onde está o celular, convocamos o seu grupo especial de operações táticas para buscá-la.

Neste momento estou me referindo a trinta homens treinados para resgatar pessoas sequestradas. O bisavô de Kentaro, um japonês que se deu bem no ramo de bebidas e cresceu aprendendo as técnicas dos espadachins orientais, teve sua

esposa capturada e morta pela máfia japonesa após ser confundida com uma traidora do clã. Depois da morte da esposa, passou a dedicar sua vida a treinar jovens que seriam os responsáveis por formar uma espécie de heróis anônimos. As gerações se encarregaram de manter a tradição e o grupo existe até hoje. Embora haja no histórico deles casos de insucesso, os resgates de sucesso formam um maior número. É nisso que confio.

Pensativo, Kentaro indaga:

- O que essa moça faz da vida? Mora com os familiares? Conhece o círculo de amigos dela?

Esforço-me para conter minha ansiedade, e respondo:

- Malu trabalha na editora Foltrany. Mantém um blog sobre livros, às vezes fala sobre sua vida pessoal. Ela tem muitos seguidores. É responsável por analisar originais de escritores que almejam serem publicados ou que queiram apresentar um novo trabalho. Cada novo livro publicado sobre concessão dela é mencionado no blog. – dou risada por me lembrar da moça independente que ela se esforça para ser, e falo:

- Mesmo sendo filha de uma família rica, fez questão de deixar tudo para trás e construir do zero sua vida. Mora sozinha no apartamento alugado por ela. Seus pais ficaram no Rio de Janeiro. Por se rebelar, já não fala com eles há quase dois anos. Eles não toleram o desejo de independência da filha. Aqui em São Paulo sua única e melhor amiga se chama Stella. Elas trabalham juntas. Em muitos posts Malu menciona sua admiração por essa amizade.

Encarando-me, Kentaro diz:

- Para ter muitos seguidores, manter um blog, e como você mencionou o fato de ter abandonado a família para se virar no mundo, ela deve ser muito devota ao trabalho. Portanto, o universo dela se concentra em especial nesta editora. – fixando o olhar dentro de sua taça, acrescenta:

- Rastreamos o celular pode não ser o suficiente. Não sabemos o grau de eficácia da parte dos sequestradores, se isso foi planejado ou não. Temos que nos preparar para estudar hipóteses. Talvez tenhamos que entender as reações que esta mulher causa no meio onde vive e se existem pessoas afetadas de alguma forma por ela. – voltando a me encarar, diz:

- E claro, descobrir quem são estas pessoas...

Externando minha ansiedade, falo:

- Então comecemos pelo simples: Use Aurora!

CAPÍTULO 21

Quando saí de casa, meu pai olhou especulativo nos meus olhos, e indagou:

- O que sua mãe e eu não te demos para que agora você sinta vontade de nos abandonar?

Na época tentei ser clara com minha resposta, falhando de um jeito deprimente ao dizer que eles me deram o bastante para saber que a responsável pela minha existência sou “eu mesma”. Meus pais nunca compreenderam que não os abandonei. Eles só não viram o tamanho das asas nas minhas costas, doidinhas para alçar voo.

Talvez eles só estivessem preocupados com momentos como esse que vivo agora. Então não posso culpá-los. Mas eu não teria conseguido dar sentido a minha vida se não tivesse desafiado os limites desse mundo às avessas. Tenho uma mente cheia de dúvidas num corpo com a certeza de querer usufruir todos os seus sentidos, e isso não seria possível no conforto do meu quarto cor-de-rosa.

Por conta do cativado mal iluminado, a luz do dia assusta meus olhos e demoro um pouco para notar as árvores à frente da casa velha. “Estou numa floresta!”. Meu instinto me manda correr e eu obedeco. Tão logo meus pés tocam o chão abaixo da varanda, ouço um estrondo na parte de cima da casa. Olho e vejo um objeto branco e redondo parado na frente da janela com o vidro estilhaçado pelo impacto.

Trata-se de um drone com dois braços mecânicos que se abrem de imediato e iniciam o disparo de algo ainda indefinido contra mim. “Céus!”. Coloco-me a correr desenfreada para dentro da floresta. “O que está havendo aqui?!”. “Quem são meus sequestradores afinal?”. Chego numa clareira e de súbito meus sentidos começam a sumir. Esforço-me na corrida mesmo assim, e num gesto sarcástico do meu cérebro, recebo lembranças inusitadas: Lembro-me da primeira vez em que meus olhos encontraram os de Thomas. Tão decidido, tão certo de querer estar ali do meu lado. Ele não precisaria ter aberto a boca para dizer o quanto estava satisfeito por me ver. Uma energia de encanto exalava dele. Não fosse minha fixação por Killian, eu teria me rendido a ele naquela noite sem pensar uma única vez.

Sinto o impacto do meu corpo contra o chão cheio de folhas secas, e minha mente irônica insiste nas recordações desde que recebi as primeiras rosas até o beijo de despedida em Thomas na noite passada. Embora o medo tenha se tornado uma constante em mim a partir de quando me tiraram do meu apartamento, neste momento sinto como se nunca tivesse tido problema algum ou que sob nenhuma hipótese minha vida corresse perigo.

Qual homem apaixonado em sã consciência permitiria que sua amada se desse ao luxo de conhecer outro homem?... A menos que, aproveitando-se da

condição de ter um irmão gêmeo, fosse Thomas quem estaria comigo todo o tempo... Seria possível que apenas uma única mulher, além de mim, tivesse se interessado por “Killian” naquela noite do aniversário dele? Será que houve mesmo uma seleção de mulheres? Ou eu teria sido a única mulher escolhida realmente para aquela festa?... Talvez se tudo não passasse de encenação para testar o meu ciúme... Killian subitamente desistir de mim. Thomas me pedir para ligar os pontos. Nunca foi Killian. Sempre foi Thomas... Apesar do meu corpo imóvel, minha mente não para de funcionar.

Por que Thomas teria tanto trabalho comigo?... Ele me quer de fato. Então, toda a intensidade que senti por aquele que eu julgava ser Killian, sempre foi por Thomas. “Nossa!”. Sempre foi por ele. Sempre Thomas!

Por que a vida tem esse jeito estranho de nos encher de felicidade só um pouco acima dos cinquenta por cento, e todo o resto completar com problemas e dramas acima das nossas forças para resolver? Ser sequestrada justo agora. Sério mesmo vida? Por que agora? Eu o quero, e ele me quer. Quando foi que tive uma sorte tão boa? Não é justo!

Estou na pior prisão do mundo: Presa dentro de mim mesma. Ouço passos se aproximando. Meus olhos lutam para se manterem abertos, e consigo ver o que parecem serem dardos presos no meu braço direito. Estou de costas, com o rosto entregue ao chão. Não consigo me mexer.

Porém meus olhos já não suportam mais. Como se eu mesma estivesse debochando de mim, lembro-me da única noite em que tive meu pai e minha mãe juntos me dando um beijo para dormir. Na memória e agora, enfim, eu adormeço.

CAPÍTULO 22

Cada vez que olho para Elisa, tento não lembrar quantas mulheres Killian insiste em levar para cama, mesmo estando com ela. Ainda que ele tenha aceitado a ideia de se casarem, continua praticando o desfile de lingerie em seu quarto. Nunca desaprovei essa prática, afinal de contas, jamais me importei com relacionamentos. “A favor da liberdade de prazeres”. Esse foi meu lema até ser conectado à Malu. Só que neste momento, sem conseguir dormir e sem conseguir comer por causa da minha preocupação com ela, vejo pela primeira vez a imperfeição do que Killian faz. Sei que ele ama Elisa, mas não valoriza o fato de tê-la ao lado dele. Não precisa conquistá-la. Não precisa se preocupar se a verá outra vez ou não. Como mulher apaixonada, ela está sempre ali ao alcance dele, e somente para ele. Ah se Killian estivesse no meu lugar agora!

A sensação de perder milhões de dólares não chega nem perto do medo que sinto de perder Malu. Quem me ensinaria a viver num mundo onde a presença dela não estivesse ao meu lado?

Parado diante da sala de Elisa em plena segunda-feira de manhã, eu volto a repetir a frase que disse a Kentaro assim que ela abre a porta:

- Preciso da sua ajuda!

Surpreendo-me com o fato dela estar chorando. Um pranto descomedido. Ela tenta dizer qualquer coisa, mas está descontrolada pela sua emoção. Deposito minhas mãos sobre os ombros dela, e tento fazê-la me encarar, dizendo:

- Olha para mim, Elisa, e diga o que está acontecendo.

Ela me obedece e seus olhos marejados e vermelhos cravam nos meus. Com a boca trêmula, ela fala:

- Seu irmão... Seu irmão, Thomas. – Elisa aponta para o notebook em cima da mesa dela, e acrescenta:

- Killian nunca vai parar de me trair, Thomas. Nunca vai! O que eu faço?

Eu a encaro por alguns segundos e decido ver o que ela estava assistindo. Então entendi. Killian está mandando ver em uma beldade loira no quarto dele. Travo uma luta interna. Nada supera minha preocupação com Malu, e preciso investigar a vida dela aqui dentro para tentar entender o que pode ter acontecido, já que ela vive para o trabalho. Contudo, não há como me mostrar insensível agora. Antes de falar do sumiço dela, suspiro fundo e passando a mão nos meus cabelos, digo:

- Você voltou a colocar câmeras no quarto dele, Elisa?

Exasperada, ela se vira para mim, dizendo:

- O que você quer que eu faça Thomas? Ele prometeu que com a minha decisão de acompanhá-lo para a Europa, toda essa sacanagem acabaria. – para o meu desespero, Elisa ajoelha-se no chão, e com o pranto ganhando cada vez

mais força, diz:

- Mas ele não vai mudar Thomas! Ele nunca vai mudar. Ele nunca vai mudar! Não vai, nunca...

Chego a sentir tontura pela pressão de precisar falar sobre a Malu, e ao mesmo tempo vê-la nesse estado doentio. Não vejo outra saída a não ser caminhar até ela para tentar acalmá-la, quando sou surpreendido por uma mulher muito nervosa na porta, falando:

- Ligaram do Hospital Escola, Elisa. Deixaram uma garota lá na frente ontem desmaiada. Acharam o crachá no bolso da calça dela e ligaram para nós. Está internada em estado grave. É a Nívia!

A notícia conseguiu cessar o choro de Elisa de imediato. Levantando-se com agilidade enquanto enxugava as lágrimas, indagou:

- O quê?! Do que você está falando, Stella?

Não consigo deixar de associar o ocorrido com Malu, e pergunto:

- Esta tal de Nívia anda junto com a Malu?

Ainda muito nervosa, a mulher que Elisa chamou de Stella, fala:

- Nós trabalhamos juntas. – olhando para todos os lados, Stella se questiona:

- A Malu nunca se atrasa. E ela ainda não apareceu. Será que estavam juntas? Onde está Malu? – sob o meu olhar atento, assim como o de Elisa, Stella pega um celular do seu bolso e clica na discagem rápida o nome de Malu. Eu já sabia que iria dar na caixa postal. Foi o mesmo que aconteceu quando Kentaro e eu tentamos. Porém, quis aproveitar a oportunidade para ver se desta vez daria certo. O que não aconteceu.

Sem poder perder tempo, questiono:

- Sabe dizer em qual quarto está Nívia?

Olhando-me assustada, outra vez tentando ligar para Malu, Stella responde:

- Disseram que era no 16 A.

Ela tenta repetir que Nívia está em estado grave, mas não permaneço ali tempo suficiente para continuar a conversa. Preciso falar com essa garota de um jeito ou de outro.

CAPÍTULO 23

Há certa beleza no medo. Ele te faz valorizar a vida, mesmo naquelas

lembranças de dias entediantes ou estressantes, como um domingo à tarde ou uma segunda-feira de manhã. Se sua vida não corre perigo, você só tem que agradecer cada segundo da sua existência, independente de como esteja o seu momento, pois tudo são fases alteradas por nós mesmos.

Pelo menos é assim que me sinto por causa do medo que está me dominando agora. Acabo de despertar outra vez no pequeno quarto mal iluminado. Estou de barriga para cima deitada sobre o colchão. Está frio e tenho fome. Muita fome. Não faço a menor ideia de que horas são. Que terrível esta sensação de estar emaranhada num vácuo congelante e amedrontador. O que eu fiz para merecer essa situação?

Sempre quis entender se parte das coisas ruins que nos acontecem são realmente consequência dos nossos atos, como uma espécie de carma mesmo, ou se apenas somos todos vítimas deste acaso algumas vezes sarcástico. Talvez um pouco de cada. E como seria útil saber disso hoje.

Acho que é melhor me cobrir. Uma leve onda de satisfação me invade por ver que o cobertor não foi tirado de mim apesar do meu “mau comportamento”. Quem sabe eu devesse gritar e fazer muito barulho, mas agora sei da minha localização: Uma floresta. “Céus”. Pode ser loucura da minha cabeça, porém, algo me diz que já estive nesse lugar...

É! Lembro-me de ver uma clareira quando... Quando andava de bicicleta com Thomas. Sim! Ao longe pude ver, por entre as árvores. O que está acontecendo? Por que estou cismada com isso?

Quem sabe eu já não esteja sendo capaz de ter pensamentos lúcidos. Nem parece que estou acordada. Que saudade do Thomas! E nossa... Que saudade dos meus pais, e... O senhor Rupert, e Stella. Ah, amiga! Desejo com todas as minhas forças que você sinta minha falta e me procure logo. Ajude-me!

Pior do que temer perder a vida é este sentimento devastador. Esse medo de não contemplar mais as pessoas importantes. Nunca minha consciência esteve tão aguçada. Maravilhas do medo! Como pode eu ser assim? Por que acabamos preferindo a dor como nossa mestra? Por quê?

A recordação da clareira volta a me incomodar. A última floresta em que estive foi há muitos anos quando fazia trilha com meu pai em Campos do Jordão. É claro que foi na mansão do Thomas que vi uma clareira. Que absurdo! Alguém me ajude... O que está acontecendo?

CAPÍTULO 24

Foi por causa de um blog. Palavras. As sensações que elas me causaram. Pode ser que sempre busquei a essência da Malu nas mulheres com as quais me envolvi, ainda que de forma inconsciente. Até conhecê-la, nem mesmo eu sabia o que procurava. Não posso perdê-la!

Quando chego ao hospital, descubro que precisarei usar todo o meu poder de persuasão para cativar a atenção da atendente. Leio o nome dela no crachá, e digo:

- Bom dia, Leandra. A paciente do quarto 16 A está recebendo visitas?

Com um olhar mórbido, a jovem realiza uma consulta em seu computador, e me responde:

- Desculpe-me senhor. Neste momento ela já tem visita. Só amanhã agora.

Ajeito meu capacete no balcão, e questiono:

- Poderia me dizer quem a está visitando?

Conservando-se em sua debilidade, ela diz:

- Não senhor.

Arrisco:

- Homem ou mulher? É parente?

Ela teima:

- Novamente peço desculpas, senhor. Mas não posso lhe passar dado algum.

Diante da resistência, apelo para o emocional, sem tirar meus olhos dos dela:

- Leandra, quem sabe um dia você descubra que todo esse protocolo que insiste em seguir, na verdade não passa de fios conduzindo suas ações. Neste momento sou um homem apaixonado tentando a todo custo obter o mínimo de informação que me leve à única mulher que amei na vida. – aproximando-me

mais dela por cima do balcão, acrescento:

- Quando olho para você, Leandra, não vejo uma marionete. Enxergo uma linda moça que um dia pode precisar tanto quanto a minha amada da ajuda de uma estranha. Nesse instante sua colaboração pode salvar a vida dela, da minha Malu. Ela foi sequestrada e preciso descobrir se a paciente do 16 A tem conhecimento de algo.

Afasto-me, e questiono:

- Você poderia abrir uma exceção nas regras que lhe foram impostas para poder me ajudar nessa missão?

Consigo enfim enxergar brilho no olhar debilitado da garota. Ela se levanta, sem tirar os olhos de mim, e fala:

- A paciente se encontra na U.T.I.. Não sei se conseguirá que ela fale algo. Mas vou te levar até lá, senhor. Acompanhe-me, por favor.

Em silêncio eu a sigo. Entramos no elevador e logo estávamos subindo. Assim que a porta se abre, saímos, e ela me pergunta parando a minha frente e me encarando:

- Investigar não deveria ser o trabalho da polícia?

Sustento o olhar nela com firmeza, e respondo:

- Sem sombra de dúvidas, Leandra. No entanto, nem o mais experiente e astuto investigador se entregaria tanto a esse caso como eu.

Com um olhar curioso, ela questiona:

- Por que você acha que ama mesmo essa mulher, a ponto de ser tão inspirador ao falar dela?

Aproximo-me, e mantendo a determinação do olhar, digo:

- Essa é fácil, moça. A pessoa que amamos carrega uma luz calorosa, como a chama de uma lareira. Uma luz que só nós enxergamos. Quanto mais distantes desta luz, mais frio sentimos. Estou com muito, muito frio agora. Entende?

Talvez ela não tenha percebido. Porém, mesmo lutando para manter seu ar de profissional séria, eu a vejo suspirar. Leandra faz movimentos com a boca, parecendo que enfim falaria, mas somos surpreendidos por gritos de socorro.

“Alguém me ajude”. “Socorro!”

Por instinto começo a correr. Antes de chegar ao quarto de onde ouvimos a súplica, vejo uma enfermeira alvoroçada surgir no batente, enquanto se desequilibra e cai no chão, empurrada contra a porta por um homem encapuzado que sai de dentro às pressas, iniciando uma corrida pelo corredor.

Ao mesmo tempo, ao me ver, ela diz:

- Aquele homem estava sufocando a paciente com o travesseiro!

Leandra complementa exasperada:

- Este é o quarto 16 A!

Sem pensar eu me ponho a persegui-lo. O fugitivo entra num elevador cuja porta acabara de se abrir. Neste momento ele se vira para frente e me vê se aproximando correndo. Com as portas demorando a fechar, embora ele insistisse muito nos botões, sai e continua sua corrida pelos corredores. Desvia de dois médicos levando um paciente numa maca com rodas, o que também precisei fazer.

Quase alcançando um lance de escadas, decido abrir mão do capacete que carregava. O homem era veloz e eu precisava de mais liberdade para me dedicar à corrida frenética. Iniciamos a descida como trens desgovernados. Quando alcançamos o estacionamento do hospital, vejo que ele também está de moto. E está estacionada a poucos metros da minha.

Dos corredores do hospital, ganhamos as ruas de São Paulo. É como se eu pilotasse no automático. Sinto-me como um míssil perseguidor. Meu instinto nunca foi bom. Mas sei que isso tem a ver com a Malu. Exijo o máximo da minha Ecosse agora, como jamais havia experimentado.

Ignoramos todos os sinais a nossa frente, desafiando fundir nossas motos em carros e caminhões. O piloto em fuga é veloz e habilidoso. Enquanto costuramos pelos veículos, consigo me imaginar derrubando o aspirante a assassino, ou quem sabe já um profissional da morte, e o fazendo falar a qualquer custo.

Minha inquietude aumenta com a velocidade e os malabarismos que fazemos no trânsito elevam a dose de adrenalina em mim. Uma imagem vil de Malu morta transpassa minha mente. “Se ele a sequestrou, e esteve no hospital para matar a garota, por que não teria feito o mesmo com Malu?”. Exijo mais um pouco do meu motor e dos meus sentidos.

Passando para a faixa da esquerda numa avenida que neste momento não consigo definir qual é, tento me esquivar de um Corolla. Contudo, o motorista dele faz o mesmo e não consigo evitar a colisão. Tenho consciência do meu corpo sendo arremessado e tudo o que consigo pensar é na imagem sombria da cena onde vejo Malu sem vida.

E se for assim, este acontecimento é afinal o mais propício. Então aceito o meu fim. Diante da inevitável queda, e sem saber o que acontece comigo a seguir, peço perdão para ela. “Perdão por não te achar, Malu”.

CAPÍTULO 25

Killian Albernethy?

O olhar preocupado da médica que acaba de pronunciar meu nome me faz lembrar meu consultor financeiro particular quando tomo uma decisão errada na empresa. Antes de recepcioná-la com um aperto de mão, olho para Elisa, sentada ao meu lado. Nunca a vi tão calada como agora. Não sei o que é vê-la em silêncio. Procuro o olhar dela como refúgio para preparar meus ouvidos ao que a doutora tem a dizer. Contudo, seu olhar parece estar perdido em algum lugar desconhecido para mim.

Como está o meu irmão, doutora? – questiono sem conseguir tirar o tom de ansiedade da minha voz.

Encarando-me, a médica diz:

- Em primeiro lugar, permita-me fazer a devida apresentação. Sou a doutora Stacy, cirurgiã-chefe do Albert Einstein. Os paramédicos trouxeram Thomas para cá por causa do cartão corporativo deste hospital encontrado na carteira dele, e realço que de imediato demos a devida prioridade ao seu irmão. – com um tom firme na voz, Stacy retomou a palavra após uma breve pausa: - Lamentamos muito ter de informar que foi preciso induzi-lo ao coma, objetivando a princípio proteger o cérebro dele enquanto realizamos uma cirurgia de emergência para colocar o osso no lugar e tratar o hematoma epidural no lóbulo frontal, que se trata de um acúmulo de sangue formado entre os ossos do crânio e a dura-máter, a membrana externa do cérebro, ocasionado pelo afundamento craniano ao qual foi exposto com o acidente em sua moto.

As palavras escureceram minha vista. Sinto o ar deixar meus pulmões, mas esforço-me, e indago:

- O que mais tem a dizer, doutora?

Stacy continua:

- Felizmente, tudo correu bem na cirurgia. Permaneceremos com ele em coma para impedir qualquer possível dano ao cérebro e para que ele não sinta dor. Só poderemos identificar se haverão sequelas neurológicas dias depois da interrupção dos sedativos, que será feita quando os exames nos deixarem cientes da estabilidade da situação.

Ainda estou digerindo o sabor amargo da explicação de Stacy, quando sou surpreendido por Elisa que se levanta da cadeira, esbravejando:

- A culpa disso tudo é sua! Está ouvindo bem, Killian?! É toda sua!

Tento entender o que a motiva se comportar assim, e questiono:

- Do que você está falando, Elisa? – ao tocá-la no braço, ela me empurra. Eleva as duas mãos na cabeça e sai caminhando na direção da porta de entrada do hospital, repetindo:

- A culpa é toda sua!

Eu a sigo até o estacionamento e a pego pela cintura trazendo-a para perto de mim. Imaginei que fosse ser empurrado outra vez, mas ao invés disso, ela tampa o rosto com as duas mãos, e aos prantos, diz:

- Não pensei que pudesse acabar desse jeito! Ele não merecia isso!

Estou pronto para repetir minha pergunta, porém Elisa sai imediatamente dos meus braços ao ouvir meu celular tocar. Tirando-o do meu bolso, ela escancara a tela na minha cara, onde o nome “Letícia” está escrito, tendo como foto de fundo uma bela ruiva que conheci a noite passada na cafeteria da empresa. Com o olhar exalando ódio, Elisa fala:

- Vê isso aqui? – fico aturdido com a fúria dela. Estou tentando achar algum sentido, e ela repete com a voz mais elevada:

- Você está vendo isso aqui, Killian Albernethy?

Só consigo olhá-la com preocupação. Sei das minhas fraquezas, mas nunca vi Elisa tão fora de controle por causa delas. Enquanto a observo, consternado, ela desembala a gritar ao balançar o celular em sua mão trêmula:

- Foi por causa “disso aqui”, que pouco a pouco me vi desejando ser amada por Thomas! – Elisa senta-se no chão, como se desmoronasse, e diz com a voz mais branda:

- Tudo o que eu queria é que ele dedicasse tanta atenção para me conquistar como passou a fazer pela Malu. – elevando os olhos para mim, ela continua:

- Mas enquanto a Malu existisse no mundo dele, eu jamais teria a oportunidade de ver isso acontecer.

Sinto meu estômago revirar. Sou acometido por uma náusea entorpecente. De um jeito maquiavélico as coisas foram se revelando para mim, fazendo um sentido perturbador.

Agacho-me, seguro firme nos ombros de Elisa, e reúno forças para perguntar:

- Foi você quem sequestrou Malu?

Em meio a lágrimas e expressões de desespero, Elisa falou:

- Malu é tão... – suprimindo o choro, retomou a palavra em seguida: - Tão especial! - com o olhar vago para todas as direções, prosseguiu:

- Ela tem aquele jeitinho de olhar para a vida como se tudo fosse possível. Doa até a última dose de sua atenção a quem quer que a peça. Sua energia para fazer as coisas acontecerem parece inesgotável. – paralisando seus olhos em mim, acrescenta:

- Como não se apaixonar por ela, não é mesmo?

Minhas mãos estremecem quando seguro firme o rosto de Elisa, e questiono:

- Ela está viva, meu amor? – prendendo a respiração, peço:

- Diga que ela está viva, Elisa, por favor.

Com o rosto embevecido pelas lágrimas, Elisa balança a cabeça em sinal de

positivo. Devo presumir que ela não tenha feito isso sozinha. Porém, procuro focar minha atenção em tirar Malu de onde quer que ela esteja neste momento. Com cautela, pergunto:

- Você pode me levar até lá, meu anjo?

Olhando-me desesperada, Elisa indaga:

- Minha vida acabou... Não é Killian? Tudo estará acabado para mim quando me prenderem, não é?

Essa ingenuidade. A Elisa pueril e de mente mirabolante é que me fez não querer perdê-la, apesar das minhas paixões extras. Mas pela primeira vez, sinto algo perto do arrependimento por não ter sido capaz de enxergar que ela me bastava. Acaricio o rosto dela, e digo:

- Apenas me leve até a Malu, Elisa. Depois você me conta todos os detalhes e vamos procurar a melhor forma de resolver essa situação.

Eu a pego no colo e caminho na direção do carro. Desde a minha infância, jamais deixei que nenhuma lágrima visitasse meu rosto. Isso até agora. Aos poucos, enquanto carrego Elisa, permito que o choro amortença o que não estou acostumado a sentir: dor.

CAPÍTULO 26

Sinto-me alimentada. A fraqueza desapareceu. E esse cheiro de perfume é familiar. Só conheço uma única pessoa que usa a fragrância de Caron's Poivre: Thomas. Essa constatação me faz abrir os olhos com rapidez. Céus! Será que estou delirando? Estou no quarto dele, na cama dele! Olho para o meu lado esquerdo e vejo uma bolsa de soro presa a um suporte metálico conectada ao meu braço. Mais adiante, na janela, vejo um homem de costas usando um terno vinho, com as duas mãos no bolso, a observar por entre o vidro.

Chega a ser doce quando eu o chamo em voz alta: - Thomas!

Parece haver um instante de hesitação antes que ele se vire. Quando enfim o faz, sinto um frio percorrer cada centímetro do meu corpo. Estou olhando para ele de novo. Mal posso acreditar. Mas o que aconteceu? Há muita lucidez em mim para eu achar que estou num sonho. Por um instante eu me lembro da sensação que tive de estar na floresta da mansão dele, e agora estou aqui. Isso me agita. Antes que ele se aproxime eu me sento, e questiono:

- Thomas, o que aconteceu? Ou... O que está acontecendo?

Tomado por uma expressão de amargura, eu o ouço dizer ao se aproximar:

- Perdoe-me, Malu. Não sou o Thomas. Sou Killian.

Meus pensamentos entram em choque. O que pensar, afinal? Sustentando meu olhar no dele, digo:

- Mas este é o quarto do Thomas, certo? Não estou num sonho, não é mesmo? Killian senta-se a minha frente na cama. Muito acolhedor, fala:

- Você está certa, Malu. Este é o quarto do Thomas, e isso não é um devaneio. – suspirando profundamente, ele continua:

- Preciso apenas que me escute. Posso contar com você?

Meu coração, por algum motivo, fica apertado. Uma tristeza me invade e eu não sei explicar a razão. Porém, apenas faço Killian saber que pode sim contar comigo, balançando em sinal de positivo minha cabeça. Assim que constata meu sinal, ele começa a dizer:

- Lembro-me de minha mãe me dizendo como recomendação em seu leito de morte há três anos quando morreu depois de meu pai no hospital, vítima de um acidente de carro que, se eu não aprendesse a domar meus sentidos enquanto o prazer não me custasse a minha paz, um dia, a tormenta devoraria meus sentidos.

Como num espetáculo de horror, vejo Killian ser entregue a um choro semelhante ao de uma criança sem amparo. Forçando a se acalmar, com a respiração entrecortada, ele prossegue:

- Ela tinha razão, Malu. Não consigo sentir mais nada além de dor. – pressionando a mão direita no peito, ele completa semicerrando os dentes com ares de ódio: - Uma dor que não passa Malu.

Diante do sofrimento dele, faço menção de falar, mas me interrompendo, ele diz:

- Não! Se você está preocupada comigo, não fique. Não mereço! Por minha causa Thomas está em coma neste momento, e necessito da sua ajuda para me manter de pé, Malu.

Agora, mesmo que eu quisesse, palavra nenhuma sairia da minha boca. Só consigo pensar no quanto eu gostaria de estar num pesadelo. Aperto com força o lençol e continuo a ouvir:

- Sua chefe, Elisa, é minha futura esposa. Por intermédio dela Thomas conheceu seu blog e se apaixonou por você. Ele quis te conquistar de um jeito diferente, por isso pediu minha ajuda e contratou Jhenny, uma atriz, para ajudá-lo nas encenações. Na nossa festa de aniversário os convidados todos eram nossos amigos... Alguns casais, outros solteiros, ou solteiras. – fechando os olhos, Killian parece fazer força para respirar, e continua:

- Sou um desgraçado mulherengo, Malu, que acabou fazendo Elisa se encantar com a ideia de ter um homem prestando atenção nela quando Thomas passou a se esforçar para cortejar você. – encarando-me, Killian diz:

- Então, ela aproveitou a inveja que Maicon e Nívia têm de você, e juntos arquitetaram seu sequestro. Para isso usaram a cabana abandonada na floresta desta mansão, utilizando-se sempre da saída dos fundos da propriedade, e Elisa providenciou a desativação do sistema de segurança. O plano era te afastar tempo suficiente para fazer Thomas se apaixonar por ela. Maicon estava disposto a te matar assim que conseguisse o dinheiro desejado porque tinha medo do seu senso investigativo, e Nívia, por não suportar seu sucesso e por saber que o livro que você escolheu para a premiação da editora teria grandes chances de vencer, queria te manter afastada até os vencedores serem definidos.

Uma dor de cabeça descomunal me ataca. Sinto náuseas e meu coração não tem um ritmo definido. Ora acelerado, ora ameaçando parar de bater. Mas enfrento tudo e questiono com os olhos exalando meu mal-estar:

- Onde Thomas se encaixa nisso?

Com lágrimas desbravando seu rosto, Killian fala:

- Quando ele descobriu que você havia desaparecido, passou a te procurar como um louco. A pessoa que você feriu com seu golpe foi Nívia, que já dava mostras do arrependimento dela antes de ser acertada pelo seu golpe. Com ela no hospital, Elisa avisou Maicon que Thomas estava indo vê-la. Eles temiam que se Nívia conseguisse falar, mencionaria algo sobre o sequestro. Então Maicon foi ao hospital disposto a matá-la.

De olhos fechados, Killian tomou fôlego para continuar a falar:

- Desesperada por informações, Elisa foi até o hospital, com a desculpa de ver Nívia, onde ela acabou descobrindo sobre a perseguição de Thomas a Maicon, até saber horas mais tarde que meu irmão foi parar no Albert Einstein, vítima de um atropelamento. – esforçando-se para terminar, ele continuou aos prantos:

- O que lhe causou um traumatismo craniano, forçando os médicos a lhe induzirem o coma.

Não consigo me segurar e começo a chorar como nunca havia chorado antes. Um choro sem controle, dolorido a cada lágrima, querendo expulsar minha alma de dentro de mim. De repente sinto os braços de Killian me abrigando, enquanto ele reprime as próprias emoções e apenas me abraça.

CAPÍTULO 27

O que você acha destas rosas azuis, Stella?

Franzindo o cenho, Stella brinca com uma pétala, e diz:

- Rosas, azuis, vermelhas... Não importa. Ele não vai ver! – olhando-me séria, ela completa:

- E sabe por que não? Por que ele está em coma. Lembra do motivo disso ter acontecido?

Saio caminhando para dentro da floricultura, e digo:

- Você fala como se eu não fosse a primeira pessoa a querer reparar o que houve com ele.

Paramos diante de uma sessão de rosas, e ela diz enquanto me permito ser capturada pela beleza e variedade das cores:

- Malu, não é correto deixar estes criminosos a solta. Eles não só são os responsáveis pelo estado de Thomas, como atentaram contra a sua vida. – indignada, ela bate as duas mãos no quadril, dizendo:

- Ora! Eles sequestraram você! Será que tudo o que passou não é suficiente para querer ver estes três na cadeia? Sem falar que sem a devida correção, outras pessoas poderão a qualquer hora sofrer com estes bandidos!

Devolvo-lhe a seriedade através do meu olhar, e falo:

- Stella, entenda de uma vez... Killian e eu concordamos num ponto crucial: trancar uma pessoa numa cela não vai fazer com que a sua capacidade de cometer um crime diminua. Ela pode até sofrer, por algum momento se arrepender, mas o potencial para o mal está ali. – intensifico meu tom de seriedade, e continuo:

- Killian está aproveitando seu dinheiro para tentar aplicar um corretivo diferente. O chip implantado em seus braços permite que eles sejam monitorados o tempo todo. Onde quer que eles estejam Killian saberá apenas acessando o aplicativo do celular dele, o que ainda por cima é armazenado em relatórios. Tudo bem... Estão livres, porém, intimamente espionados. Consegue imaginar viver assim? No primeiro deslize, serão denunciados para a polícia. Já que não fazem bom uso do livre arbítrio, enquanto Killian se devotar a essa missão, terão suas vidas vigiadas passo a passo, vinte e quatro horas por dia!

Volto a admirar as flores para escolher uma especial para Thomas, e acrescento:

- É como viver num eterno julgamento. Quer pior do que este castigo mental? Stella persiste em sua tentativa de mudar minha opinião:

- No entanto, você está desconsiderando um fato importante, meu docinho de leite azedo... Este sistema pode mesmo provocar-lhes um inferno mental constante. Só que isto não dá garantias de que ninguém mais será afetado pelas mentes maldosas deles. E aí, a próxima vítima, ou, as próximas vítimas, terão sido responsabilidade sua e do Killian, por não terem posto estes indigentes de uma vez atrás das grades! – ela ia se virando para apreciar sua sessão preferida, a de girassóis, quando volta a me encarar, dizendo:

- Isto, se a próxima vítima deles não for você ou o Killian, ou os dois! – dando as costas para mim, acrescenta: - Espero que o cargo de editora-chefe te ajude a colocar mais juízo nesta cabecinha.

Desisto de debater com ela. Suspiro e volto a apreciar as rosas e decido que hoje vou mesmo levar as azuis. Quando chego ao hospital, passo direto pela recepção e caminho na direção do quarto de Thomas. Já sou conhecida aqui pelas minhas visitas diárias, concedidas graças à intervenção de Killian. Há três meses minha vida tem sido essa: Casa, trabalho, floricultura e hospital. O quarto dele virou um santuário de rosas coloridas. Na medida em que vão murchando, vou substituindo. É minha forma de homenageá-lo: Rosas para ele, todos os dias. Minha força para encarar o dia seguinte é vir aqui, acariciar o rosto dele, conversar, e acreditar com fervor que em breve verei a luz do seu olhar e vou outra vez ouvi-lo me chamar de “minha agradável dama”, pois, para o nosso espanto, mesmo depois dos sedativos terem sido reduzidos pelos médicos, Thomas não acordou.

Hoje, tocando novamente a pele de seu rosto, tenho a sensação de sentir mais calor. Como sempre, inicio minha conversa solitária:

- Oi, Thomas. Acredita que na festa da Editora fizeram uma homenagem para você? O senhor Aquiles fez com que o livro escolhido por mim fosse levado ao salão principal numa cesta de rosas por um motoqueiro dirigindo uma Ecosse Titanium. – não resisto, e as lágrimas voltam a invadir meu rosto. Segurando firme a mão dele, prossigo:

- Quando o motoqueiro tirou o capacete, fui surpreendida ao ver sua imagem. O motoqueiro era Killian. – tento continuar a conversa, mas não dá. Levo a mão dele até o meu rosto e faço força para sussurrar em meio ao pranto: - Acorda Thomas! Acorda para tocar meu rosto, meu corpo, minha alma. Acorda amor! Que desejo do seu toque! Que vontade de você, Thomas!

De repente sinto um toque. O dedo indicador de Thomas desliza na pele do meu rosto, no lado esquerdo. Imediato à pressão do seu dedo, tenho a sensação de milhares de serotoninas sendo liberadas no meu corpo. Olho para ele e flagro

suas pálpebras se abrindo. Levanto-me e me inclino na direção do seu rosto. É quando nossos olhos se encontram. Nem todo chocolate e vinho no mundo poderiam me dar tanto prazer.

Nosso oi foi traduzido na forma de um largo sorriso. O mais sereno e feliz que já dei e recebi em toda minha existência, até que, como se estivéssemos sincronizados, nossas bocas disseram com candura um adorável: - Oi!

Ainda com o sorriso estampado no rosto, vou à loucura quando ouço a voz dele dizer:

- Seu desejo para mim é uma ordem, minha agradável dama.

Como num campo magnético, meus lábios são atraídos para os dele. Não mais um selinho que eu roubava todos os dias. Nossas bocas se consumiram para afagar a tortura da espera. Lembro então do nosso primeiro beijo, só que desta vez há um misto de fogo e ternura. Meu corpo está ávido pelo dele. Minha pele queima de vontade de senti-lo. Percebo com deleite a força de sua mão apertando minha cintura.

Mas quando os olhos dele se abrem e enxergam minha mão direita em sua perna, uma expressão preocupada toma conta das feições de Thomas. Nós nos encaramos por um instante, e ele pede:

- Por favor, Malu. Aperte minha perna.

Obedeço de imediato. Voltamos a nos olhar. Ele então tenta mexê-las, sem sucesso. Minha primeira reação é acionar o botão para chamar um médico. Thomas comprime os olhos e sua respiração se torna ofegante. Eu o forço a interagir comigo, colocando minha mão em seu rosto, e dizendo:

- Escute-me muito bem, Thomas Albernethy: Tudo vai dar certo, ok?

Thomas coloca sua mão em meu pescoço. Permanecendo de olhos fechados e em silêncio, ele me conduz para bem perto do rosto dele.

CAPÍTULO 28

Killian e eu aguardamos em silêncio na recepção do Albert Einstein um pronunciamento da equipe médica. Nestas horas me questiono sobre a arquitetura da vida. Qual o propósito de manter um mundo onde nossa paz está sempre andando de olhos vendados rente a um precipício? Quantas lições ainda restam serem aprendidas para que alguém ou algo, por misericórdia, nos dê uma explicação plausível para toda esta balbúrdia?

Reviro os olhos tentando conter o assanhamento das minhas lágrimas para se exibirem no meu rosto. Killian me olha de esguelha e percebe a luta que estou travando. Seus cotovelos estão apoiados em suas pernas, e suas mãos servem de suporte para o seu queixo. Está há tanto tempo com as costas arqueadas, que

acredito que terá de se esforçar muito para alongá-las. Depois de suspirar com profundidade, eu o ouço dizer:

- Prefiro sempre o ângulo que me permite não libertar o demônio dentro de mim. Então... Se Thomas acordou, ganhamos um motivo para dizer muito obrigado. Não é verdade?

As palavras dele fazem meu choro se acanhar e parar de atentar contra o meu equilíbrio. Encontro um sentido que me acalenta o espírito revoltado. Ajeito-me melhor na poltrona, e digo:

- Se fizermos o próprio Thomas comprar este motivo, ganhamos uma segunda razão para nos sentirmos agradecidos.

Enquanto nos encaramos, percebemos Stacy surgir e caminhar na nossa direção. Tento praticar o senso de agradecimento, mas isso não é suficiente para afastar a ansiedade que me espreita como uma fera faminta. Quase que ao mesmo tempo, Killian e eu nos colocamos em pé. Assim que se aproxima, a doutora diz:

- Olá, dupla dinâmica! Os exames não apontaram nenhum tipo de lesão comprometedora. Por isso, a partir de agora, iniciaremos um tratamento psiquiátrico com Thomas.

Visivelmente tão ansioso quanto eu, Killian indaga:

- Quer dizer que ele pode estar com alguma espécie de bloqueio mental? Isso é comum?

Stacy responde:

- No que se refere aos movimentos das pernas, não é comum vermos casos de traumatismos cranianos onde o paciente acredita não poder andar. Normalmente podem ficar confusos, ter dificuldades de memória, problemas de atenção, problemas para tomar decisões, fazer julgamentos, iniciar ações, concluir um projeto, bloqueados para terem autocontrole, apresentando impulsividade ou falta de inibição, talvez não tenham consciência de si mesmos, apresentem limitações em situações sociais, tenham dificuldade para controlar as próprias emoções, de conversar ou se expressar, podem ficar propícios ao uso de álcool e drogas... – parando de gesticular com as mãos, Stacy se segura abaixo do ventre, e acrescenta:

- Cada um possui uma forma particular de lidar com seus traumas. Nem a ciência ou medicina podem prever ou mesmo mudar isso. O importante agora é darmos a ele o máximo de autonomia para viver a própria vida, fazendo-o se sentir amparado na medida em que ele achar necessário, e, portanto, julgamos conveniente que o tratamento seja iniciado em sua própria residência. – após uma breve pausa, conclui:

- E claro, demonstrar a ele muito amor e paciência. Thomas conseguiu vencer

uma etapa importante: Abrir os olhos para a vida outra vez. Seja qual for o comportamento dele de agora em diante, precisarão demonstrar o máximo de apoio possível, sem permitir, em todo caso, que ele se entregue ao comodismo ou desespero.

Alegro-me com a possibilidade dele não ter mais de viver num hospital, e digo olhando animada para Killian:

- Saber que ele pode enfim sair daqui é sem sombra de dúvidas um bom motivo para agradecer.

Killian parece satisfeito também, e devolve:

- É mesmo um bom ponto de partida, Malu. Um ótimo argumento para o recomeço.

Stacy então olha para mim, e diz:

- Malu, há também algo que devo salientar, a pedido do próprio Thomas. Mas antes se lembre de tudo o que acabo de expor. Ele está passando por uma fase confusa e não sabe o que será dele mesmo. Por isso peço que seja sábia para lidar com o que ele me pediu para te dizer.

Meu mundo parou. Tem momentos que é preferível não fazer deduções óbvias, e talvez doesse menos ser como que “tapada”. Porém é tão evidente. Tive vontade de pedir que ela não dissesse nada, pois precisava me preparar para ouvir. Contudo, fiquei desprovida de atitudes, e a doutora apenas continuou a falar, ainda que externamente eu não fizesse nenhuma menção de mostrar que ela deveria:

- Thomas pediu que você não o procurasse mais, porque você merece alguém completo em sua vida, e ele não se sente no direito de fazê-la correr um risco com alguém instável e sem perspectivas definidas.

Sinto falta de ar. Esforçando-me, consigo pedir:

- Doutora, antes permita que eu fale com ele, por favor.

Aproximando-se de mim, Stacy fala:

- Se quiser podemos contrariá-lo. No entanto, é por isso que evoquei a sabedoria que há em você. Acredite. Este não é o momento para falar com Thomas. E sei que você sabe disso. Pense em estágios, e conscientize-se de que ele está no mais delicado. Não sei o que sente por ele, mas arrisco dizer diante do seu histórico nesse hospital, que no mínimo o quer muito bem. Então, dê-lhe o espaço necessário por enquanto.

Como eu queria que ela estivesse errada. Meu coração indignado busca qualquer falha no conselho dela. Sem sucesso, lanço um olhar resignado para Killian, que me observa tenso, e digo fechando os olhos:

- Está bem, doutora Stacy.

De repente sinto-me puxada contra o corpo de Killian. Ele me pega pela

cintura e me abraça contra seu peito. Um abraço apropriado e amortecedor. Beijando minha cabeça, ele diz:

- Lembre-se das nossas razões para sentir gratidão: Thomas acordou, está vivo e terá uma segunda chance. Fixe-se na ideia de que estamos ganhando este jogo. Só é uma partida extensa, mas estamos ganhando. Somos campeões ou não somos?

Eu o abraço forte, muito forte. Deixo minhas lágrimas se exibirem à vontade, e digo:

- Sim, Killian. Somos campeões e vamos ganhar este jogo!

CAPÍTULO 29

Um ser humano poderia ter uma vida extremamente feliz sem comer doces, se ele nunca descobrisse que eles existem. Mas, uma vez que se toma conhecimento de um prazer e ele lhe é arrancado sem que você possa ao menos tentar senti-lo outra vez, o conceito de felicidade some do seu mundo como que num passe macabro de mágica.

Pelo menos é assim que me sinto: Infeliz. Eu, que sempre arranjei uma maneira de rejeitar esta palavra no meu vocabulário. De verdade, eu não esperava encontrar alguém com quem sentisse vontade de estar junto para o resto da vida. Por isso curtia minhas baladas e me permitia beijar quantas bocas quisesse. Faria isso até minha aparência não ser mais nem minimamente aceitável para este feito.

E agora? Como esquecer este prazer? Todos os outros parecem tão insossos diante da possibilidade de amar com plenitude alguém, e ser amada da mesma forma. Sem amor, o planeta terra não passa de uma grande máquina fabricante de desgostos.

Ainda bem que pelo menos amo o que faço. Nunca pensei em trabalhar no meio editorial. Foi algo que aconteceu e aprendi a acolher como um prazer. Porém os dias se passam e a lacuna chamada “Thomas” não consegue ser preenchida por deleite algum. Com Stella na minha cola desde que ele acordou e me expulsou da vida dele, ela tem funcionado como um cardápio ambulante para

me apresentar as delícias da vida, no seu sentido mais literal.

Estou quase entrando na porta giratória para sair do prédio da editora, quando a vejo caminhar esbaforida na minha direção, e dizer:

- Espere Malu. Fiquei sabendo de uma cafeteria aqui perto que está servindo Capuccino com Uísque Escocês. O que você acha de aproveitarmos este final de expediente friozinho para nos aquecer por lá?

Passo pela porta, com ela me seguindo, e digo:

- Sabe quantos quilos engordei em dois meses, Stella?

Ela me olha de cima a baixo, e fala:

- Não sei, mas pelo que vejo ainda faltam muitos para ficar gostosa como eu.
– puxando-me pelo braço, diz:

- Venha. Vamos fazer este corpinho ficar ainda mais sexy.

Como nas outras muitas vezes, eu a deixo me conduzir. E sei que vou consumir tudo quanto for caloria que ela colocar na minha frente. Porque não vejo razão para me privar até mesmo da comida, já que as noites perderam o total valor para mim.

Mas a cereja do bolo foi ver quem estava no outro lado do balcão, assim que adentramos a cafeteria: Nívia. Uma cereja com cabelo rosa e a cara de cínica mais arrogante que já presenciei. Stella, óbvio, não perde a oportunidade, e me diz:

- Olha, essa é nossa noite de sorte. Podemos tomar vários Capuccinos de graça. – enganchando-se em mim, ela completa enquanto caminhamos na direção de Nívia: - Afinal, é o mínimo que ela pode fazer para agradecer os anos de prisão que você de maneira tão bondosa e espontânea privou ela.

Não contente, quando de fato nos aproximamos, Stella acrescenta:

- Oi, Nívia. Quanto tempo! E aí, como vai o seu pescocinho lindo? Espero que já tenha podido voltar a comer sólidos. E tomara que você não tenha pegado trauma de hospital. Afinal, nunca se sabe quando a gente vai ter que passar um longo tempo por lá, não é mesmo?

Já havia me preparado para uma resposta a altura do sarcasmo dela, mas me surpreendi com uma Nívia resignada:

- Vão querer o quê?

Eu me adianto pegando o cardápio por cima do balcão, e respondo:

- Vamos sentar e decidir.

Para fechar com chave de ouro, ouço Stella dizer ao andar com passos lentos na frente de Nívia:

- Nada como ser vigiada vinte e quatro horas por dia para nos tornar seres humanos mais compreensivos...

Quando me sento à mesa no canto da parede, digo:

- Fez isso de propósito, não é?

Com cara de criança que finge não ter comido o pudim antes do almoço, ela exclama:

- Fiz o quê?

Lanço-lhe um olhar de censura, dizendo:

- Qual é Stella. Você sabia que era ela a atendente dessa cafeteria.

Franzindo a boca, ela diz:

- Pode ser que sim, pode ser que não... Em todo caso, está tendo a chance de confrontar seus sentimentos, lembrar-se de todo o mal que ela te fez, e analisar se valeu à pena bancar a fadinha com asas de algodão doce!

Tento argumentar, mas ela se adianta:

- Vou refrescar sua memória. Esta ofídia cabeluda foi capaz de calcular com frieza o tempo necessário para que você ficasse fora de órbita com o único intuito de atrasar sua natural evolução na carreira, ainda sabendo que sua vida corria perigo nas mãos daquele ser ambicioso do mundo inferior que é o Maicon. E você, caindo na conversinha mais ou menos do bilionário que se arrependeu tarde de ser taradão, não enxerga o quanto é errado não enfiá-los por longos anos no único lugar que eles deveriam ocupar neste mundo!

Recosto-me na cadeira, vencida pelo tédio de vivenciar as tentativas dela tocar no mesmo assunto volta e meia, e digo:

- Amor da minha vida, para uma pessoa como Nívia, ser demitida de uma multinacional e ter de tornar-se uma atendente de cafeteria, é bem pior do que ir parar na prisão. O mesmo vale para o Maicon, que agora tem que fazer bicos consertando computadores a domicílio. Eles já estão tendo o que merecem! Além do mais, é muito tarde para eu querer abrir a boca.

Ficando com o pescoço vermelho, uma reação natural de Stella quando está nervosa, ela argumenta:

- Não senhora. Não é tarde para ir à polícia e dizer que estive em estado traumático, precisando de ajuda psiquiátrica, o que facilmente o senhor Aquiles conseguiria comprovar por meio de relatórios feitos pela psiquiatra da empresa, a ponto de você só agora ter conseguido reunir forças para denunciar estes espíritos de luz questionável.

Reviro os olhos, e digo:

- Céus! Como você está levando isto a sério! Além do mais, todas as provas foram destruídas: ligações, digitais... – suspiro fundo, e acrescento:

- Olha Stella. Se você quer uma verdade definitiva, fiz isso muito mais por Killian. Porque, sim, o preço para ele deixar de ser quem era foi alto, mas ele ama Elisa. Denunciá-los, faria com que ele a perdesse, perdendo também o espaço para se tornar alguém melhor. Ele encontrou uma alternativa razoável

para correr atrás do prejuízo e me convenceu. E, estando eles na prisão ou no inferno... Não importa: Thomas ainda permanece como está. Então, para mim, este assunto está mais do que encerrado!

Sem me olhar, Stella chama a garçonete que ia passando, e diz:

- Moça, traga-nos tudo o que tiver muita gordura hidrogenada e açúcar invertido. Não estou brincando. Vá lá e capriche nas quantidades. Também queremos dois duplos de Capuccino com Uísque Escocês. – apontando para Nívia, ela acrescenta: - E, por favor, diga à aspirante de Penélope Charmosa que hoje tudo é por conta dela!

De imediato, retruco:

- Stella!

Ela mal me dirige a atenção, e fala:

- Oh, desculpe Malu! Quase ia me esquecendo moça. A minha amiga aqui quer levar para viagem também. Não poupe no volume, hein! Por favor!

A moça analisa por um instante, e indaga:

- Quer mesmo que eu faça isso?

Indignada, Stella responde:

- Ora, menina. Saiba que minha saliva vale fortuna. Acha que estou gastando ela aqui sem propósito?

Dando de ombros, a garçonete sai falando:

- Tudo bem...

Estou para intervir, quando meu celular toca. É Killian. Há muito tempo ele não me liga. Apresso-me a atender, e sou surpreendida por sua voz ofegante:

- Malu! Preciso muito da sua ajuda... Agora!

CAPÍTULO 30

Ativo meu senso de praticidade, e digo para Killian:

- Estou escutando...

Mais do que depressa, ele fala:

- Corra até o edifício da editora e pare Elisa. Ela vai subir até o último andar para se jogar de lá.

De imediato eu me coloco em pé, ignorando as interrogações de Stella.

Enquanto corro, questiono:

- Como você sabe que estou perto do prédio da editora?

Killian responde:

- Não há tempo agora... Ela está quase entrando no prédio.

A adrenalina me consome rápido. Tento entender o que pode estar acontecendo, ao mesmo tempo em que busco dar o meu máximo na corrida. Quando eu o escuto outra vez, tenho certeza que ele sabe exatamente onde estou:

- Ela acaba de entrar. Você consegue vê-la?

Assim que passo pela porta giratória, grito:

- Elisa!

Agi por impulso. Ela aperta com desespero o botão dos três elevadores à disposição. Corro de encontro a ela. Antes que eu me aproxime, vendo que nenhuma porta se abriu, Elisa se põe a correr na direção da escada.

Volto a correr, e ouço Killian:

- A mantenha no seu campo de visão. Estou quase chegando.

Não me lembro quando exige tanto do meu corpo como nesse momento. Stella teria um infarto se soubesse que estou correndo atrás da mulher que mais me fez mal na vida para salvá-la. E o pior: salvá-la dela mesma. Tenho mágoas infinitas de Nívia e Maicon. Mas saber que a ideia original partiu de Elisa. Às vezes fico imaginando o instante no qual ela propôs aos dois o meu sequestro. Dói muito saber que um ser humano é capaz de qualquer falta de humanidade para satisfazer seus próprios ideais.

Já estamos no terceiro andar, quando começo a gritar:

- Para Elisa! Vamos conversar!

No entanto é inútil. Ela está descalça, vestindo um moletom cinza, e com o cabelo loiro e comprido aparentando estar sujo e sem ter sentido a presença de um pente há dias. Parece tão decidida que chego a sentir calafrios. Quando alcançamos o sétimo andar, meu ar ameaça desaparecer dos pulmões. Como que arrancando forças do além, continuamos a subir e subir. Porém alcançamos o terraço e para a minha aflição, eu a vejo escancarar com força a porta de acesso e correr na direção do parapeito. Grito, agoniada: Elisa não! Por favor, não!

Quem sabe anjos existam. E existe um nesse terraço agora, que colocou o pé na frente dela e a fez tropeçar. Graças a isso eu a alcanço e me jogo em cima de Elisa. Ela tenta se desvencilhar de mim, mas eu consigo sentar em cima do seu ventre e estou prestes a aplicar nela um golpe no pescoço para ao menos paralisá-la, quando ela desaba a chorar depois de muito se debater com as minhas mãos.

Então aqui estou eu, impedindo que a minha sequestradora se mate. A imagem de Thomas no hospital surge tão nítida na minha cabeça. Tenho certeza

que é uma provocação de mim mesma para me lembrar das consequências dos atos de Elisa. Não houve uma única só noite desde que fui liberta que eu tenha conseguido dormir sem antes fazer meus olhos parecerem que estão pegando fogo de tanto chorar. Tudo culmina num tornado de emoções dentro de mim, e eu grito. Grito com todo o meu fôlego: Para de chorar! Agora!

Ainda sentada em seu ventre, eu a encaro como se estivesse perto de soltar chamas pelos olhos. Consigo assustá-la. Paralisada, Elisa me olha surpresa, e eu desembalo a falar:

- Sabe qual é o seu problema, Elisa? Seu egoísmo virou um monstro tão grande e mau, que agora ele quer te devorar! Pessoas como você são incapazes de perderem tempo agradecendo as bênçãos que tem. Preferem se suicidar, destruir, roubar, matar, “SEQUESTRAR” a seguirem suas vidas, lutando com a garra que for preciso, sem invejar as bênçãos dos outros. Você é incapaz de enxergar a dádiva de existir.

Eu me levanto de cima dela, e para o meu assombro, ela continua deitada me escutando. Estou tão descompensada, que se ela se levantasse e optasse por pular mesmo, não a impediria. Altero um pouco minha voz para reforçar meu sarcasmo, e recomeço:

- Oh, o Killian não para de me trair, então vou fazer o irmãozinho dele mostrar como se faz. Dane-se tudo o que terei de fazer para conseguir isso! Oh, entendi que sou uma aberração egoísta incapaz de me perdoar ou pedir perdão, então vou me matar...

Afasto o sarcasmo da minha voz, e grito. Quero dizer... Berro para ela:

- Por que você não veio me pedir perdão, Elisa? Por quê? Ou vai negar que estava prestes a se jogar daqui porque não suporta mais o peso do seu egoísmo e ingratidão? – quando ela recomeça a chorar, eu elevo ainda mais a minha voz: - Você não tem o direito de chorar!

As lágrimas me assaltam, minha voz perde um tom, e eu continuo a falar:

- Eu sim tenho o direito de chorar. Sabe por quê? Porque você lançou o feitiço da maldade contra mim, e atingiu a única pessoa disposta a me amar de maneira gratuita. Você destruiu o amor e a vida dele. Está me ouvindo, Elisa? – sinto-me extremamente cansada, e antes de me virar, acrescento:

- Seja mulher uma única vez e fique para suportar o peso dos seus erros. Destrua o monstro que você mesma criou. É o mínimo que deve fazer.

Abandono Elisa no chão aos prantos. Ao me virar, dou de cara com Killian. Ele me olha assustado, e diz:

- Muito obrigado, Malu.

Quando eu o encaro, as lágrimas voltam com força, e indago:

- O que foi isso? Como você sabia onde eu estava?

Killian observa por um instante sua noiva largada no chão. Fecha os olhos. Reabrindo-os, suspira, olha para mim, e diz:

- Há quase um mês Elisa visitou Thomas junto comigo. Foi a primeira vez que ela o viu. Depois disso, chegou a esse estado. Tentei novamente conversar hoje. Estávamos no nosso quarto, quando ela saiu correndo, pegou a moto dela e seguiu na direção do prédio da editora. – voltando a analisá-la, ele acrescentou:

- Na noite passada ela mencionou que achava justo por fim a própria vida por ter destruído a de Thomas, e estava disposta a deixar este mundo no exato lugar onde tivera todas as ideias que culminaram em seu sequestro.

Retornando o olhar para mim, Killian falou:

- Eu sabia onde você estava porque coloquei um chip no seu celular, Malu. E o fiz a pedido de Thomas. Ele tem te acompanhado pelo software que pediu que fosse instalado no celular dele também.

Surpresa eu questiono:

- Do que você está falando?

Acariciando por um momento meu rosto, Killian fala em seguida:

- Thomas ama você, Malu. Queria ter certeza que estaria bem depois do radicalismo dele. Mas ele é muito inteligente e sempre foi excessivamente racional, mesmo depois de ter sido alterado pelas consequências do traumatismo. A partir do momento que se descobriu inválido, de imediato julgou prudente livrá-la dele. Este é o meu irmão: alguém que não hesita em cortar o que ele julga ser mal pela raiz.

As palavras que acabo de ouvir me paralisam. Não que eu tenha chegado a desconfiar dos sentimentos de Thomas por mim. No entanto, julguei que jamais ele abriria uma brecha no novo problema dele para se preocupar comigo. Sinto um misto de felicidade e revolta ao mesmo tempo. Só então percebi que dei espaço demais, e talvez fosse hora de agir.

Meu celular toca. É Stella. Porém, antes de atendê-la, indago:

- Killian, você me levaria para visitar Thomas amanhã?

Sem titubear, ele responde:

- Sim. Também acho que está na hora.

Dou-lhe um beijo no meio da testa e enquanto viro-me para descer, atendo a ligação insistente. De relance vejo Killian caminhar na direção de Elisa. Ao vê-lo, ela se senta e faz igual uma criança que pede colo ao pai para ser levada à cama. Quando saio do prédio, vejo Stella parada, com o braço esquerdo segurando contra o peito uma bandeja com dois copos grandes de Capuccino, e ostentando um pacote na mão. Só Deus sabe quantas guloseimas teriam lá dentro. Ela me olha com cara de traquinas e diz entregando-me um dos copos:

- Mandeí caprichar no Uísque.

CAPÍTULO 31

Sábado de manhã. Um dia frio e cinzento, mas como acordei com meus sonhos românticos voltando a renascer e colorir minha mente, o vejo como um dia lindo. Ainda mais por Killian me trazer para visitar Thomas. Houve dias em que eu achei que isso jamais aconteceria. É impressionante como nossa mente pode nos torturar quando ela detecta algo que queremos e nos faz achar que jamais seremos possuidores do nosso desejo. Apesar de tudo o que aconteceu, saber que Thomas se importou comigo esse tempo todo, reforçou em mim a certeza de que devo intervir nessa relação por nós dois.

Talvez, se algum dia eu amadurecer um pouco mais, terei uma opinião diferente. Contudo, no auto da maturidade que tenho agora, digo com convicção que, nada nesse mundo substitui o prazer de viver um amor de verdade. Nem a melhor comida, a mais refinada bebida, a roupa e os sapatos mais luxuosos, a moradia mais confortável, o carro mais veloz e espaçoso, ou viagens para lugares jamais vistos. Nada consegue chegar aos pés do prazer de querer estar sempre bem de corpo e alma para que o seu amor te viva sempre que seus anseios lhe reclamem. Ao menos é assim que penso desde que entendi o que Thomas queria me oferecer.

Assim que alcançamos o salão de entrada da mansão e nos encaminhamos para frente da escada que leva ao corredor onde se encontra o quarto dele, Killian diz:

- Está preparada para qualquer que seja a reação de Thomas?

Forçando-me a parecer confiante, respondo:

- Só estou aqui porque sei que posso esperar boas reações dele comigo. – lançando um olhar travesso para Killian, acrescento: - Desculpe-me a petulância. Mas seu irmão me fez acreditar que sou especial para ele. Vim aqui cobrar meus direitos por isso.

Killian sorri para mim enquanto subo as escadas. Tento levar minha confiança comigo, muito embora o suor em minhas mãos e o coração agitado demonstrem que ela já está bem longe. Mesmo assim permaneço subindo. Quando chego à frente de seu quarto, digo em alto e bom som, abraçando a porta:

- Thomas. – sorrio ao pronunciar o nome dele, e continuo: - Thomas. Aqui é a Malu. Está me ouvindo?

Depois de alguns segundos esperando, ouço um barulho dentro do quarto, mas ele não me responde, então prossigo:

- Sei que você optou por me tirar da sua vida por causa do que te aconteceu,

pensando que assim me pouparia de sofrimentos. Só que não deu certo. Não funcionou amor. – sorrindo outra vez, acrescento: - Viu? Eu te chamei de amor. Não soa estranho?

Espero por um instante algum tipo de atitude. Porém tudo demonstra silêncio. De maneira inesperada começo a chorar, abaixando-me até o chão e me sentando, ainda abraçada à porta, e começo a dizer:

- Não faz isso Thomas. Por favor, não faça isso comigo. – diante da inércia dele, sou acometida pelo desespero e meu choro se intensifica. Aos prantos, digo:

- Você não pode fazer isso comigo. Antes de você eu nem imaginava que poderia querer alguém assim, Thomas. Eu te quero tanto, amor. – soluçando e chorando, falo:

- Nunca quis alguém assim. Não faz isso comigo, por favor.

De repente escuto um barulho e vejo que a maçaneta da porta se vira bem devagar. Ponho-me às pressas de pé e o que vejo faz com que eu sinta um misto de vergonha e desapontamento: uma senhora vestida com uniforme de camareira aparece no batente, a dizer:

- Mil perdões senhorita. Ouvi você se referir ao senhor Thomas. Eu estou limpando o quarto dele, e...

Sem acreditar no que acaba de me acontecer, questiono:

- Onde ele está?

Seu rosto pálido e enrugado exibe uma feição carregada de tristeza. Suspirando, ela diz:

- Entre. Acompanhe-me, por favor.

Meu ventre se contorce de ansiedade. Chegar até a janela do quarto dele pareceu mais distante do que atravessar a cidade inteira de São Paulo a pé. Ao nos aproximarmos, a senhora põe gentilmente sua mão direita em torno da minha cintura, e com a outra aponta na direção de Thomas, dizendo:

- Meu amado patrão transformou-se nisso: um homem incapaz de afugentar seus demônios. E para conviver com eles, entorpece seu sangue com álcool dia e noite.

Achei que meu coração não iria suportar quando contemplei Thomas sentado numa cadeira de rodas, com roupão e barba por fazer, em seu jardim próximo da piscina, segurando uma garrafa de algo alcoólico, de um jeito que eu nunca imaginaria tê-lo visto. Sem conseguir desviar o olhar, digo:

- Foi um erro obedecer ele. Céus! Que grande besteira eu fiz!

Olhando-me com doçura, a senhora fala:

- Mas você não precisa continuar a ser obediente.

Eu a encaro, e sinto uma corrente de energia maravilhosa percorrer meu

corpo. Num instante sublime, ao cruzar meu olhar com o dela, sei direitinho o que devo fazer. Isso me enche de esperança, a ponto de no final conseguir sorrir. Antes de sair às pressas do quarto, coloco minhas mãos nos ombros da senhora, e digo:

- Serei a agradável dama mais desobediente que Thomas conheceu!

Não há registros na minha memória com os quais consigo comparar ao que sinto agora. Sou tomada por uma força inebriante, como se de repente o céu tivesse adentrado em minhas veias. Se é que isso é possível. Mas se bem que, quando se trata de amar, coisas inverossímeis acontecem. Disso eu tenho certeza. Sempre tive. Só havia me esquecido. No entanto, acabo de me lembrar!

Ao descer as escadas, vejo Killian falando ao celular de frente a um quadro gigante numa das paredes do salão de entrada. Vendo-me eufórica, ele finaliza a ligação, e eu aproveito para dizer:

- Agora sou eu quem precisa muito da sua ajuda!

Surpreendo-se com minha agitação, Killian parece se contagiar de imediato, e diz:

- Tem minha total disposição para isso, Malu.

Olho para ele da mesma maneira que fazia quando tinha uma grande ideia e corria para o meu pai. Isso até me faz sentir saudades dele. Porém foco no meu objetivo, roubando a mão livre de Killian para mim. Enquanto o puxo para a saída, falo:

- Está na hora de atormentar Thomas!

CAPÍTULO 32

Sinto-me enfeitiçado. O tempo todo eu estico minhas mãos em direção da luz. No entanto, uma força absurda tenta me puxar para dentro de um buraco sem fim e sem ar. Tive uma vida boa, mas o que Malu me fez sentir deu-me o entendimento que nada se igualaria ao sabor de viver sua existência. Porém, por causa dos meus erros, é como se eu não me convencesse ser merecedor deste deleite. Cada dia que passa, acredito mais nisso.

Então, como que por encanto, vejo algo diferente na luz com a qual flerto em

meio aos meus esforços. Na verdade, ouço. E esse som faz a imagem dela se materializar em minha mente. É tão sedutor quando a escuto pronunciar meu nome:

- Thomas.

Por um instante penso estar sonhando. Mas meu corpo se agita ao mesmo tempo em que me lembro das restrições que impus. O que tornaria impossível a presença dela aqui. Atrevendo-me a desafiar essa realidade malcriada, eu me viro. Depois de entender que eu a tinha de fato diante dos meus olhos, sou acometido de um pavor extenuante: Eu a vejo vindo em minha direção, sentada numa cadeira de rodas. Por um ato de reflexo devido ao meu espanto, a garrafa se solta da minha mão, e digo:

- Meu Deus, Malu. O que foi que te aconteceu, minha agradável dama?

Ao chegar bem perto de mim, ela diz:

- O que foi que me aconteceu, meu amor? – aproximando-se ainda mais, a ponto de eu sentir seu aroma suave, ela continua mirando-me com avidez:

- O amor que tu me deste, e que de forma tão violenta afastaste de mim, fez com que eu não pudesse mais caminhar estando longe do seu calor.

Ela coloca sua mão sobre meu rosto, o que me faz fechar meus olhos já incapazes de deter as lágrimas. Sussurrando em meu ouvido, eu a ouço:

- Por isso vim aqui para você me aquecer.

Abro os olhos e nos encaramos. Ainda que contrariado por ter minhas razões desrespeitadas, sinto um imenso contentamento de tê-la ao meu lado outra vez. Apertando meu rosto com carinho, ela fala:

- Aqueça-me Thomas. Por favor. Estou com tanto frio, amor.

Tentando entender melhor, questiono:

- Posso ficar tranquilo sobre esta cadeira de rodas? Trata-se apenas de você sendo minha doce Malu?

Deslizando sua mão até o meu pescoço, ela responde:

- Contanto que me mantenha aquecida, ficarei bem longe desta cadeira de rodas.

Ela vem de maneira atraente com destino a minha boca, mas preciso intervir, e digo:

- Não Malu. Não estou em condições. Olhe para mim: Esta barba, o álcool que tenho consumido e minha situação...

Ignorando meus argumentos, ela me assalta, e nunca me senti tão grato por um ataque desta magnitude. Lutando contra o fato de não querer ser egoísta por saber que não me encontro em condições de ser homem em plenitude para ela, mas sem já saber se o egoísmo seria afastá-la de mim novamente, dou espaço para que o fascínio que essa mulher me provoca consuma meus sentidos, e assim

voltamos a nos beijar.

A luz que tento alcançar se torna mais nítida, e sou consumido pelo fogo do corpo dela. Afasto sua cadeira de rodas, de forma que consigo colocar minha mão em suas pernas e tirá-la de lá, trazendo-a para o meu colo. Malu segura com as duas mãos minha cabeça, e enquanto vasculha ansiosa minha boca, eu invado sua roupa e toco pela primeira vez cada parte de seu corpo. Sua pele está quente e a sinto se contorcer, desejosa de ir além. De repente ela se desconecta de mim e se levanta. Quem sente frio agora sou eu. Segurando com força minhas duas mãos, ela me olha firme, e me pede:

- Levante-se Thomas! Vem amor... Leve-me para o seu quarto. – fazendo minhas mãos contornarem as curvas do corpo dela, Malu acrescenta:

- Faz amor comigo Thomas. – inclinando-se até o meu rosto e conservando o olhar fixo, ela continua:

- Os médicos não encontraram nenhuma lesão em você. Você está se sabotando! Aceite meu convite para se livrar da sua autopunição seja lá quais forem os seus motivos. Perdoe-se, liberte-se. Vem me fazer feliz, Thomas.

O pedido dela me leva à loucura e decido tentar. Deixo que ela me puxe e invoco toda minha força para arquitetar um movimento com minhas pernas. Consigo ficar em pé. Porém sou traído pela minha falta de capacidade e tendo meu corpo inclinado para frente, desabo rumo ao chão, sendo amparado por ela, que ao se desequilibrar devido ao meu peso se lança como escudo para que eu não sofra o impacto da queda. Mas consigo colocar minha mão debaixo da cabeça dela e com o outro braço absorvo a colisão contra Malu, ao esticá-lo na direção do gramado.

Sou surpreendido pelos seus risos bobos, estando meu corpo estirado sobre o dela, quando a ouço dizer:

- Nossa história daria um romance. Você não acha?

Não me lembro qual foi a última vez que sorri. No entanto, consegui fazê-lo agora quando encaro sua face iluminada pela mulher linda que é. Aproveito para senti-la, ainda que da cintura para cima, e indago:

- E qual o final que você escolheria para esta narração?

Com cuidado ela me vira. Esforço-me para ajudá-la a me colocar em cima da grama. Deitando-se em cima de mim, o que me faz sentir mais ódio do meu estado, ela responde:

- O final eu ainda não sei. Talvez nem existisse um. Deixaria por conta da imaginação de quem o lesse. – passeando suas mãos no meu rosto, ela completa:

- Mas com certeza eu incluiria na narrativa a parte em que a mocinha faz a barba do mocinho barbudo, e depois dá um banho completo nele. O que você acha?

Esqueço o medo de ser egoísta, de pensar se estou sendo ou não assim, e eu a toco novamente. Sinto com prazer minhas mãos deslizarem sobre a parte de trás do corpo dela, ansiando por livrá-la de sua roupa, e respondo:

- Acho que se fosse escrito deste jeito, eu leria umas quinhentas vezes esse trecho da história...

CAPÍTULO 33

Sentada em seu colo no banheiro do quarto dele, quase não acredito que esperei tanto tempo para tomar esta atitude de procurá-lo e fazê-lo reagir. Estou de frente para ele, com cada uma de minhas pernas em torno de sua cintura, prestes a usar o aparelho de barbear nele. Estamos próximos da pia, para que a operação fique mais fácil. O jeito que Thomas me olha enquanto preparo o acessório chega a me dar calafrios de prazer. Está contente e faz questão de mostrar. Como não estou acostumada com tanta intensidade, confesso que fico meio sem jeito, então indago:

- Quando seu irmão não está aqui, quem é que te leva para baixo e te traz para cima todos os dias?

Provocante, ele passa as mãos em minhas pernas, e diz:

- Ora, ora... Acho que tem alguém com vergonha aqui.

Tento me defender, dizendo:

- Não estou com vergonha, eu só...

Expressando alguns instantes de seriedade, conservando suas mãos em meu quadril, Thomas me interrompe, e fala:

- Em resposta a sua pergunta, senhorita, Killian vem aqui todos os dias, mais de uma vez. É ele quem me leva para o jardim, e me busca de tarde. – correndo seu dedo indicador até o decote de minha blusa, Thomas acrescenta:

- E quanto a isso... Quanto eu ousar te tocar e tê-la comigo, é porque sua

chantagem é boa.

Nem acredito que ele para, repousando seus braços no encosto da cadeira de rodas. Olhando-me sério, diz:

- Não pensava em conversar sobre este assunto, mas acho importante que saiba Malu, que por mais que você me deixe louco. – ele olha para baixo e não consegue terminar a frase. Por isso entendo que é hora de eu intervir, dizendo bem próximo ao rosto dele:

- Thomas, sabe qual é a parte mais importante do sexo para mim?

Conquisto um olhar curioso dele, e então respondo:

- O fato de saber que quem explora meu corpo, também deseja minha alma. Você faz ideia de há quanto tempo eu não vou para cama com ninguém, embora tenha beijado muitas bocas? – com seus olhos cravados nos meus, prossigo: - Já nem me lembro. Desde minha última experiência, perdi as esperanças de acreditar que isso seria possível, até te encontrar.

Ergo sua cabeça por completo e começo enfim a barbeá-lo, dizendo:

- Portanto, Conde Thomas Albernethy, seja qual for a forma que utilizar para me dar prazer, será válida para mim.

Ganho um Thomas silencioso enquanto eu o barbeio. O calafrio adquire mais vigor a cada minuto. Estou me deliciando. Pouco a pouco fica claro para nós dois o quanto nos encaixamos, seja qual for o desafio. Uma comunicação que nunca havia experimentado antes. Nada verbal. Exclusivamente instintiva. Venço a timidez e lanço-lhe olhares tão profundos como os dele ao longo da tarefa.

Quando termino, entro em êxtase com o resultado, e digo contemplando-o:

- Céus! Você é lindo.

Tirando com suavidade a toalha das minhas mãos, Thomas fala ao colocá-la na pia:

- Está na hora de testarmos algumas formas de prazer, minha agradável dama. Topa?

Ansiosa, respondo:

- Por favor, amor.

Seus olhos passam por mim e sinto uma energia calorosa entranhar-se na minha pele. Bem lentamente, ele abre cada botão de minha blusa. Ao tirá-la, passeia suas mãos com firmeza da minha cintura até meu sutiã, e eu vou ao delírio quando o abre.

Nossa respiração se torna arquejante. Com cuidado, Thomas me trás para mais perto dele e começa a beijar intensamente meus seios. Entrego-me por inteiro ao momento, lançando minha cabeça para trás. Ele então segura meu pescoço e me conduz até sua boca. Não resisto e faço um comentário em meio a

risos:

- Agora sim... Gostinho de menta...

Seu sorriso encantador se abre e nos beijamos como se fosse a primeira e última vez. Sinto-me ferver de desejo. De repente ele dá dois tapinhas de leve em minhas coxas, e pede:

- Fica em pé, lady, por favor.

Levando seu corpo para frente, Thomas abre o botão da minha calça e começa a tirá-la. Logo depois minha calcinha. Da minha coxa até meus seios, ele passa firmemente suas mãos. Com um pouco mais de força, abre minhas pernas e me levanta pela cintura, colocando-me em seu colo outra vez. Ao mesmo tempo em que sua mão direita leva-me para seus lábios com agradável ternura, dois dedos de sua mão esquerda são introduzidos dentro de mim. Delirando, digo:

- Ainda bem que mandei todos embora esta noite. Ninguém, além de você, vai me ouvir.

Iniciando movimentos sincronizados e cravados com os dedos, Thomas devora minha boca, e fala:

- Que mulher inteligente eu tenho.

Suas investidas me levam ao estado de loucura, e começo a gritar de prazer, com meu rosto colado ao dele. Nossos olhos se abrem e eu o vejo satisfeito por apreciar o bem que estava me fazendo através das expressões do meu rosto. Sorrindo, ele me diz: - Ah, minha agradável dama...

Abraçada a ele, meu grito final expressou meu primeiro orgasmo em anos, de um jeito que eu jamais havia sentido. Eufórica, repito com alegria o nome dele: Thomas, Thomas. – olhando com carinho em seus olhos, falo: - Eu amo você.

Percorrendo minhas costas e me beijando, ele diz depois de morder com delicadeza meu lábio inferior:

- Eu também amo você, Malu.

CAPÍTULO 34

Que delícia olhá-la cuidando de mim através do meu espelho. Aquela força que sugava minhas energias desapareceu em meio aos gritos de prazer que pude proporcionar a ela. Estou completo, embora preso nesta cadeira de rodas. Mas se é preciso ser deste jeito, que seja com Malu ao meu lado. Enquanto ela penteia meus cabelos, digo:

- Fez minha barba, me deu banho, me proporcionou bem-estar... Está na hora de oficializarmos nossa posição na vida um do outro. Não acha, lady?

Usando meu roupão, Malu para de me pentear. Debruça-se no meu lado direito e começa a passear o pente no meu corpo também envolto no mesmo traje, porém aberto, e sussurra ao meu ouvido:

- Eu tenho uma sugestão.

Largando o pente em cima da pia, ela senta no meu colo, de lado, e fala:

- Que tal sermos o amor eterno um do outro?

Tentei falar, mas ela me interrompe, e diz:

- Funcionaria assim: Quando perguntarem nosso estado civil, diremos que somos felizes. Se me questionarem se tenho namorado ou marido, digo que tenho algo muito melhor. Eu tenho o Thomas. Tenho amor. – beijando-me com lentidão, ela indaga ao final: - Conde Thomas Albernethy, quer ser meu amor eterno?

Outra vez ela arranca um sorriso meu. Pego sua mão esquerda e a beijo, dizendo:

- Com muito prazer, minha agradável dama. Quero ser seu amor para todo o sempre.

Sorrindo, ela me dá um novo beijo, e questiona:

- Posso tirar uma dúvida?

Surpreso, respondo:

- Tiro todas as dúvidas que você quiser, quantas vezes forem necessárias.

Colocando seus braços em torno de mim, indaga:

- Qual é o seu post favorito no meu blog?

Acariciando o rosto dela, sorrio, penso por alguns segundos, e respondo:

- Esta é fácil. No dia dezoito de maio de dois mil e dezesseis, você escreveu um texto onde expressou sua indignação ao expor que o Brasil tem quase nove mil refugiados de setenta e nove nacionalidades. Citou a guerra na Síria, que provocou quase cinco milhões de refugiados e a pior crise humanitária em setenta anos. Sua revolta era clara em suas palavras, e usou muitas linhas para tentar entender como era para estas pessoas terem de abandonar tudo rumo ao desconhecido em busca de paz. Ao final convidava os escritores a explorarem este assunto, com a finalidade de usar a literatura para espalhar o que mais falta ao mundo.

Junto com ela, eu disse:

- Amor.

Depois de contemplá-la por um instante, acrescentei:

- Mais alguma dúvida, minha doce Malu?

Ela me olha com delicadeza, e diz:

- Não. – rindo, fala: - Acho que está na hora de eu ir lá embaixo buscar seu presente de aniversário ultra mega super atrasado.

Apertando-a contra mim, digo:

- Quer dizer que você me comprou um presente?

Levantando-se, ela responde depois de me dar um rápido beijo:

- Comprei sim, mas não tive oportunidade até agora de entregá-lo. Ansiosa para ver a sua reação. Já volto. Ok?

Deslizo minha mão para dentro do roupão dela, roubo-lhe mais um beijo, e digo:

- Volta logo, lady. Temos muitas outras formas de prazer para testar.

Ela sorri e antes de desaparecer, acrescenta com um ar brincalhão: - A propósito, pelos meus cálculos, você perdeu o nosso desafio. Isso faz de mim a vencedora! – só então me lembro da nossa brincadeira, e sozinho rio com a recordação.

Por causa da pergunta dela, eu também me lembro de outras coisas do seu blog, e uma frase de Malu veio à tona neste momento: “Ser humano não sabe sentir felicidade sem dispensar o medo de perdê-la”. É tão apropriado para agora. Porque estou inquieto. Muito feliz e muito preocupado. Ou... Com medo.

Olho para minhas pernas e sinto-me decepcionado comigo. Lembro-me dela reforçando que os médicos não encontraram nenhuma lesão. Talvez eu esteja mesmo me sabotando. Posso ter medo de ser feliz sem merecer. Mas quero tanto

fazê-la minha mulher de verdade. Senti-la em plenitude. Preciso.

De repente ouço gritos. Minha primeira reação é achar absurdo, porque faria jus ao meu temor, mas eles são nítidos e sinto meu coração congelar. Quando me dou conta já estou gritando o nome dela: - Malu.

Viro a cadeira e saio às pressas do banheiro. Corro o máximo que posso e chegando ao alto da escada, vislumbro a concretização do meu receio: Malu está estirada lá embaixo. Só posso estar num pesadelo. Levo minhas duas mãos à cabeça e não sei o que fazer. A força para gritar desapareceu. Minha respiração acelera. Tenho que chamar uma ambulância. Volto ao quarto em busca do meu celular, já que mandei desativar todas as linhas da mansão para ter privacidade.

Reviro gavetas e ponho abaixo meu closet. Não o encontro. Tenho a sensação que não vou suportar. Uma dor no peito me consome, e grito: “Por Deus, Thomas, ela está lá embaixo precisando de você”. Bato com ódio meus braços na cadeira. Sinto-me possuído pela cólera. A imagem de Malu ao chão rouba-me o ar, e eu me lanço da cadeira, sendo arremessado contra o piso, desta vez sem o corpo dela para me ajudar.

Jogado de barriga para baixo no closet, experimento um choro de desespero como jamais provei igual. Desfiro golpes contra o chão, na ânsia de aplacar a dor latejante no meu peito. Então neutralizo os pensamentos e me esforço. Deposito toda a minha energia nos braços, e depois nas pernas. Faço tanta força que logo estou transpirando. Do meu rosto gotas de suor aglomeram-se, prontas para cair.

A princípio julguei que fosse apenas um reflexo, mas a seguir eu me vi de quatro, apoiado em meus joelhos. A respiração começou a regredir para o seu estado natural aos poucos. Era como se eu estivesse nascendo novamente, até que ousei ficar de pé. Sim. Eufórico, grito:

- Estou em pé!

Esforço-me um pouco mais e surpreendo-me com a sensação de correr de novo. Estou correndo! É! Estou correndo! E corro para ela. Volto a perceber o medo dentro de mim. Experimento a maravilha de voltar a andar e o pavor de descobrir o que pode ter acontecido à Malu.

Quando termino de descer os degraus, crio coragem para pronunciar o nome dela, mas então a vejo abrir os olhos. Eles me encaram provocantes. Ao redor de seu corpo estirado ao chão existem várias pétalas de rosas. Ainda estou em pé. Ela está virada de barriga para baixo. Sou surpreendido quando Malu se vira, abre seu roupão, exibindo uma lingerie vermelha, sexy, e diz com uma voz sensual:

- Feliz aniversário atrasado amor.

FINAL

O mundo é dos atrevidos. E eu me atrevo sempre. Atrevo-me a dizer o que penso. Atrevo-me a buscar o melhor para mim. Atrevo-me a convidar as pessoas a buscarem o melhor para elas e para outras pessoas também. Meu atrevimento me trouxe Thomas. Então agora é oficial: Sou uma atrevida profissional; também trouxe para perto de mim todas estas pessoas neste baile de inauguração do centro de ajuda aos refugiados, financiado pelo meu amor, como homenagem a minha indignação.

Dentre elas, senhor Rupert está dançando sozinho, parecendo uma criança, só que embriagado de vinho. Meus pais estão sentados, conversando com Thomas ao meu lado na mesa. Killian e Elisa também estão fazendo bom uso da pista de dança, acompanhados de Marcos e Stella, que ao olhar para mim, sorri e põe a mão sobre o ventre, fazendo-me lembrar da recente notícia e do que ela me disse há poucos minutos atrás: só estou grávida porque aprendi a dançar com maestria a dança da vida.

Também contemplo o casal de anões bilionários, senhor Aquiles e sua esposa, Isadora, parecendo dois bonequinhos entregues aos ritmos das músicas variadas pelo DJ. Loren não compareceu. Sinto até um calafrio de horror nas entranhas por lembrar a decisão dela, porém, ela atendeu aos apelos machistas do marido promovido a Diretor de departamento, e decidiu ser apenas uma dona de casa. Motivo dela não estar aqui hoje? Ele está viajando a serviço, e ela não se sente bem longe dele. Se ela está errada, não sei. Como estabelecer certo e errado para o que traz felicidade a uma pessoa? Contanto que isso não signifique a morte de alguém, ou dela própria, sei lá, quem sabe seja válido.

Eu estou a degustar minha bebida e a observar. De repente a conversa para, e Thomas me olha sedutor, enquanto meu pai convida minha mãe para dançar. Antes de irem para pista, me dão um beijo, cada um em um lado da bochecha, e meu pai diz:

- Já te dissemos que temos muito orgulho de você, princesa?

Sorrio para ele, e respondo:

- Será a décima vez só hoje. – rindo, acrescento: - Mas eu adoro!

Todos riem e feliz os vejo se afastar. Thomas arrasta sua cadeira para mais perto de mim, acaricia meu rosto, e sussurra em meu ouvido:

- Vontade de fazer sexo com amor mais uma vez... Topa?

Adivinhem minha resposta...

MUITO OBRIGADA POR CHEGAR ATÉ AQUI!

SPIN-OFF “ROSAS PARA ELA” ESTARÁ DISPONÍVEL EM 07 01 2019

PELA AMAZON. ATUALMENTE JÁ SE ENCONTRA DISPONÍVEL PARA PRÉ-VENDA.

Gostou do livro leitor ou leitora? Então, me conta! Rsrtrs Estou no Facebook e Instagram. Ou apenas deixe seu comentário na Amazon. Meu combustível é a sua opinião. É o que me impulsiona a continuar dando o meu melhor para a literatura.

Facebook: <https://www.facebook.com/AguedaFaon>

Instagram: @FabiEster

Skoob: <https://www.skoob.com.br/usuario/1213922>